

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E  
SOCIEDADE**

**Regiane Santos Flauzino de Oliveira**

**DO FINDAR DE UMA CARREIRA À  
VELHICE INATIVA: UMA DISTÂNCIA A  
PERCORRER OU O “FIM DA LINHA”?**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

**Área de Concentração:** Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade

**Orientador:** Prof. Dr. Rogério Rodrigues

**Fevereiro de 2015**

**Itajubá – MG**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E  
SOCIEDADE**

**Regiane Santos Flauzino de Oliveira**

**DO FINDER DE UMA CARREIRA À  
VELHICE INATIVA: UMA DISTÂNCIA A  
PERCORRER OU O “FIM DA LINHA”?**

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski (UNIFAL)

Prof. Dr. Carlos Alberto M. Pimenta (UNIFEI)

Prof. Dr. Rogério Rodrigues (Orientador)

**Fevereiro de 2015**

**Itajubá – MG**

# DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, por me formarem com liberdade.  
Ao meu marido, por me amar com intensidade.*

## AGRADECIMENTOS

O agradecer desta hora eu o faço como uma reverência que aflora os sentidos e o ser. Em uma singela reverência agradeço aos coordenadores deste programa de mestrado: Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta e Prof. Dr. Adilson da Silva Mello, por seguirem os sinais da vida e abrirem as portas de um universo de criticidade e construção.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério Rodrigues, por ser qual um mineiro talhando nosso pensar, no fiel cumprimento de achar algum sinal valioso, pistas de preciosidades de pesquisa.

Aos professores colaboradores, em especial a Prof. Dra. Sylvia da Silveira Nunes, pelas magníficas aulas e discussões que me fizeram entender propósitos de âmbito pessoal e profissional.

Aos colaboradores da pesquisa, na pessoa de José Eduardo Costa Mattos e José Manuel Dias Francisco pelo interesse e incentivo ao trabalho; pela disponibilidade de tempo dedicado ao recordar a história e selecionar inúmeros arquivos que contribuíssem para tal.

Aos entrevistados, coração deste trabalho, os quais por privacidade não nomino, mas que estão destacados em suas memórias generosamente disponibilizadas nesta pesquisa. Representam o *status* mais sublime do humano: aquele que disponibiliza de si mesmo para saciar a fome de outro.

Aos professores da banca de qualificação e defesa que dispuseram de seu tempo e competências para avaliar esta pesquisa; em especial agradeço ao Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski, membro externo da banca, que gentilmente aceitou o convite.

Aos membros do grupo de pesquisa Educação, Saúde e Trabalho, sobretudo pela companhia e amizade de Livia Azzi e Márcia Alves por comungar ideais em grupo. Aos colegas Othoniel Mollica e Otávio Silva, pela generosidade em partilhar suas experiências de vida. A CAPES, por financiar esta pesquisa.

Enfim, a todos que, de alguma forma, lançando um olhar sobre esta pesquisa, me auxiliaram na escolha das cores e contornos, e acima de tudo, depositaram em mim confiança.

## APRESENTAÇÃO

Ser de alguma forma participante e pesquisadora deste trabalho me faz lembrar a expressão “comunidade de destino” de Jacques Loew em *Journal d'une mission ouvrière*<sup>1</sup> no qual o participante adentra o *locus* dos sujeitos observados de maneira irreversível.

Assim se denomina a irreversibilidade, quando aquilo que se pesquisa, de alguma forma fez ou faz parte de sua própria história, porque não se está observando um veículo passar, mas se está dentro dele, observando de perto o comportamento dos viajantes em suas ternuras e seus azedumes. Sofre-se, de alguma forma, como é comum, as intempéries da viagem, mas recupera-se a distância entre os fatos e o pesquisador, tomando-se um afastamento por ocasião das paradas.

Participante por presenciar durante os anos juvenis a dinâmica de uma vila operária e por agora poder contemplar com um olhar científico uma curvatura de vida daqueles que, sem ser parentes, eram chamados tios e sem serem chefes, eram carregados de *status* e poder organizacional.

A vila, a empresa, a casa, o trabalho são variáveis que compõem um estudo daqueles que viveram anos a fio imersos na organização do trabalho.

O desafio, a transição, a derradeira saída de uma espécie de ninho acolhedor, que tenciona o sujeito a decifrar o que há de si mesmo na mistura entre o público e o privado e o recomeço de uma nova vida.

---

<sup>1</sup> LOEW, J. **Journal d'une mission ouvrière: 1941-1959**. Saint-Amand: Éditions Du Seuil, 1959.

## RESUMO

Trata-se de um estudo que visa compreender os resultados das relações de trabalho em sujeitos aposentados de meia-idade, ainda produtivos, de uma empresa do setor energético, desconstruindo o conceito de uma vila operária como morada e a necessidade desses sujeitos de refazer seu projeto de vida. O estudo focaliza a problemática de uma aposentadoria que os leva a uma quase morte social no trânsito do espaço público para um espaço privado ainda indefinido. Neste sentido aponta a necessidade da reflexão a respeito da identidade colocando-se em questão a temática da vivência dupla em ambientes organizacionais: vila e empresa. A problemática deste estudo questiona os impactos, por ocasião da aposentadoria, da intersecção entre a vida particular e a vida do trabalho. Neste esforço pretende-se adentrar em clássicos que discorram sobre o marco conceitual-ideológico sobre a categoria de identidade, explorando as estruturas sociais que formam o sujeito na comunidade em que está inserido, considerando que as tramas do dia-a-dia doméstico se misturam aos olhares da empresa. No intuito de entender o cotidiano do vilense e suas influências, estuda-se o conceito de vila operária bem como a dinâmica da vila em questão. A saída do aposentado, analisada da perspectiva identitária, leva em consideração as perdas do sujeito considerado habitante de um plano onde se manifestava o paradoxo da segurança, oferecida pela empresa, e da orfandade, na ausência destas estruturas. Voltando-se para o sujeito, procura-se através da metodologia da História Oral, uma escuta sensível a fim de capturar as singularidades do sujeito e as substâncias que compuseram a sua partida da vila. Neste processo de transição, busca-se a observação do sujeito de pesquisa a partir de uma proposta interdisciplinar, refletindo no programa atinente, o desenvolvimento social a partir da perda de autonomia do sujeito, docilizado pela estrutura da organização do trabalho.

**Palavras-chave:** Aposentadoria, vilas operárias, sociedade, identidade

## ABSTRACT

This study aims to address the results of work relationships in mid-aged, yet-productive, retired individuals from a state-owned energy company, as they disassemble the notion of the workers village as home and bear the need to redefine their life project. The study focuses in the problematic of a retirement which leads them to an almost social death as they migrate from the public space to a private, yet to be defined one. On this context, the study points to the need of reflecting about the identity, addressing the question of dual life into an organizational environment: the village and the company. This study addresses the impact of the intersection between private life and professional life by the time of the retirement. On this effort, it's aimed to step into classic works discussing on the conceptual-ideological milestone about the identity category, exploring the social structures which shape the individual on the community where he is inserted, where daily affairs mix to the organizational atmosphere. Aiming to understand the daily life of villagers and their influences, this study addresses the concept of worker village as well as its dynamics. The leaving of the retired individual, from the identity perspective, takes into account the losses of one considered as inhabitant of a frame where a paradox raises: the safety offered by the company and the orphanhood when such structures are absent. Focusing on the individual, this study seeks to, as per the Oral History methodology, provide an sensible hearing, aiming to capture the individual's singularities and the substances that made part of the departure from the village. On this transition process, it's aimed to observe the research subject from an interdisciplinary approach, reflecting on the regarded program, the social development from the loss of autonomy by the individual, tamed by the work organization.

**Keywords:** retirement, workers' villages, identity

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Quadro de referência – Empresa / vila operária em estudo.....	34
--	----



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – A CAMINHO DE UMA HISTÓRIA .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – TUDO O QUE ELE TINHA.....</b>	<b>21</b>
1.1 A CHEGADA E O OLHAR: O BARRO VERMELHO, OS OPERÁRIOS E A VILA ...	21
1.1.1 A CRIAÇÃO DAS VILAS OPERÁRIAS – ASPECTOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS ...	24
<b>CAPÍTULO II – TUDO O QUE ELE ERA.....</b>	<b>31</b>
2.1 A IDENTIDADE.....	31
2.2 A NOÇÃO DO SI-MESMO.....	32
2.2.1 NA CONCEPÇÃO DE WILLIAM JAMES .....	32
2.3 UM OLHAR PARA QUEM ESTÁ NA VILA .....	34
2.3.1 A PARTIR DO SI-MESMO SEGUNDO JAMES (1890/1952) E MEAD (1973) .....	34
<b>CAPÍTULO III – POIS ELE SABE QUE NÃO MAIS SE FARÁ O QUE ELE QUERIA SER... ..</b>	<b>40</b>
3.1 UM OLHAR PARA QUEM SAI DA VILA: APOSENTADORIA E OS IMPACTOS NO SUJEITO .....	40
3.2 A SAÍDA PARA O “MUNDO LÁ FORA”: ANÁLISE DA RUPTURA IDENTITÁRIA .....	42
3.2.1 TRAJETÓRIA REVERSA: PISO LÁ FORA, OFUSCA OS MEUS OLHOS.....	44
3.2.2 CEGUEIRA OU VISÃO, CAMINHO OU PRISÃO, DESEJO OU DOR? .....	65
3.2.3 VIDA DE APOSENTADO: QUEM É O SUJEITO QUE SE APOSENTA?.....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO – A CAMINHO DE UMA HISTÓRIA

Diminuta construção aos olhos daqueles que nela habitam uma vida inteira, as areias da praia trazem marcas de uma vida e as águas do mar sonorizam uma história em detalhes. Vagueiam pela praia saudosos operários, passeiam entre os bancos crianças pequeninas, de vidas já feitas pelas despedidas. De certo parece um tom nostálgico, de vidas que necessitam ser refeitas, por novas e inauditas perspectivas.

Nesta direção, fazendo uso da sensibilidade e da motivação histórica do sujeito, este trabalho surgiu da experiência de vida de trabalhadores de uma empresa e do deixar este constructo existencial: sua vivência em dependências organizacionais – uma vila operária.

O trecho inicial contém elementos que construíram uma realidade de vida e uma realidade de partida. A realidade de vida diz respeito aos sujeitos que trabalharam em uma empresa e moraram em uma vila operária, anexa a essa empresa. A realidade de partida advém, em se tratando de um estudo que toca a aposentadoria, de deixar um modo de vida inculturado pela organização do trabalho e adentrar um novo contexto de vida, desconhecido e inseguro. A aposentadoria, neste caso, é um divisor de águas para funcionários que fizeram de sua identidade um ser-existir gestado pela força de uma marca e pelo sentimento de pertença a uma categoria hierárquica até as instâncias da vida cotidiana. Este aspecto da realidade caracteriza o objeto de pesquisa e ainda, considera como sujeito de pesquisa, o morador de uma estrutura fechada e funcionalmente segregada, onde o reflexo da organização do trabalho permeia o aparelho habitacional. A começar pela entrada – a portaria, a vigilância – que semelhante a dos condomínios residenciais, revela uma peculiaridade das empresas: um adesivo colado ao vidro do automóvel atesta que o mesmo pertence a um funcionário. Comércio, clubes, parques, escolas, ruas e calçadas com um único padrão de construção emolduram quarteirões de casas estratificadas de acordo com o escalão funcional – A, B, e C – do maior posto da hierarquia para o menor. Todo o projeto habitacional gravita em torno dos valores organizacionais que não tendem a mudança ou diversificação, no que se refere às suas estruturas materiais. Piquet (1998), a respeito das vilas operárias, afirma que a execução deste projeto apresenta um arranjo fechado e estático que mostra uma construção semelhante a

um apêndice da empresa. Sobre esta concepção de vila operária e a estratificação funcional nela existente, Piquet (1998, p.117) afirma:

A estratificação funcional que caracteriza a atividade produtiva é reproduzida no bairro tanto em termos espaciais, através da separação das residências por escalões funcionais, quanto no que se refere a determinados equipamentos coletivos, como as escolas.

Neste sentido, a dinâmica habitacional penetra a questão da vida privada e o existir do sujeito, que trabalha na empresa e mora em dependências pertencentes à empresa, misturando o público e privado. A esfera do privado, no estudo em questão, corresponde ao espaço da intimidade onde está presente a espontaneidade e a naturalidade das relações. O espaço público, por outro lado, é o lugar sob domínio da organização do trabalho, neste caso, penetrante na estrutura material (estrutura habitacional da vila operária e instalações da empresa) e na estrutura imaterial (as linhas da hierarquia e os ares da marca organizacional presentes na vila). Neste sentido, Arendt (2010, p.71), a respeito de viver uma vida privada, define o estar privado como “o fato de ser visto e ouvido por outros, privado assim de uma relação objetiva com eles, o que resulta no ligar-se e separar-se deles perante um mundo comum de coisas”. Dessa forma, para viver uma vida privada e usufruir de um refúgio contra o mundo público, faz-se necessário o “ligar-se e o separar-se”, na expressão de Arendt (2010, p.71). O contrário, a ausência da privacidade, poderá inserir o sujeito em posteriores complicações por ocasião da aposentadoria? Como o sujeito singulariza-se neste processo? Tais expressões se configuram em problemáticas neste estudo.

Para tal, considera-se como hipóteses de estudo, o caráter fechado e sistematizado organizacionalmente como desafio para a vida familiar, comunitária, laboral e os impactos no sujeito retirado da estrutura em questão. Esta proposição é corroborada por Farah e Farah (1993, p.61), que destacam os seguintes pontos:

Ainda que a gestão dos equipamentos oferecidos sejam marcados pela qualidade, permanece uma peculiar situação de inserção social dos indivíduos, marcada por um conjunto de diversos condicionantes que tornam o cotidiano mais difícil. Dentre esses podemos destacar a permanência dos indivíduos, “vinte e quatro horas por dia”, em espaços pertencentes à empresa; Isolamento; “Segregação” funcional; Intenso controle social; Dificuldade de inserção de mulheres no mercado de trabalho; Ausência de oportunidades de desenvolvimento para adolescentes; Exclusão de idosos; Despreparo das crianças para a vida futura em cidades convencionais.

Leva-se em consideração a análise de uma cultura enraizada no trabalho produtivo e os impactos pertinentes à aposentadoria. Quanto a esta hipótese, afirma Redondo (1992, p.1) que a “entrada e saída do mundo do trabalho estabelecem relevantes modificações no ciclo de vida do sujeito, imperativo para grandes transições em sua biografia social”.

Concernente à postura metodológica da pesquisa, interessa o olhar para além do aparente, em especial quando se trata de subjetividade, que, no estudo em questão tem estreita relação com uma definição ontológica dada por Rey (2005), que define como sua unidade constitutiva e essencial, os sentidos subjetivos.

A subjetividade em questão é tomada em referência ao que Rey (2005, p.18) chama de “sistemas complexos”, os quais consideram o sujeito em sua cultura, em um processo mutuamente influenciável. Desta forma, o autor destaca um conceito de subjetividade considerando os aspectos da diversidade advindos do cotidiano social, tal como explica:

(...) uma forma de organização plurideterminada e sistêmica, que se compromete com o momento atual de ação do sistema. A complexidade expressa uma tensão constante entre organização e processo, entre continuidade e ruptura, que rompe com o determinismo mecanicista. Os sistemas complexos não aparecem de forma imediata perante o observador, sendo que seus processos e formas de organização devem ser construídos a partir de inúmeras formas de expressão. A multiplicidade de aspectos, presentes nos fenômenos sociais e psicológicos, da qual, de algum modo, ocupam-se as diferentes ciências antropossociais, apresentam diferentes relações entre si, chegando a definir processos qualitativamente diferentes daqueles que os originam. Esses aspectos, que têm produzido novas representações teóricas nos diferentes campos do conhecimento, também estão presentes nas ciências antropossociais, e um dos sistemas que tem essas características é o que definimos como subjetividade (REY, 2005, p.18).

Assim, considerando a cultura local como elemento formador da subjetividade, destaca-se no quadro em questão um cenário cartesiano, formado por estruturas organizacionais e estáticas com ares de ordem sócio-espacial (procedimentos sociais, delimitações de espaços, padrões em cores, e formatos). No que se refere a um sistema complexo, corrobora Andery et al (1999) que é necessário detectar o que é obscuro e o que se determina por detrás do aparente, para então apontar contradições que estão em um movimento contínuo de mudança, observando a relação entre esses fenômenos com o conjunto do problema em estudo. A totalidade deste fenômeno não será entendida como o somatório das variáveis, mas como o

sentido que possui na observação do movimento que captura as diversas determinações que compõem este fenômeno (ANDERY et al, 1999).

A metodologia de trabalho contempla, assim, a compreensão do objeto e seu desenvolvimento no tempo.

Leva-se em conta neste estudo a linha de pesquisa Desenvolvimento e Sociedade, a qual se ocupa da temática do Desenvolvimento a partir de uma concepção que não o reduz exclusivamente ao crescimento econômico, visto que o mesmo processo de industrialização ocasionou sequelas sociais. Ainda, busca-se neste programa, a produção de conhecimento e ações sobre desenvolvimento, trabalho e identidade integrados em uma perspectiva multidisciplinar<sup>2</sup>. Quanto a essa questão, faz-se necessário destacar a orientação teórica da pesquisa, que deve capturar elementos pertinentes ao desenrolar histórico e social do sujeito, e que contemplem os requisitos acima destacados. Assim, para pensar o composto metodológico, Bosi (1993, p.278) destaca dois níveis que devem ser procurados em um trabalho científico:

- I. A orientação da pesquisa, “tendência teórica” que guiou a hipótese inicial até a interpretação final dos dados colhidos;
- II. A técnica particular da pesquisa, o procedimento.

A esse respeito classifica-se como “tendência teórica” (BOSI, 1993, p.278) na pesquisa em questão, a Teoria Crítica da Sociedade ou a Escola de Frankfurt, respeitando a necessidade do resgate da subjetividade para a compreensão do problema de pesquisa, bem como a aferência de uma análise crítica do dual vila-empresa e os impactos no sujeito.

Esta Escola tem como fundamento uma reflexão de natureza filosófico-sociológica e procura denunciar a perda de autonomia do sujeito nas esferas da sociedade industrial. A autonomia, neste caso, diz respeito ao processo pessoal de singularização; a capacidade de individualizar-se no contexto em destaque.

Neste processo pertinente à liberdade, os frankfurtianos buscam refletir sobre o conceito de sujeito reivindicando o direito à felicidade e à autonomia. Assim, pensar em um método de pesquisa que tenha como referência a Teoria Crítica da Sociedade é confrontar com o olhar pré-formado e realizar a primazia da reflexão como salto qualitativo na pesquisa (HORKHEIMER e ADORNO, 1956/1973).

---

<sup>2</sup> <http://www.unifei.edu.br/pg/pos-graduacao-inicial?c=117&m=ME&p=0&lang=PT>

Já o “procedimento, ou técnica particular de pesquisa” (BOSI, 1993, p.278) baseia-se em um estudo de caso, a partir da observação e entrevista utilizando-se da metodologia História Oral, ferramenta com bases na Escola de Frankfurt.

Para Meihy (2005, p.17-8), “a História Oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas”. Mas, para além do simples registro, ela exige uma escuta sensível do pesquisador para com o sujeito de pesquisa. Sob a influência da Escola de Frankfurt, a História Oral leva em conta um processo de valorização da subjetividade, ultrapassando as aparências. Quanto a isso, Salgado e Franciscatti (2014) afirmam que este método é um meio de realizar a pesquisa que reclama por elementos de superação da conformidade e que valoriza a razão intelectual e sensível, sendo imperioso ao pesquisador e ao entrevistado acessarem a subjetividade para narrar, interpretar e se apropriarem daquilo que foi narrado, ouvido e sentido no campo da pesquisa.

Em se tratando de subjetividade, Salgado e Franciscatti (2014, p.308), em estudo sobre o potencial da História Oral, elencam autores como Portelli (2001), Bosi (1994), Khoury (2001) e Chochik (2008), que destacam “a subjetividade como elemento revelador da objetividade”.

Leva-se em conta a capacidade da História Oral em entrevir a história individual inserida na história do coletivo, como afirmam Salgado e Franciscatti (2014, p.308):

Considerando a subjetividade como apropriação da objetividade social, parte-se de que a primeira potencialidade do método da História Oral reside em sua capacidade de vislumbrar a história individual concatenada com a história coletiva. É na relação dialógica que emerge do encontro entre pesquisador e entrevistado que reside a reivindicação do indivíduo (não realizado) por espaços nas configurações universais.

E, quando se refere a “reivindicação do indivíduo” (SALGADO e FRANCISCATTI, 2014, p.308), é necessário focar a atenção para além dos limites de documentos organizacionais. De acordo com Alberti (2004), nessa abordagem procura-se dirigir a atenção para além dos documentos da empresa, concentrando-se nas versões daqueles que são testemunhas de uma história referente à trajetória de vida.

A fonte de História Oral pode, assim, fornecer uma dimensão viva com novos aspectos ou perspectivas para a historiografia. Ela pode ser empregada somente para aspectos

contemporâneos, em um passado não muito distante. Isto significa captar a memória de sujeitos ao alcance e que possam ser entrevistados, sejam estes atores ou testemunhas da história (ALBERTI, 2004). Igualmente, Bosi (2004) define a memória oral como uma forma de apresentar elementos que não prezem pela unilateralidade e que enriqueçam a pesquisa com elementos da sensibilidade. Nas palavras de Bosi (2004, p.15):

A memória oral, longe de unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades.

Ainda, em se tratando de uma pesquisa interdisciplinar, considera-se que o resgate da subjetividade demanda uma aproximação de disciplinas humanas e sociais. Assim, apoiando-se na orientação frankfurtiana, leva-se em conta uma reflexão crítica das estruturas que eliminam o sensível e procuram formatar o sujeito em prol de um desenvolvimento linear e progressista, sem levar em conta o “empobrecimento da memória e a perda da autonomia”, na expressão de Rouanet (1990).

A escolha da metodologia, portanto, é ajustada à proposta deste estudo, em consonância com os objetivos da pesquisa que compreendem a captura dos elementos da subjetividade, marcantes no sujeito que transita para a aposentadoria.

A História Oral centra-se, portanto, na memória humana e na capacidade de testemunho do que foi vivenciado. Assim, na pesquisa em questão, utiliza-se da memória através de estímulos daquilo que é representativo. Para tal, o estudo de caso teve como critério a escolha de aposentados que viveram nas vilas operárias da empresa em estudo e funcionários que ainda são moradores, trabalham na empresa e que estão na iminência de se aposentar. Outro critério utilizado para a escolha dos entrevistados foi o tempo de permanência na vila operária. Desta forma, os sujeitos de pesquisa foram escolhidos pela importância nos termos de tempo/experiência vividos no *locus* de pesquisa. Quanto a isso, Alberti (2004) afirma que na História Oral, a escolha dos entrevistados é guiada pelos objetivos da pesquisa e são selecionados em função de sua relação com o papel estratégico e sua localização no grupo, por exemplo. Não representam unidades quantitativas ou estatísticas, mas unidades qualitativas (ALBERTI, 2004). Assim, seguindo a indicação da autora em questão, a escolha dos entrevistados leva em consideração o papel representativo dos integrantes, ou seja, a

intensidade com que testemunharam os acontecimentos. Neste caso, a intensidade está relacionada ao tempo de permanência dentro e fora do *locus* de pesquisa. Assim, a variável tempo, foi requisito fundamental para tomá-los como unidades qualitativas. Além desta variável, foram escolhidos entrevistados de todos os níveis hierárquicos, com funções que lhes permitiram acumular conhecimento sobre a história local desde a fundação e experiência no acesso e convivência com as pessoas da comunidade em pesquisa.

Desta forma, para alcançar a descrição analítica do objeto, foram utilizadas entrevistas aplicadas aos moradores das vilas, que nelas habitaram por mais de vinte anos, bem como relatos informais e a vivência da pesquisadora no local. Na pesquisa em questão foram entrevistados 10 aposentados com tempo de serviço entre 30 a 40 anos e que já deixaram a empresa há mais de 10 anos; 3 aposentados com tempo de serviço na faixa de 40 anos e que planejavam se desligar no ano da realização da entrevista (2014); e 4 funcionários com tempo de serviço entre 25 a 30 anos de empresa e que ainda eram moradores da vila por ocasião da entrevista, totalizando 17 relatos.

O nome dos entrevistados foi ocultado; entretanto, com o objetivo de trazer à leitura a sensibilidade histórica dos sujeitos, optou-se por definir pseudônimos para cada um. Desta forma, foram atribuídos sobrenomes ao acaso, sendo, portanto, mera coincidência qualquer semelhança com os nomes de pessoas reais. Em relação ao processo de coleta de dados, foi necessária a permanência por cerca de um mês nas proximidades do *locus* de pesquisa, mais especificadamente, em um bairro contíguo a uma das vilas, antigamente conhecido pelos moradores das vilas como periferia, e que nos últimos 15 anos, tomou uma nova paisagem urbana. Chegado o auge de aposentadorias na empresa em questão, muitos aposentados se fixaram nesta localidade dado o preço relativamente acessível dos terrenos à venda. Além disso, a implantação de mais uma unidade da empresa demandou a contratação de uma leva de trabalhadores da construção civil, que vieram a se instalar neste mesmo bairro. Sendo assim, a população desta localidade é composta atualmente em sua maioria por trabalhadores da construção civil, ex-trabalhadores da empresa em estudo e habitantes do Vale do Paraíba Fluminense que possuem casa de veraneio no local.

Neste período de permanência, a busca dos entrevistados com perfil de pesquisa se deu a partir da localização de sujeitos dos quais, como ex-moradora, havia algum conhecimento disponível, como por exemplo, o tempo de permanência no local. O primeiro entrevistado, ao



qual é atribuído o sobrenome fictício de Torres, é sujeito atuante na comunidade local e através dele foi possível o acesso a outros entrevistados. Assim, a localização se deu em uma sequência de indicações, com endereços, telefones e demais dicas de locais e horários os quais viabilizassem o contato. Desta forma, efetuados os devidos agendamentos, as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados ou em ambientes que lhes permitissem liberdade no processo descritivo de contar o passado. Neste sentido, era necessário deixar o entrevistado se ajustar ao que lhe era mais confortável para expor suas memórias. Cozinha, copa, garagem, sala de escritório e até mesmo a praia foram ambientes que permitiram aos entrevistados uma atmosfera de familiaridade com o tema.

No processo de entrevista, foi apresentado rapidamente o tema de pesquisa, sem incorrer em formalidades. A sistemática das perguntas ocorreu em um processo semi-estruturado, ou seja, foram filtradas as lembranças, ativando aquilo que é significativo para o sujeito no tocante à problemática em questão: a aposentadoria e o rompimento. O tempo decorrido no conjunto das entrevistas totalizou aproximadamente dez horas.

O estudo, portanto, toma uma dimensão qualitativa, cuja estratégia de pesquisa priorizou a ocasião histórica em que foi idealizado e implantado o projeto das vilas, seus habitantes e subjetividades inclusas na vivência e participação deste ambiente, bem como o deslocamento pós-vila na aposentadoria. No que se refere à epistemologia qualitativa, o estudo está fundamentado, conforme Rey (2005), no caráter construtivo e interpretativo do conhecimento, o que incorre em uma compreensão do conhecimento como produção e não na apropriação de forma linear de uma realidade apresentada. Portanto, a realidade é entendida como um campo formado na complexidade de sistemas que se inter-relacionam, de modo que se faz necessário observar a congruência da prática científica e da realidade exposta pelo entrevistado:

A realidade é um domínio infinito de campos inter-relacionados independente de nossas práticas; no entanto quando nos aproximamos desse complexo sistema por meio de nossas práticas, as quais nesse caso correspondem à pesquisa científica, formamos um novo campo de realidade em que as práticas são inseparáveis dos aspectos sensíveis da realidade (REY, 2005, p.5).

Na pesquisa em questão, busca-se superar a construção arbitrária e simplificada da realidade através do que Rey (2005, p.7) chama de “zonas de sentido”, que se referem a

espaços de inteligibilidade produzidos pela pesquisa científica, sem esgotar a questão do que significam, abrindo novas possibilidades para aprofundamento no campo da construção teórica (REY, 2005).

Desta forma, a epistemologia do trabalho busca legitimar o singular como instância de produção do conhecimento científico, levando em consideração a possibilidade de captar zonas de sentido dentro da realidade em estudo, composta de sistemas complexos que se inter-relacionam.

Considerando o singular, levam-se em conta no perfil dos entrevistados os elementos constitutivos de sua geração, sem, entretanto, desenhar categorias. A esse respeito, Fortes (1984) alerta que pesquisadores acabam por vezes por projetar, nos grupos em estudo, categorias relacionadas com a idade cronológica. Debert (1994) corrobora que um olhar criterioso sobre as diferenças entre conceitos como idade geracional, ordem de nascimento, idade cronológica e estágio de maturidade podem trazer elementos importantes para uma reflexão sobre as formas que a periodização da vida assume. Para Fortes (1984), a idade cronológica e o princípio geracional constituem elementos da estrutura social e valores culturais.

Levando em consideração os fatores destacados acima, é importante ressaltar que o conjunto de entrevistados possui características peculiares da geração do pós-guerra. Quanto ao conceito de geração, Debert (1994) afirma que não corresponde a sujeitos que compartilham a idade, mas que experimentaram ou viveram determinados acontecimentos que marcam trajetórias passadas e futuras.

Neste sentido, Debert (1994, p.19) elucida que o conceito de geração sugere um “conjunto de mudanças que impõe singularidades de costumes e comportamentos”.

O sujeito em estudo pertence à geração nascitura do pós-guerra e idealizava a reconstrução de um novo mundo. Conforme Santos et al (2011), no tocante à questão profissional, os integrantes desta geração são marcados por uma educação em que a liderança corresponde ao controle; demonstram lealdade, compromisso com a missão da empresa e valorização do status e ascensão profissional. Estes dados são ressaltantes à pesquisa visto que é do perfil dos entrevistados a permanência por longos anos na mesma organização.

No que se refere ao aparelho habitacional, o estudo é aplicado a todas as vilas pertencentes à empresa da pesquisa, visto que elas apresentam semelhanças quanto aos

agentes que compõem a pesquisa: modelo urbanístico, segregado e reproduzidor do ambiente hierarquizado da empresa, bem como suas singularidades e impactos na vida do sujeito.

Quanto às escolhas teóricas, elas não se limitam apenas as questões da identidade, mas para alcançar a percepção da trajetória do sujeito e suas nuances, adota-se uma posição reflexiva tomando-se um caráter filosófico-sociológico. Em se tratando da temática da identidade, utilizam-se autores clássicos da psicologia social: William James e George Herbert Mead. James é conhecido pelo pragmatismo; entretanto não nega as questões da filosofia, devendo ela transigir com outras disciplinas e fornecer resultados práticos<sup>3</sup>. Apesar de ser um material antigo, possui, conforme Kinouchi (2009, p.312), verdadeiro sucesso por haver “conseguido coligar e expressar, em um programa coerente, hipóteses que mostram uma fecundidade e longevidade notáveis”. Já Mead, influenciado por James em suas ideias, traz importante contribuição especialmente no que se refere ao aprofundamento da influência da linguagem social no sujeito e nos respectivos papéis sociais que assume. Os demais autores elencados nesta dissertação participam corroborando com a teoria da confluência do social na vida do sujeito em uma relação de interdependência. Da mesma forma auxiliam na visão dos impactos deste mesmo social nos limiares da existência do sujeito, levando-se em conta as questões pontuadas pela Escola de Frankfurt, conforme elencado anteriormente.

Em suma, a dissertação encontra-se estruturada em capítulos seguindo um movimento através das memórias e reflexões teórico-metodológicas, até as considerações finais. Esta seção introdutória busca apresentar ao leitor a problemática em discussão, delimitando o campo de pesquisa em sua temática e proposição de metodologia. Na sequência, o primeiro capítulo procura conduzir o leitor para o local de pesquisa e apresentá-lo a uma realidade de viventes e vivenciados. Em tal capítulo, procura-se resgatar o contexto histórico da criação da empresa em estudo e suas vilas, utilizando-se para tal os entrevistados como condutores basilares da história. No segundo capítulo, impetrar-se-á em teorias de identidade, incluindo clássicos sobre a identidade e uma análise da problemática do *modus vivendi* na dinâmica vila-empresa. No terceiro capítulo é feita ainda uma análise conceitual sobre a aposentadoria – com foco no sujeito de meia-idade, ainda produtivo – e as vilas operárias, desconstruindo o ideal de vila como morada, posição social e vida pública. Em tal capítulo são retomadas

---

<sup>3</sup> James não achava que a psicologia pretendia ser uma ciência desinteressada. Muito pelo contrário, para ele a psicologia era um assunto com profundas implicações sociais que não poderiam ser desprezadas (KINOCHI, 2009). Portanto, torna-se pertinente o uso deste autor no programa em questão.

teorias identitárias para a reflexão sobre a necessidade de refazer um projeto de vida – a identidade do sujeito – em um espaço ainda não definido; bem como autores que discorram sobre o marco conceitual-ideológico da velhice na sociedade capitalista. Nas considerações finais, completa-se o percurso, ainda ao lado do viajante, o aposentado, que rememora o passado; e lança-se um olhar sobre possíveis respostas à problemática em destaque.

Em suma, no intento de uma “evocação disciplinada” (BOSI, 1993, p.278), procurou-se estruturar os capítulos em um fluxo poético, a fim de capturar a dimensão do sensível. Desta forma, os capítulos gravitam ao redor do trecho descrito abaixo:

Tudo o que ele tinha era tudo que ele era, e tudo que ele era foi um dia tudo que quis fazer. Ser tudo que ele é, hoje, é tudo que ele era. Pois ele sabe que não mais se fará o que ele queria ser.

Neste trecho, de apelo poético, procura-se sintetizar uma dimensão de posse e do ser que penetra as instâncias da identidade. O tudo e o ter; o tudo e o era, são composições que arranjam a localização social do sujeito, e que, por outro lado, o desconcertam, quando ausentes por ocasião da aposentadoria.

## **CAPÍTULO I – TUDO O QUE ELE TINHA...**

### **1.1 A CHEGADA E O OLHAR: O BARRO VERMELHO, OS OPERÁRIOS E A VILA**

A vila e a empresa, a casa e o trabalho, duas realidades intrinsecamente ligadas, unidas por uma história imbuída de uma atmosfera de progresso nacional e de conquista. Jovens trabalhadores deixam suas casas em busca de um sentido. Assim aconteceu com Torres, pseudônimo que, no entanto, denota a forma cotidiana como muitos trabalhadores eram chamados: pelo sobrenome. Talhado pela luta em uma jornada exaurida pela falta do reconhecimento e da própria realização pessoal, Torres deparou-se com uma chamada de emprego em um jornal: “vaga para guarda em empresa”. Adiantou-se em obter mais detalhes, como descreve no início de sua jornada na empresa em pesquisa, pertencente ao setor energético e que então se estabelecia na região sudeste do Brasil.

Mal sabia ele que, por traz daquele breve anúncio, na década de 1970, encontrava-se a porta para um novo mundo, articulado meticulosamente pelas cabeças pensantes da época, descritas por Bobbio (2007, p.82) como instâncias de “poder econômico, ideológico e político”, que, respectivamente, conforme Bobbio (2007, p.82), correspondem à posse da riqueza, do saber e da força, sendo o poder marcado pela significância, ou seja, o “privilégio de”, nas palavras do autor.

Poder, ou “privilégio de”, na expressão de Bobbio (2007), era uma palavra de ordem que tomava cada metro quadrado do território material e imaterial dos espaços da empresa em pesquisa e suas respectivas vilas residenciais, especialmente por estar intimamente ligada a um dos objetivos estratégicos da nação: o abastecimento energético. A empresa em questão estava responsável por prover energia e sustentar o plano do governo de expansão industrial para a década de 80 e seguintes. Tal missão agregava a quem chegasse uma espécie de sentir-se corresponsável, conforme observado nas entrevistas. Entre as benesses pessoais, incluíam-se a renomada marca da empresa e os salários e estruturas, consideradas de alto padrão e que

proporcionavam aos recém-chegados um sentimento de moral elevado, como se pode denotar abaixo, na fala de Torres:

*O funcionário daqui era um privilegiado. Assim como é o funcionário de outras estatais, hoje essas coisas são assim. O cara é um privilegiado, com certeza: o status que a pessoa alcança. (Torres)*

Esse privilégio não nasceu ao acaso; ele possui raízes delineadas no advento da Revolução Industrial (séc. XIX), na qual se estruturava um progresso fundamentado na linearidade, presente nas esferas governamentais da época. Este espírito se materializou em políticas públicas voltadas para a modernização do Estado e da Sociedade. O poder econômico se tornou uma corrida frenética e as alianças entre os organismos detentores desta prerrogativa se tornaram necessárias. Neste sentido, Bobbio (2007, p.82) corrobora em seu discurso: “Na posse dos meios de produção reside uma enorme fonte de poder por parte daqueles que os possuem, contra os que não os possuem (...)”. Para os governos, não se tratava mais de prometer uma sociedade fundada na igualdade, mas sim, nas palavras de Domingues (1997, p.74), “em um mundo mais tecnizado e consumista”. Desta forma, o avanço tecnológico passou a ser apreciado e tomado como forma de desenvolvimento, não para a sociedade em sua conjuntura de valores e culturas, mas sim para as questões de bem-estar material imediato das pessoas, em detrimento de suas realizações (DOMINGUES, 1997).

Neste contexto político-econômico que prevalecia no país, conta Torres que partiu para se informar do anúncio. Seu tom de voz registra o *status* da marca e a importância que ela carrega para ele. Sua fala, pausada entre as palavras, destaca a distância que existia entre a sua realidade de periferia e a grandeza daquela estrutura que envolvia as mais nobres intenções de suprimento energético para a nação.

*Nem sabia onde era isso... porque a gente lá da baixada, Nova Iguaçu, Mesquita, Queimados nem sabia o que era aquilo, onde é que era isso... ouvia falar mas não sabia o que que era. E aí, eu li: Precisa-se de homens, que tenham feito o serviço militar, para trabalhar numa empresa de grande porte, né?! Do Ministério de Minas e Energia... É... olhei aquilo como... isso me interessa... (Torres)*

Ali não estava somente um candidato; estava uma empreitada de vida, que não era só de Torres, mas do próprio país que buscava uma significância, uma espécie de moralidade

político-econômica através do setor de energia. Assim, dentre os países que buscavam o chamado progresso, situam-se aqueles que procuravam na tecnologia a garantia da segurança nacional, além do suprimento das necessidades energéticas.

Dados os trâmites das instâncias de poder supracitadas, em 1972, nas margens de uma praia, iniciou-se a construção das instalações da empresa em estudo.

Os trabalhadores chegavam em grande número ao local da construção. O processo de implantação da empresa, bem como da estrada que a serviria, trouxe numerosas levadas de trabalhadores migrantes para a localidade (CAMPOS, 2005). O fenômeno era uma demonstração da corrida frenética pelo progresso, uma reafirmação da soberania por parte das autoridades da época. De papéis e projetos passou-se então à construção: uma realidade avermelhada, de terra batida, com muitos homens e máquinas, conforme afirma Torres:

*Em primeiro de agosto de 1976 nós chegamos aqui... Aí, quando nós chegamos aqui e olhamos lá pra baixo, era tudo barro... barro vermelho... (Torres)*

Foram essas as primeiras impressões dos trabalhadores recém-contratados, e também de suas esposas. Uma delas, Elizabeth, formada em Pedagogia, chegou a desistir de vir com o marido pela falta de um aparelho urbano adequado na década de 1970:

*Eu cheguei (na vila) em 84, porque meu marido veio em 72; nós nos casamos em 71, em julho, e ele veio em janeiro. Então, eu não tinha nem começado a minha vida familiar e ele já veio. Mas eu não quis vir não, porque aqui era só barro, não tinha nada, nada. Aí, eles me ofereceram uma escola do jeito que eu quisesse montar, a melhor casa, o melhor tudo. Mas, mesmo assim, eu não quis, porque se eu viesse para cá, não tinha infraestrutura nenhuma. Era tudo mato, tudo barro. (Elizabeth)*

Barro e pessoas. Um amplo contingente de pessoal recrutado para esta empreitada. Souza, funcionário aposentado de médio escalão, que abordou o início da construção da empresa, afirma ter havido em torno de doze mil homens trabalhando à época:

*Oh! Sei que tinha doze mil homens e uma rotatividade de trezentos homens por dia. (Souza)*

Neste contexto, era necessária a criação de uma infraestrutura para suporte dos trabalhadores, o que deu origem às vilas residenciais operárias da empresa, construídas a partir da década de 1970. Torres casou-se; e em maio de 1977, ganhou uma casa em uma das

vilas operárias: “eu casei e ganhei a casa”. Torres casa-se com a esposa e com a empresa? Torres abraça a nova vida, onde o público se mistura ao privado.

### **1.1.1 A CRIAÇÃO DAS VILAS OPERÁRIAS – ASPECTOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS**

O surgimento das primeiras vilas operárias ocorreu na Europa, durante a Revolução Industrial, paralelamente à migração em massa para os centros urbanos. Com o inchaço das cidades e os problemas de higiene, pensadores sociais e proprietários de fábricas se puseram a pensar em formas de organizar as cidades, dando origem ao conceito de vila operária. Ademais, a construção das mesmas envolveu a questão da falta de moradia para aqueles que migravam do campo para a cidade. Conforme destacam Valderrama e Oliveira (2008), a atividade industrial não é processada sem a presença do homem, e a vinda da população do campo para a cidade ocasionou um grande déficit habitacional.

De acordo com Bomfim (2007), propostas teóricas como as de Robert Owen, Charles Fourier e Godin, dentre outras diversas, foram elaboradas pouco depois da Revolução Industrial com o intuito de transformar as cidades em celeiros de mão-de-obra para as indústrias, melhorando assim a produtividade fabril. Um dos exemplos citados pela autora foi o modelo cidade-jardim, que buscava integrar cidade e campo, trazendo áreas verdes para dentro das localidades urbanas.

No Brasil, a realidade das vilas chegou com a instalação das indústrias nos centros urbanos. Entretanto, o uso da palavra “vila”, com o passar do tempo, acabou por ficar generalizado, conforme observa Blay (1979, p.32):

A denominação “vila” é bastante frequente no Brasil e indica uma diversidade de situações. Aglomerados de casas em zona rural, os bairros da periferia de São Paulo, assim como meros conjuntos de casas contíguas e desenho igual ou semelhante recebem o mesmo nome: vila.

A distinção essencial entre as vilas operárias e os demais tipos de vila reside no fato das primeiras serem propriedade das empresas, que as destinam basicamente ao uso pelos profissionais a elas ligados por vínculos trabalhistas. Originalmente, estas vilas são construídas pelas próprias indústrias ou são compradas já prontas (BLAY, 1985).



Para não esgotar o tema, descrevem-se nesta pesquisa dois tipos de vilas operárias: as de caráter provisório e as que são definitivas.

As vilas operárias de caráter provisório surgiram para dar suporte aos grandes empreendimentos da engenharia civil, tais como pontes, estradas, estações, hidrelétricas e outros, especialmente quando os sítios de implantação se encontram em locais remotos. De acordo com Farah e Farah (1993), definem estes núcleos habitacionais como assentamentos humanos. São como acampamentos montados durante o período das obras.

Por outro lado, Correia (1998) define núcleos fabris semelhantes às denominadas *companytowns*, *industrial villages*, *citéouvrières* e *cottage systems*, que na literatura estrangeira, designam as vilas que possuem infraestrutura básica, tais como habitações, escolas e templos religiosos. Estas são típicas vilas operárias de caráter definitivo. Nesta última definição, autores como Liporone (2007), utilizam a terminologia “vila operadora” para definir os núcleos habitacionais criados pelas empresas de produção elétrica, em caráter definitivo ou permanente. Segundo esses autores, a justificativa para o nome se refere ao fato de abrigarem funcionários responsáveis pela operação dos maquinismos que devem funcionar ininterruptamente. Esta última definição resume o conceito de vila operária que faz parte desta pesquisa. Todavia, para adequar-se à linguagem local, de costume dos funcionários da empresa em estudo, será utilizada a terminologia vila, vila operária e outros nomes dados nas entrevistas, como destacado a seguir, e não vila operadora, termo que soaria desconexo à realidade de estudo em questão.

No que se refere à pedagogia das vilas, Oliveira (2008), em sua pesquisa sobre vilas operárias na cidade de São Paulo e as questões de memória e segregação, afirma que são vários os estudos que apontam o olhar higienizador da elite e do poder sobre a habitação popular. Segundo a mesma autora, por conta das epidemias que assolavam a cidade no fim do século XIX e início do século XX, o poder público, com apoio do discurso médico-sanitarista, tomou providências para combater o contágio no meio urbano: os pântanos foram drenados, as avenidas abertas, arborizadas e o sistema de abastecimento de água e esgoto melhorados. Entretanto, não era suficiente zelar apenas por essas estruturas de uso público, mas, adentrar nas moradias, que da mesma forma disseminavam doenças. Corrobora Oliveira (2008) que, não bastando zelar somente pelo espaço público, os higienistas apontaram a moradia operária como foco de propagação de doenças pela cidade. Passaram então a realizar intervenções

nesses espaços para desinfetá-los e controlá-los, caracterizando, conforme Rolnik (1997), uma intervenção de meio físico e social, o que configurou uma espécie de preconceito, pois a população operária passou a ser vista como perigosa e possuidora de maus hábitos.

A população pobre, moradora de cortiços, era rotulada como perniciososa, promíscua, sem modos ou hábitos higiênicos, incapacitada para zelar por sua própria integridade física e moral. Desta forma, os cortiços acabaram por ser entendidos como uma ameaça à sociedade, e sua erradicação, mais do que necessária. A relação entre pobreza e periculosidade foi propagada no imaginário tanto de industriais quanto de higienistas. Uma espécie de pedagogia totalitária era ratificada na medida em que se fazia necessário moldar o trabalhador na assimilação de novos modos e hábitos (OLIVEIRA, 2008).

A necessidade da assim denominada “ordem” era imperiosa, levando-se em conta que o típico operário se constituía em uma ameaça à saúde pública. Assim, era necessário lançar mão de uma forma de ensinar a eles o que se considerava os bons hábitos ou costumes. Para Rago (1987), a aplicação da pedagogia totalitária justificou-se por essa necessidade de adoção, por parte dos trabalhadores, de novos hábitos: pretende ensinar-lhes hábitos racionais, de comer, de vestir-se, de morar ou de divertir-se. Para Elias (1994, p.41) a educação da conduta obteve expressão em um termo de Erasmo de Roterdã, utilizado em muitos outros países, “como símbolo de um novo refinamento das maneiras, o termo civilidade, que mais tarde, deu origem ao verbo civilizar”.

Na realidade brasileira, pode-se notar essa pedagogia durante o Governo de Getúlio Vargas. As vilas, neste sentido, formam uma espécie de agente higienizador, pensado, conforme Blay (1973), por rigorosos analistas que se apoiam na crença de que esses aparelhos urbanos são fontes de melhores condições de vida, exemplos de paz e harmonia dentro e entre as classes sociais. Nesse microprojeto de sociedade, busca-se um ideal, e os padrões são materializados na organização espacial através dos tamanhos de portas, janelas e quartos, bem como cores e a tonalidade do paisagismo local. A separação dos espaços público e privado fica, neste caso, resumida apenas ao trajeto que o operário deve percorrer para chegar à fábrica. O morar, entretanto, continua enraizado nas bases e estruturas da organização do trabalho. Ela faz parte da vida do sujeito como um direcionador ou agregador de sentido; no caso das vilas operárias: em seu *modus vivendi*.

Seguindo essa abordagem, Blay (1985) explica, em seus estudos sobre as vilas operárias de São Paulo, que uma comissão fazia especificações sobre o tipo de construção que as casas deviam obedecer, indicando altura do pé-direito, altura das portas, das janelas, assim como todo tipo de revestimento. Segundo a autora, tais requisitos, tidos como técnicas, são, na verdade, dispositivos sociais, pois todos eles seguem padrões inferiores às exigências impostas às casas burguesas. Fundamentada nestes conceitos, a construção das vilas se deu para acompanhar o processo de implantação da empresa em estudo. Cinco vilas foram erigidas, não distantes de constituir um mundo à parte, visto que sua dinâmica, de caráter segregador e higienista, as separa das comunidades locais, postulando uma forma de ser/existir no local que distancia os que ali habitam, e de alguma forma, os faz sentir mais seguros do que no chamado “mundo lá fora”, conforme constatado em entrevistas.

Distante dos centros urbanos, a empresa em estudo carecia, inicialmente, de infraestrutura adequada aos seus funcionários. Fortes, aposentado do alto escalão, explica em entrevista que a empresa tinha tradição em incluir em seus projetos de vila residencial a necessidade de cercá-la dos elementos que compõem o dia-a-dia doméstico: “a vila nasceu dessa necessidade: de levar pra lá um pessoal especializado, os operários, por falta de estrutura urbana”.

As vilas em estudo foram construídas na década de 1970 e eram destinadas a dois grupos distintos de trabalhadores: construção e operação (respectivamente construção das vilas e da empresa e sua operacionalização). Das cinco vilas, duas foram construídas pela própria empresa em estudo, e abrigavam o pessoal da operação; as demais vilas foram construídas pelas empreiteiras.

Os nomes das vilas e seus significados sociais eram dados pelo uso popular. Algumas vilas recebiam nome de marcas empreiteiras; estas geralmente eram as vilas da construção, onde residiam trabalhadores de nível operacional, e possuíam menor *status* do que as vilas da operação. Curiosamente, uma das vilas da construção era chamada de “vila operária” ou “a operária”, o que denota o discurso higienista em torno da classe operária. Todas as vilas são operárias na origem do significado da palavra, mas no imaginário dos seus moradores e comunidade local, as vilas da operação eram “vilas residenciais”, o que as aproxima da definição de condomínio residencial e de certo elitismo.

Com o tempo, o nome “vila residencial” foi reduzido, dando origem ao termo “Residencial”, o que construiu uma espécie de muro imaginário e reconstruiu o conceito de vila operária local, ressignificando os dois grupos como condomínios residenciais e vilas operárias; entre trabalhadores da operação e construção, respectivamente; entre elite e operários. Entretanto, em sua etimologia, todas se constituem igualmente em vilas operárias.

As vilas operárias das empreiteiras, que foram construídas inicialmente como moradia para os trabalhadores da construção das instalações industriais, hoje são habitação também dos trabalhadores responsáveis pela operação. Seu padrão de construção é composto, em sua grande maioria, por casas geminadas e de madeira.

A primeira vila da operação foi construída a três quilômetros da empresa e possui um supermercado, uma hospedagem, um cinema, dois clubes, um pequeno centro de comércio, uma igreja e um colégio. As casas, em sua maioria, geminadas e de alvenaria, são segregadas de acordo com o escalão funcional. São 532 casas com dois andares, geminadas e oito casas de planta baixa pertencente ao alto escalão da empresa; estas últimas são distanciadas umas das outras por um gramado. As casas são classificadas como A, B e C, decrescendo de acordo com a hierarquia. As casas de maior valor, do alto escalão, ficam na Avenida A e as demais nas Avenidas B e C, menos privilegiadas.

A segunda vila da operação foi construída em 1978, em uma região de baixada, a 15 quilômetros da empresa. Nela foram construídas 482 casas, três centros comerciais e um clube. Suas casas, como na primeira vila, são classificadas hierarquicamente: casa A (alto escalão), casa B (média gerência) e casa C (técnico operacional). O tamanho das casas varia de forma crescente: quanto maior o escalão, maior a casa. Nos centros comerciais encontram-se: padaria, minimercado, farmácia, açougue, loja de presentes e banca de jornal. A vila possui ainda uma escola estadual, abrigada em dois prédios, sendo um destinado ao jardim de infância, e outro ao primeiro grau.

As casas das vilas da construção, em contraste às da operação, não observam entre si a notória divisão por escalão funcional. Constituídas em geral de madeira, algumas casas variam entre as cores azul e cinza, distribuídas ao largo de ruas não asfaltadas. Em outra vila do mesmo tipo, predomina a cor branca, variando nas bordas e detalhes as cores azul, amarelo, marrom e vermelho.

De acordo com Vianna (2004), os projetos das vilas operárias do tipo operadora resgatavam princípios básicos que regiam a organização espacial dos núcleos fabris, a saber:

(...) dispersão, neutralização das ruas, moradias econômicas, confortáveis, higiênicas e protegidas de estranhos, pensadas como lugar de repouso, e vida familiar. Consequentemente, os projetos de arquitetura destes empreendimentos tendiam a uma ideia de “mini-cidade”, cujo programa era definido em função das características particulares do empreendimento (VIANNA, 2004, p.25).

Nas duas vilas da operação, os traços retilíneos das ruas e calçadas demarcavam as casas. Suas entradas, pela rodovia, eram marcadas pela presença de placas azul-marinho com a marca da empresa. A portaria era o ponto de identificação onde se separavam moradores de visitantes. Na portaria esse processo era realizado sistematicamente, parando-se os carros não identificados. Aqueles que estavam de passagem ou de visita apresentavam seus registros pessoais e eram cadastrados pelo guarda da portaria. Em seguida, ligava-se para o ramal da casa visitada para confirmar os dados e a entrada do visitante. Não havia linhas telefônicas convencionais como às das cidades, mas ramais, compostos de três dígitos tais como 757, 603, 726, por exemplo. A ligação entre casas era gratuita, e para realizar chamadas interurbanas discava-se para a telefonista no número “9”. Ela fazia a ligação e retornava para o ramal, fazendo a transferência para o número solicitado. Também não eram cobradas taxas de água e esgoto, nem de energia elétrica. Lixeiros e varredores garantiam o serviço de limpeza diariamente. A casa era entregue mobiliada e equipada até o nível dos talheres. Por fim, eram disponibilizados serviços gratuitos de assistência e manutenção predial, elétrica, hidráulica e assim por diante. Martins, aposentado de alto escalão que participou no projeto das vilas, e Souza corroboram:

*Entregavam a casa com as condições básicas, quais eram: uma cozinha montada, com armário, fogão, geladeira, uma sala montada com sofá de dois ou três lugares, dois sofás individuais, uma mesa com seis cadeiras, quartos com camas individuais, enfim, armários embutidos. Toda e qualquer condição que era mínima pra uma pessoa poder entrar, morando e já produzindo e trabalhando dentro da empresa. (Martins)*

*No início até os talheres eram da empresa. Nós ganhávamos tudo. Você tinha talheres, pessoas para fazer a manutenção na sua casa, telefone, tudo era da empresa, você ganhava tudo. (Souza)*

Os entrevistados apontam para o nível de detalhamento do qual eram cercados e se consideram uma parte afortunada da sociedade, dado o nível de cuidados que tinham à disposição. Castilho, engenheiro de média gerência, funcionário com cerca de quarenta anos de empresa, às portas da aposentadoria, explica, colocando em suas palavras ares que variavam do sentimento do cuidado ao luxo, como se quisesse expressar um senso de regalia. Esta fala está impregnada nas narrativas dos entrevistados e reforça, de fato, o sentimento de “mundo à parte”, visto que tudo o que a eles sucedia dentro das vilas era incomum em comparação ao “mundo” do qual vieram. A indagação e a resposta que seguem expõem a significação do cuidado sentido pelo funcionário, que transmite, em um louvor rítmico, uma espécie de premiação:

*[Até talher?] Tudo, tudo, tudo. O cara só trazia a mulher e a roupa dele. O resto... a empresa dava tudo... (Castilho)*

Por outro lado, alguns acreditavam ser este detalhamento uma espécie de vantagem de cunho promocional, visando atrair pessoas a um lugar carente de infraestrutura. A mobília, por exemplo, era um facilitador na visão de Martins:

*Ser um atrativo, porque afinal de contas, nós saímos de cidades grandes e precisávamos. (Martins)*

Souza, em relação a este tema, entende os benefícios como um nivelamento, ou seja, um esforço para destacar o espírito de ordem e limpeza perante a comunidade internacional, visto que a empresa, como geradora de energia, tem grande visibilidade nesse contexto:

*Incentivo. A empresa tinha um padrão, até perante a comunidade internacional em função do desempenho da empresa. (Souza)*

Este padrão, para além do âmbito de suporte, remonta a higienização espacial e o sonho de pureza observado por Bauman (1997). Nestes termos, da norma, da higienização, e do cuidado a um estilo maternal, como revelam os entrevistados, foram edificadas as construções operárias. Vejamos suas peculiaridades a partir do viés da identidade e, posteriormente, seus impactos na subjetividade do sujeito ao sair deste contexto.

## CAPÍTULO II – TUDO O QUE ELE ERA...

### 2.1 A IDENTIDADE

Pensar o trânsito de um ambiente seguro, onde se tem um papel social definido, para outro desconhecido e inseguro, é refletir sobre a vivência dentro e fora da vila e seus impactos na identidade do sujeito. A articulação de um ambiente regido pelas leis do trabalho e temperado pelas relações da vida cotidiana e comunitária constitui um ambiente capaz de formar sujeitos com tipificações identitárias singulares àquele *modus vivendi*. Desta forma o comunitário e o individual não são antagônicos, mas complementares.

Assim afirmam Deschamps e Moliner (2009), a respeito da importância do estudo da identidade a partir da década de 1960, contradizendo a ideia de oposição entre identidade pessoal e social. O tema é retomado pelas solitudes da modernidade, no que se refere à aceleração das mudanças tecnológicas e sociais, conforme esses mesmos autores. Corroborando Elias (1994, p.139) a ideia de complementariedade colocando em questão a palavra “nós” e a ideia de que o meio infere nas configurações da identidade do sujeito, modificando-o dentro da comunidade em que o mesmo está presente:

(...) nunca podemos considerar as pessoas como seres singulares e isolados; temos sempre que as encarar inseridas em configurações. Um dos aspectos mais elementares e universais de todas as configurações humanas é o de que cada ser é interdependente (...). Não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas (...). A concepção que cada um de nós tem destas configurações é uma condição básica para a concepção que cada um tem de si próprio, como pessoa isolada. O sentido que cada um tem da sua identidade está estreitamente relacionado com as ‘relações de nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com nossa posição dentro dessas unidades que designamos por “nós” e “eles”.

O sujeito captura do que vive na sociedade, processa o vivido e relaciona-se novamente com a sociedade em um processo mutuamente influenciável e interdependente; articulam-se, portanto, o psicológico e sociológico em uma categoria de função ou relação entre si, e em uma confluência de semelhança e diferença. Neste sentido, Deschamps e Moliner (2009, p.15), consideram a identidade como um sentimento dinâmico de semelhanças e diferenças; levantam a questão sobre o alicerce que sustenta o sentimento de semelhança e diferença do sujeito e perguntam se sua estrutura provém essencialmente da intimidade e do que é subjetivo e interno ou são reflexos do campo externo. Para esses autores, a noção de

representação pode trazer respostas a esse assunto. A noção de representação identitária por Deschamps e Moliner (2009) está organizada em termos de representação de si mesmo e de representação intergrupo.

Deschamps e Moliner (2009, p.15) acreditam que a noção de representação “sugere a existência de estruturas cognitivas relativamente estáveis, subjacentes ao sentimento de identidade, ao mesmo tempo em que elas o cristalizam.” Desta forma, o conceito de identidade é trabalhado através da noção do si-mesmo, refletida através dos aspectos coletivos e dos aspectos pessoais. O estudo da identidade levanta o problema mais geral da “integração das pessoas num espaço coletivo (o reconhecimento de uma pertença)” e ao mesmo tempo o “problema ligado ao fato que essas pessoas buscam um lugar específico neste mesmo espaço coletivo” (DESCHAMPS e MOLINER, 2009, p.15).

Esta “busca de um lugar específico” e a “integração em um espaço coletivo”, conforme assinalado pelos autores acima, possui uma particularidade na pesquisa em questão: a fusão dos espaços público e privado. Neste sentido adentrar-se-á à noção de si-mesmo a fim de compreender o sujeito mergulhado nesta fusão do público e do privado, e como ele realiza o processo de diferenciação para singularizar-se.

## **2.2 A NOÇÃO DO SI-MESMO**

### **2.2.1 NA CONCEPÇÃO DE WILLIAM JAMES**

James (1890/1952) procurou encontrar uma definição do si-mesmo através do dual eu e mim (Me). O autor define o si-mesmo como sendo constituído de duas partes: (1) um ego puro ou eu cognoscente; e (2) um eu empírico, chamado por ele de Me<sup>4</sup>; entre essas duas instâncias categóricas é difícil visualizar a exata fronteira.

De acordo com James (1890/1952), a parte do si-mesmo correspondente ao ego puro, ou eu cognoscente, é aquela que busca conhecer de si; isto é, é a parte do si-mesmo que percebe, tem sensações, mobiliza lembranças, elabora projetos. Já a parte do si-mesmo correspondente

---

<sup>4</sup> No texto original de James (1890/1852, p.188): “*The empirical self of each us is all that he is tempted to call by the name of Me*”. Nesta pesquisa manteve-se o termo “Me”, que se refere a “mim” na tradução e está relacionado à parte do si-mesmo construída através do empírico.



ao Me é proveniente do que é empírico e fundamentado nas experiências vividas. Esta parte do si-mesmo denominada Me desdobra-se, por sua vez, em três componentes: ao primeiro, James (1890/1952), chama de Me material (como o corpo, os próximos, o que se possui); o segundo é o Me social, que remete ao reconhecimento social e à reputação; o terceiro, o Me espiritual, é o lugar dos sentimentos, emoções, desejos e vontades, ou, mais exatamente, do conhecimento que se tem deles.

As bases que compõem o Me material são formadas das condições que dão suporte a condição física do sujeito. Têm como fundamento o corpo, ente biológico de permanência finita e que conserva uma identidade do início ao fim da vida. Ele é, portanto, uma das fontes de subsistência do eu. Como parte da materialidade, são incluídos a casa, os objetos pessoais, os parentes, as roupas e os objetos de valor afetivo. A casa, por exemplo, não se resume a um mero espaço físico, pois as cenas do dia-a-dia que nela ocorrem fazem parte da vida: são incontáveis os sentimentos que nascem ou são despertados pelas acomodações da casa, bem como memórias nela vividas que passam a constituir a identidade do sujeito. A reunião de coisas e bens soma ao eu em componentes da identidade, pois o sujeito se compraz pela instância de valor da coisa em si e de sua dimensão subjetiva (JAMES, 1890/1952):

Todos nós temos um impulso cego de resguardar nosso corpo, cobri-lo com roupas de maneira ornamental, acalentar pais, esposa e filhos, e encontrar para nós um lar próprio em que possamos morar e 'ser melhores' (JAMES, 1890/1952, p.189).

Quanto ao Me social, ele pode ser definido, conforme James (1890/1952) como o reconhecimento que advém do meio em que se vive. Neste sentido, seguindo o pensamento de James (1890/1952), o ser humano vive em sociedade e sua identidade depende também das críticas que lhe são direcionadas dos demais sujeitos. Desta forma, o fato de ser ignorado por outros considerados importantes pode reduzir o sujeito à condição de coisa.

A consequência desta formulação é a existência de diferentes Mes sociais em um mesmo sujeito. Sendo assim, cada pessoa com quem o sujeito se relaciona carrega uma imagem dele na mente. É essa imagem que determinará parte da identidade do sujeito: são os Mes sociais. Existem, portanto, tantos Mes sociais quantos há diferentes grupos dos quais a opinião é importante para o sujeito (JAMES 1890/1952).

O terceiro constituinte, o Me espiritual, deve ser compreendido como elemento não empírico. Ele deve ser considerado como o ente subjetivo, interior, no qual o sujeito reconhece suas faculdades e disposições psíquicas (JAMES 1890/1952).

Já o Ego puro é o princípio de identidade pessoal que o indivíduo reconhece em si mesmo em todas as diferentes formas de seus “eus” (material, social, espiritual). Nas palavras de James (1890, p.213), trata-se do “mais enigmático quebra-cabeça com que a psicologia tem de lidar”. Desta forma, levando em conta o enigma, busca-se na conciliação do sociológico e o psicológico, esboçar a figura do sujeito inserido em uma atmosfera à qual está sujeito e ao mesmo tempo, atua em suas substâncias. Assim, a análise a seguir busca lançar um olhar sobre o sujeito vilense e reconhecer, dentre as estruturas em que se encontrava, reflexos do si-mesmo, para posteriormente analisar o desligamento do meio social em que habitou.

## 2.3 UM OLHAR PARA QUEM ESTÁ NA VILA

### 2.3.1 A PARTIR DO SI-MESMO SEGUNDO JAMES (1890/1952) E MEAD (1973)

Mead (1973) aprofundou os conceitos de James (1890/1952), afirmando que o ser humano afeta continuamente a sociedade por sua própria atitude, porque ele assume a atitude de um grupo para com ele e reage a ele, modificando, por conseguinte, as atitudes do grupo. Assim, Mead (1973, p.131) define o Me como sendo constituído pela interiorização das atitudes organizadas deste outrem generalizado, que é definido como “a comunidade organizada ou o grupo social que são ao indivíduo a unidade do si-mesmo”. Assim, Deschamps e Moliner (2009, p.21), seguindo o pensamento de Mead (1973), afirmam que a constituição do si-mesmo se dará a partir dos grupos dos quais fazem parte esses indivíduos, servindo aqueles de “quadro de referência”.

Consideremos o quadro de referência distribuído na empresa em questão com reflexos no *locus habitat* dos funcionários:

<b>Categoria</b>	<b>Grupo de Referência</b>
Casa A	Alto Escalão
Casa B	Média Gerencia
Casa C	Técnico Operacional

Quadro 1 – Quadro de referência – Empresa / vila operária em estudo

Nas concepções de Deschamps e Moliner (2009), a identidade será desenhada a partir das tensões entre o si mesmo e o outrem. Seus grupos constituirão quadros de referência para a constituição do si-mesmo. Na dinâmica de James (1890/1952), um grupo dominante dentre os Mes sociais é aquele cuja opinião importa ao sujeito, tendo, portanto, maior peso na formação identitária do mesmo.

Deschamps e Moliner (2009) falam ainda da corrente culturalista, enfatizando a cultura como influência na personalidade de seus membros. Elucidam (p.22) as formações dos quadros de referência: “numa cultura particular, vamos encontrar todo um sistema de estatutos e papéis”. O estatuto remete à posição que um indivíduo ocupa numa estrutura ou sistema social, e ao que ele pode esperar dos outros a seu respeito, seja esta posição prescrita (data do nascimento, sexo, ciclos de vida, idade) ou adquirida (graças aos esforços, competências, opções, *status* profissional). Quanto ao papel, ele coincide com o tipo de conduta que corresponde a essa posição e que os outros esperam dele. Na verdade, estatuto e papéis remetem a uma necessidade cultural que define o que se espera dos outros, como os tipos de comportamentos que se deve ter (DESCHAMPS e MOLINER, 2009):

A personalidade não é mais um dado da natureza, muito menos é uma interação dialética entre indivíduo e sociedade. É a sociedade que molda ou forma os indivíduos pela socialização e pela interiorização (DESCHAMPS e MOLINER, 2009, p.22).

A finalidade da cultura, portanto, é responder às necessidades dos indivíduos. A sociedade vai modelar, através da cultura, a personalidade dos membros, formando-os e submetendo-os a um “sistema educativo e a experiências comuns, num tipo de personalidade básica, um núcleo comum, partilhado” (DESCHAMPS e MOLINER, 2009, p.21). O que podemos observar no quadro de referência 1 (acima): três variantes de núcleo comum.

No caso da vila, o quadro de referência acontece em três instâncias: funcionários, esposas e filhos. Isso significa que todos os grupos supracitados podem assumir, para constituição de sua identidade nas instâncias do Me (material), a categoria ao qual se localiza socialmente. Ainda, para este estudo específico, adota-se a expressão “apropriação” para poder desenhar, para além do quadro de referência, a profundidade da intersecção das esferas do público e do privado, a sobreposição da organização do trabalho na vida domiciliar e no trato com a comunidade local.

Na esfera dos funcionários, a intersecção pode acontecer no âmbito profissional e na vida privada: no trabalho, sou o engenheiro; na vila, sou o engenheiro; e em casa, sou o engenheiro. Mesmo assumindo o eu esposo, pai ou amigo, o que se observa é a continuidade ou manutenção do quadro de referência, marcada por falas como: esposa de engenheiro, filho de engenheiro, amigo do engenheiro, por exemplo. Torres constata essa questão em sua fala:

*O pessoal tinha o futebol deles, que era em dias diferentes. Era...Mas cada um nas suas camadas. Cada macaco no seu galho. Gente! Como é que eu vou entrar onde tá lá o engenheiro? Num tem como. Às vezes um ou outro, entrava no jogo de futebol, um ou outro, mas aquele era um gato espirrado ali. E mesmo no jogo de futebol, o cara era tratado como engenheiro, entendeu?[...se der um chute na canela dele?] Chutou o engenheiro! Chutou o engenheiro! Eu já tirei brigas. Já tirei não, já evitei brigas. Já pedi ao cara pra não fazer. Não fala porque vai te prejudicar. [Prejudicava?] Prejudicava. A vila é uma extensão da empresa, em tudo. A vila é uma extensão... Até pra você ganhar uma promoção de dinheiro, os teus atos na vila eram contados, eram considerados. (Torres)*

Neste caso, a tensão existente nas esferas identitárias da semelhança e da diferenciação induz a ação do sujeito para a conformidade ou o assemelhar-se ao seu grupo. Assim, o espaço público tem primazia, ou seja, a exteriorização, na expressão de Elias (1994), é o vetor mandante nas relações sociais. A segregação funcional da empresa chega ao âmbito do privado, local da manifestação do espontâneo ou o singular. Fortes justifica a cultura da segregação apontando as esposas:

*O mais estranho lá dentro da vila era o seguinte: a hierarquia de Empresa se transportava para a vila, através das mulheres dos chefes. Terrível! As mulheres dos chefes eram mandonas. Não eram todas, mas a maioria usava um pouco do poder do marido pra poder se impor um pouco. Não é?! (Fortes)*

O caso acima demonstra a manifestação da transferência do poder concedido formalmente aos superiores na empresa para a comunidade através das esposas. O grupo de referência faz cristalizar estruturas identitárias do Me social e os familiares são inseridos dentro deste invólucro de identidade. Corrobora Mendonça, funcionário aposentado de alto escalão, que saiu em um PDI (Programa de Demissão Incentivada), após cerca de quarenta anos de empresa:

*Mas tem isso tudo...Tem muita história, entendeu?! (...) Tinha umas mulheres na vila, mulheres dos chefes de departamento... elas achavam que*

*a hierarquia da vila era igual a hierarquia da empresa...A mulher do superintendente tinha que mandar nas outras mulheres: oh, hoje vai ter não sei o que não sei aonde, todo mundo tinha que ir, entendeu?! Minha mulher sempre foi muito independente com essas coisas – ‘eu não quero ir não! E... não... você tem que ir porque a fulana tá mandando ir... Manda coisa nenhuma. O marido dela manda no meu marido lá na empresa mas não manda em mim aqui na vila. (Mendonça)*

As esposas dos funcionários partilhavam e se apropriavam da cultura organizacional, por vezes até se embrenhando nas problemáticas da empresa, conforme afirma Souza:

*Cê ía no restaurante, as mulheres sabiam mais das bombas da empresa do que os maridos... Que o marido foi de madrugada, que a bomba enguiçou... (Souza)*

Quanto a isso, afirma Silva (1999, p.57) que os entrevistados pensam a forma pelo qual se relacionam tanto na vizinhança quanto no trabalho uma forma hierarquizada: “frequentemente afirmam que aqui tem muita hierarquia”.

Este valor estruturante na vida cotidiana do grupo parece ganhar mais ênfase nas relações de trabalho, que é onde a subordinação parece ficar mais clara, além de ser o lugar apropriado para a possível ascensão social e consequentemente maior prestígio entre seus pares (SILVA, 1999, p.57).

De acordo com Mendes, outro funcionário da empresa que está às portas da aposentadoria, a postura das esposas também contribuía para estabelecer códigos de poder e *status* entre as vilas, compondo estruturas do Me social entre os vilenses. Ele destaca uma das vilas da operação, “a vila” ou “residencial”, como chamada, como de maior *status* em relação às outras da construção:

*Porque a vila tem um status maior. E isso causa até desentendimentos entre familiares. E quem começa isso são as mulheres. (Mendes)*

Se por um lado, o local de moradia – dentro e fora das vilas – é significativo na sinalização do lugar que cada um ocupa no sistema, por outro, mostra a existência de mecanismos que garantem a mobilidade entre suas partes constituintes. (...) O tipo de casa, sua localização e em qual das vilas mora são indicadores de *status* funcional, ao mesmo tempo em que demonstram as possibilidades de mudança, ou seja, as alternativas oferecidas pela mobilidade interna à hierarquia (SILVA, 1999, pg.78).

Silva (1999) aponta a questão da diferenciação dentro das vilas por conta da hierarquia e da categorização em grupos de referência, que esbarram nos estereótipos que ocorriam entre

vilas e dentro das vilas. A autora descreve um caso específico de divisão social dentro de uma das vilas da operação:

(...) Há rivalidades decorrentes dos dois tipos de hierarquização dos moradores. O primeiro é a existência dos cinco tipos diferentes de casas. O segundo revela nas diferenças que existem entre as avenidas e a Vila do Sapo, apelido (sentido como ofensivo) atribuído ao conjunto de ruas (...) sujeita a inundações no passado. (...) Uma moradora de certa rua falou da discriminação e do menosprezo que havia inclusos no nome Vila do Sapo. Porém quando eu perguntei a outro morador de uma rua próxima sobre a questão, ele me respondeu que era coisa de criança ou fuxico de mulher (SILVA, 1999, p.75).

Mendes não é morador de vila da operação, consideradas vilas de maior *status*, mas de onde está, observa o sistema sob outro ponto de vista. Residente em uma das vilas da construção por cerca de trinta anos, afirma serem as vilas da operação um objeto de desejo para quem mora nas vilas da construção. Transparece em sua fala a ansiedade das pessoas em mudar de vila para mudar o próprio si-mesmo através da mudança no seu *locus* social:

*Precisa colocar o nome na lista e esperar... (Mendes)*

E aponta o epílogo para aqueles que não atingem o novo extrato:

*Mas tem gente que nunca vai conseguir isso, porque não tem nível técnico para tal e isso gera frustração. (Mendes)*

A manutenção do quadro de referência e sua estreita ligação com a satisfação do si-mesmo gera uma tensão no sujeito entre o que se é e o ideal social. Quanto aos filhos, que conforme mencionado anteriormente, também não escapam do alcance da influência hierárquica, Elizabeth confirma o quadro de referência e através da observação de seu filho. Ele manifesta o desejo de galgar postos sociais através da mudança para as casas destinadas ao alto escalão. Elizabeth cita o caso em que poderia se mudar para a Avenida Brasil, junto à orla da praia, onde se localizavam os cargos de maior posto hierárquico na empresa:

*E... na própria estrutura, as casas são formadas: Casa A, dos engenheiros, a B, e a C. As vilas eram viliiiiila... Eu morei na C logo que eu cheguei... É... Meu marido disse oh... só tem uma casa tipo C. Eu disse: pegue o que for, nem que seja uma cabana. Ele ia sexta e voltava domingo à noite... E então, pegamos a casa C, mas é uma casa normal. Morei na casa C, gostei muito. Aí, depois... me ofereceram uma casa na Avenida Brasil. Mas eu não queria uma casa na Avenida Brasil porque era muita maresia...acabava com todos os aparelhos, os meus móveis tinham vidro...Você escrevia ali, de tanta*

*maresia. E eu fui então pra casa B. E me adaptei, e não sai de lá. Aí que está a diferença. Meu filho brigava muito conosco... Porque todo mundo brigava pra ir pra Avenida Brasil. E nós, podíamos ir e não queríamos. [Por que é que as pessoas brigavam para ir pra Avenida Brasil?] Porque o status era morar na Avenida Brasil. [A pessoa teria um significado, uma importância maior?] Com certeza. Onde você mora? 'Na Avenida Brasil'. Então tá bom! 'Você é das minhas'. (Elizabeth)*

Elizabeth, no início de sua fala, destaca que “as vilas eram viiiiiiila...”, atribuindo às vilas da operação um multiplicador fonético de importância e localizando seu *status* em relação às demais. O morar nas vilas operárias desta empresa em relação à comunidade local também significava pertencer a um quadro de referência específico, regado do privilégio do *status* da função. A identidade do sujeito, inserido por anos a fio no contexto funcionário, família e benesses, era motivada pelo quadro de referência. Em sua colocação, Elizabeth, moradora e esposa de funcionário, demonstra sua tentativa de afastamento das categorizações e seu movimento de desapropriação, manifestando uma visão de quem procura estar na casa não pelo *status*, mas pela funcionalidade. Neste sentido, Deschamps e Moliner (2009, p.21) explicam que, diferentes grupos de comunidades dos quais o indivíduo participa, e que contribuem para a construção do si-mesmo, “podem ter atitudes, normas contraditórias e até antagonistas”. Assim, os autores pontuam que é necessário levar em consideração como essas pertencas são negociadas em nível dos sujeitos. Ademais, neste estudo leva-se igualmente em consideração como estes mesmos lidam com a ausência do grupo de referência por ocasião da aposentadoria. Desta forma, no capítulo que segue, impetrar-se-á a temática da aposentadoria e será feita uma análise das perdas deste referencial identitário para o sujeito.

## **CAPÍTULO III – POIS ELE SABE QUE NÃO MAIS SE FARÁ O QUE ELE QUERIA SER...**

### **3.1 UM OLHAR PARA QUEM SAI DA VILA: APOSENTADORIA E OS IMPACTOS NO SUJEITO**

A palavra aposentadoria vem da palavra grega *pausare*, que pode ser traduzida como cessar. Bismarck, na Alemanha do final do século XIX, a criou, por fins políticos, para proteger o trabalhador que conseguisse alcançar setenta anos, desprovido de um meio de sustento. Desde então ela se configurou como um direito social (SANTOS, 1990). No Brasil, a aposentadoria, como seguridade social, teve sua primazia em 1923, com a Lei Eloy Chaves, que refletia o pensamento liberal da época, acerca das questões trabalhistas e sociais (SANTOS, 1990). Debert (1996) elucida que a universalização do direito à aposentadoria garantiu que a última etapa da vida correspondesse à inatividade remunerada. De acordo com Debert (1996), a partir dos anos 70, os velhos – que nos anos 40 e 50 eram tidos como um dos setores mais desfavorecidos das sociedades europeias – já não podiam ser considerados um segmento populacional destituído de recursos econômicos.

A temática aposentadoria, entretanto, perpassa as definições limitadas pela previdência social. Ela alcança horizontes de transformação da subjetividade, na divisão da percepção do curso da vida em um antes e um depois.

Os estágios foram declaradamente definidos (DEBERT, 1996), segmentando as fronteiras do existir pela idade cronológica. Assim, Kohli e Meyer (1986) utilizam a expressão cronologização da vida para assinalar as mutações na maneira com a qual a vida é periodizada, no momento de transição entre etapas e na “sensibilidade investida em cada um dos estágios” (DEBERT, 2010, p.58), o que caracteriza a institucionalização da vida.

Na pré-modernidade, a idade cronológica era de menor relevância; maior importância era então dada ao *status* da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, teria correspondido a cronologização da vida. A institucionalização clássica, que se observa no findar da carreira profissional, tem raízes na infância e segue em todas as etapas da vida. A padronização destas fases pode ser refletida como resposta às mudanças econômicas; em especial deve-se à mudança de uma economia



com base na unidade doméstica para outra fundamentada no mercado de trabalho. Desta forma, problemas que anteriormente eram de base privada, passam a ser de ordem pública; a aposentadoria é uma destas esferas (DEBERT, 1994).

Aposentar-se, na perspectiva temporal do trabalho, representa o cessar das atividades laborais mediante o fechamento de um ciclo socialmente datado para findar. A aposentadoria é ora esperada, representando um símbolo de liberdade, e deveras temida, representando uma interrogação no curso da vida. Em amplo sentido, ela representa um processo de transição, que tem início no momento em que o trabalhador toma consciência de sua aproximação. Esse período antecedente é chamado de fase remota. Nela, o aposentar-se é visto de uma maneira positiva e pouco visível, entendida como algo distante a se realizar. Na fase seguinte, denominada aproximada, a questão do tempo e a proximidade do desligamento são vistas de forma delineada (ALVARENGA et al, 2009).

É inerente ao fator tempo ser acompanhado de certo desgaste físico e mental; entretanto é cada vez maior o número de pessoas que se aposentam e então se projetam novamente para o mercado de trabalho ao enxergarem o delineamento de seu curso de vida. A aposentadoria é uma representação simbólica do findar do curso de vida? Quem é o aposentado? Em que medida o que ele foi marca o que ele será? Que dinâmica identitária o sujeito viveu na vila e na empresa e quais são suas implicações na aposentadoria?

A saída deste *locus* em estudo implica em um rompimento, que significa o deixar um posto limitado pelas divisórias funcionais da empresa.

O deixar é uma definição atribuída também à aposentadoria pela palavra francesa *retraite* (aposentadoria), oriunda do vocabulário militar (retirada das tropas). Por metonímia, a retirada da vida ativa seria uma espécie de derrota? Eliminar uma pessoa da vida social aos sessenta anos, quando ela ainda está apta para o trabalho e deseja realizá-lo, é um “gesto que pode vir cercado de múltiplas precauções oratórias para ocultar sua ignomínia” (VINCENT, 2009, p.304). A transição de um tempo social cadenciado pelo trabalho para outro completamente diverso pode significar um problema e um trauma para aqueles que não querem a aposentadoria (VINCENT, 2009).

Pensar a aposentadoria na perspectiva moderna traz em si questões basilares para este estudo. Qual a significância social do sujeito que se aposenta? Revestido dos valores do grupo de referência, que desenho transcreverá sua identidade?

### 3.2 A SAÍDA PARA O “MUNDO LÁ FORA”: ANÁLISE DA RUPTURA IDENTITÁRIA

A expressão “mundo lá fora”, marcante na fala dos vilenses, dá a conotação do isolamento além de fornecer pistas sobre o processo de transição, por ocasião da aposentadoria.

Na pesquisa em questão foram entrevistados sujeitos que já realizaram esta travessia e sujeitos que estão às portas da aposentadoria; Mendes é um deles. Aos 53 anos e possuidor de um histórico de 33 anos na empresa, trabalhou três anos como “contratado” (leia-se terceirizado) e trinta anos como funcionário efetivo da empresa. Sua personalidade, um tanto tímida e antissocial, como ele próprio o afirma, parece tipificar um escudo de proteção para sua vivência privada. Sente ser a empresa parte de sua vida, como qualquer outro trabalhador amante da profissão. Mas há entrelinhas nesse afeto. Ele a compara – a empresa – a um hospital, onde sempre se precisam de médicos:

*A mídia está de olho nesta empresa, e se ela para, o prejuízo diário é de um milhão. Nós trabalhamos muito, isso aqui é diferente de uma empresa hidrelétrica: não pode parar nunca. Posso ser chamado a qualquer hora. Uma vez eu estava trabalhando às cinco da manhã e chegou um colega, com uma cara, e eu perguntei: O que você está fazendo aqui? E ele disse que estava em um churrasco e foi chamado para uma emergência. (Mendes)*

Assim justificava ele, convencido de uma importância para além de uma chamada funcional ao trabalho. Uma fala carregada de orgulho.

Mendes morou em uma vila operária da construção, e a respeito da liberdade de efetuar pequenas melhorias nas casas<sup>5</sup>, diz que as pessoas o podiam fazer somente mediante autorização da empresa. Mendes, entretanto disse: “pensei em colocar uma cerâmica em minha casa, mas daqui a dois anos eu saio. Então desisti”. A brevidade do tempo, do findar e do deixar a vila está às portas, e isso gera uma tensão transparecida durante as entrevistas. É o tempo do desligar-se, e isso causa certo incômodo, percebido na fala do sujeito. O interrogar sobre como será o cotidiano após aposentar-se foi notório; na entrevista, o desconforto por parte do entrevistado ficou claramente manifesto em suas expressões faciais e tom de voz.

---

<sup>5</sup> As pequenas modificações nas casas (aumentar um banheiro ou a garagem; fazer uma varanda junto ao quintal da casa; emendar cozinha, copa ou sala; construir o chamado “quartinho de empregada”; plantar cerca viva; trocar o piso, etc.) começaram a ser autorizadas pela empresa na década de 1990.

Como será deixar a sua casa? Paradoxo até na pergunta, visto que a casa não é dele. Deu-se um silêncio sepulcral:

*Huuuuuuuummm... Estou me preparando para isso. Eu não consigo ver minha vida sem o trabalho: eu acordo todos os dias e me sinto tão bem.[O que é a empresa para você, quem é a empresa? Falar “eu sou desta empresa” te faz sentir melhor?] Sim, com certeza, onde vou, por exemplo, se faço uma compra e falo que sou desta empresa eles fazem até um chamego, a gente fica até sem graça. Você se sente alguém importante. (Mendes)*

Na comunidade local, não há outras empresas de grande porte; a atividade predominante até a década de 1970 era a pesca e a figura que delineava a comunidade era a do caiçara. Quando Mendes fala “você se sente alguém importante”, ele se refere, por trás disso, à presença da empresa na região como uma instituição provedora de empregos e mantenedora de um *status* local pelo que representa: a geração de energia elétrica. Desta forma, Mendes se sente bem. Ele está localizado socialmente, considerando-se parte de um todo, de uma espécie de importância ou pertença social. Entretanto, há atributos dados à organização que se situam no limiar de sua existência. Ele lança os fundamentos do seu ser/existir na efemeridade da marca?

*[Esta empresa é uma espécie de semideus para você?] É. (Mendes)*

Mendes, responde com convicção:

*[E quando aposenta?] Quando você se aposenta não é mais assim, tudo muda. (...) Quem aposenta torna-se insignificante. (Mendes)*

Mendes não mediu palavras e transparece em sua fala a ameaça à identidade, que, segundo Deschamps e Moliner (2009), é antes de tudo considerada como corrente da inferioridade de um agente social numa dada situação. Um acento colocado nas diferenças, resultado da categorização social. Eles não entendem porque não são mais aceitos. Entretanto, pela abordagem da categorização, desmarcam-se, e tomam uma posição irremediavelmente inferior nas dimensões de comparação: já não pertencem mais ao grupo considerado seletivo. Dentro de dois anos, Mendes estará diante de uma nova realidade, um tanto quanto nebulosa, pois não há no que se firmar. O que será para Mendes a aposentadoria?

Do lado de fora, a realidade manifestada pelos entrevistados foi ora vista com pessimismo, ora vista como uma realidade de descanso. Entretanto, o que se percebe é o

esforço pela conformidade e esperança quanto a nova realidade de vida, e a incógnita sobre o futuro é marcada nas falas pela ausência da rotina cadenciada do cotidiano vila-empresa. Desta forma, para capturar a sensibilidade do sujeito, a problemática segue em tom poético e o questionamento de pesquisa procura extrair o sentimento relatado durante as entrevistas com os aposentados, um misto de incerteza e esperança tal como segue:

Saídos apenas, papel timbrado  
 Cores, fonte,  
 Luz e céu,  
 Piso lá fora, ofusca os meus olhos  
 Cegueira ou visão, caminho ou prisão, desejo ou dor?

A poesia destacada acima apresenta as marcas do quadro de referência: o “papel timbrado”. O quarteto, “cores, fonte”, “luz e céu” apresentam o contrassenso existente entre o que foi marcado na superficialidade – na expressão de Arendt (2010) – das relações do espaço público da organização do trabalho e a naturalidade das relações que o sujeito encontra do lado de fora, onde as demarcações do quadro de referência não fazem mais sentido. O “pisar lá fora” é a aposentadoria, e o “ofuscar”, o impacto das diferenças de tonalidade dos ambientes sociais. A última estrofe coloca a problemática em questão. Os duais que a constroem, para além da polaridade, colocam em questão a capacidade do sujeito de refazer o seu projeto de vida em um contexto social construído a partir da valorização do novo, na ausência de estruturas de segurança identitária. Desta forma, o caminho para uma região desconhecida implica lançar mão de novas ferramentas de conquista para este novo território, ferramentas estas que podem redesenhar o sujeito.

Sob o olhar de uma nova comunidade, sofre o aposentado a pressão de estigmas sociais que pesam sob ele, que outrora era o detentor de um espaço identitário bem definido. Um novo começo terá de ser feito.

### **3.2.1 TRAJETÓRIA REVERSA: PISO LÁ FORA, OFUSCA OS MEUS OLHOS**

O outrora, o sujeito de pesquisa, tal como Torres, era aquele que chegava em uma região desconhecida para ali lançar suas bases. Agora, para além de uma aposentadoria ordinária do

deixar a empresa e permanecer na casa, ele terá de recolher o que tem de si: seus objetos pessoais e família, e terá de decidir o novo rumo a seguir. Saídos do “ninho” (expressão que reúne as qualidades do local, segundo entrevistas), os aposentados acham-se diante de um desafio: a sua colocação neste novo ambiente e a tensão que emergirá entre o eu cognoscente e o Me, ou seja, a formação do si-mesmo, na expressão de James (1890) e Mead (1963).

O estranhamento com o novo *locus* é marcante nas falas dos sujeitos. Assim, tomando o ponto de vista de Bauman (1997) vemos que, socialmente falando, o aposentado pode sentir-se um estranho para o local, o que denomina a “sujeira” que assim se define:

É por isso que a chegada de um estranho tem o impacto de um terremoto... O estranho despedaça a rocha sobre o qual repousa a segurança da vida diária. Ele vem de longe; não partilha as suposições locais – e desse modo, ‘torna-se essencialmente o homem que deve colocar em questão quase tudo o que parece ser inquestionável para os membros do grupo abordado’. Ele ‘tem de’ cometer esse ato perigoso e deplorável porque não tem nenhum *status* dentro do grupo abordado que fizesse o padrão desse grupo parecer-lhe ‘natural’, e porque, mesmo se tentasse dar o melhor de si, e se fosse bem sucedido, para se comportar exteriormente da maneira exigida pelo padrão, o grupo não lhe concederia o crédito da retribuição do seu ponto de vista (BAUMAN, 1997, p.19).

O aposentado que sai da vila inicia um caminho reverso do que trilhava até então. Estranho para os de fora, é agora estranho também para os que estão ainda dentro dele (a empresa), tal como explica Lopes, aposentado há quinze anos, mas que ainda reside perto da vila operária. Sente-se um estranho em um ambiente que, burocraticamente não lhe pertence, mas que para ele configurou a própria história: é um ser familiar. Moura ainda é funcionário da empresa e deu carona para Lopes, que para lá se dirigia a fim de resolver trâmites relacionados à carteirinha de aposentado. Nesta entrevista, realizada numa conversa ao redor de uma mesa de café, três aposentados põe-se a discutir seus desagrados e experiências pós-saída da empresa. Lopes, Machado e Souza debatem a questão do ser estranho para uma empresa conhecida por eles até os fundamentos. Lopes inicia contando a experiência:

*Lá tem um segurança... Não sei, nunca vi o cara, ele me vê, o carro lá embaixo, ele me manda subir. Entrei no carro do Moura, o cara me conheceu, o cara não deixou o Moura entrar com o carro, você acredita?! O Moura deixou o carro fora, entrou, eu desci pra não criar problema para ele. Desci, o Moura foi falar com o ciclano lá, arrumou um documento... Se ele me vê... ele já botou a arma em mim duas vezes. [Por quê?] Não sei. Não sei o que o cara tem... Ai eu fiquei na minha... Por isso que eu evito ir lá. (Lopes)*

Interrompe Machado, preocupado em atualizar sua carteira de aposentado:

*Mas aí eu vou descer lá embaixo de novo e se eu pegar aquele ‘guardão’ igual o Lopes? (Machado)*

*Não, não. Você pode descer... Deve ser alguma coisa pessoal... Ele deve estar confundindo com alguma pessoa. É... Não é possível, não é?! Ele nunca conversou com você?. (Souza)*

*Não. (Lopes)*

*Ah, então ele está confundindo... (Souza)*

Ainda que se configure um equívoco, fica destacada a sensação de estranhamento e rejeição sentida por parte de Lopes. Há que se considerar um fato relevante: os aposentados em questão estão afastados da empresa há cerca de quinze anos e as questões de pertencimento ainda parecem vivas. Isto poderia reafirmar o que foi destacado anteriormente por Mendes: “quem se aposenta torna-se insignificante”. Lopes conta um episódio ocorrido com o ex-colega de trabalho Meireles:

*Por exemplo: o Meireles que se aposentou e voltou aqui me disse: ‘eu nunca mais ponho os pés aqui. Quem aposenta torna-se insignificante’. E então as pessoas sentem-se muito mal... Machuca. Pode perguntar pro Machado, não é isso? (Lopes)*

*É exatamente isso! (Machado)*

A rejeição também é sentida por Sampaio:

*Parece que as pessoas se afastam de você... Acham que você tá mal... Ontem mesmo eu conversei com um colega ali... acha que você tá mal... Eu vim trabalhar na temporada... financeiramente acha que você esta mal.... (Sampaio)*

Neste sentido, ao resgatar o pensamento de James (1890/1952), pode-se rememorar a questão do Me social como um elemento estrutural na questão apontada acima por Meireles: “Quem aposenta torna-se insignificante. E então as pessoas sentem-se muito mal... Machuca”. A dor, neste caso, é tanto mais intensa quanto maior for a ligação, união ou apropriação com a coisa em si. Desta forma, conforme James (1890/1952), os afetos suscitados pela pessoa amada são os que possuem maior intensidade social ao indivíduo e potencial para abalá-lo. Como consequência, têm-se efeitos avassaladores sobre os sinais contraditórios do amado, pois, o mais específico Me social de alguém reside na mente daquele que o sujeito ama (JAMES, 1890/1952). Por esta razão, percebe-se a intensidade da fala de Lopes, Meireles, Sampaio e Mendes, a qual se deve ao peso da instituição como “sujeito amado”.

O caso de Sampaio, todavia, faz recordar que, de acordo com James (1890/1952), a identidade do ser humano também depende de críticas que lhe são direcionadas: “Parece que as pessoas se afastam de você... Acham que você tá mal...”, afirma Sampaio apropriando para si a importância da crítica e formando em si uma identidade do ser fracassado.

O antigo funcionário, outrora possuidor de uma identidade bem definida, também encontra certo estranhamento em sua terra natal. Corroborando Machado, quando questionado sobre seus sentimentos ao sair da vila, ao fazer uma analogia da relação com um rebanho, transmitindo a ideia de segurança versus orfandade:

*[Como você se sentiu ao sair da vila?] Mais ou menos uma ovelha perdida né?!... Por aí... Ovelha separada do rebanho... Cê Volta pro meio do rebanho, cê não sabe qual seu bando... Tá perdido... não é?! (Machado)*

Machado manifesta seu pesar, sem levar em conta necessariamente uma figura depreciativa, mas uma figura inicialmente perdida, transparecida na expressão “por aí”, que dá a ideia de vacância. E a memória remonta uma definição do si mesmo na ordem das relações de higienização local e social. Assim, define-se para o caso das vilas a trajetória reversa, no sentido de recolocação ou retorno à realidade, visto que, na vila, como constatado na fala dos entrevistados e igualmente por Silva (1999), se cria um *singulis mundi*.

Assim, para evitar essa sensação de estranhamento, alguns aposentados procuram manter o vínculo com a empresa se colocando à disposição nas Paradas<sup>6</sup>. Mas é frágil essa manutenção do vínculo. O sujeito ver-se-á apartado do grupo novamente em breve:

*Mas a empresa, olha só a visão dos caras. Aí que eu te digo... Olha como é que essa empresa, ela... não é a empresa, é a visão do empresário. É a visão do empresário... Eu como empresário, eu como gerente. Eu gosto do fulano pra caramba, eu vou chamar o fulano, vô chamando, vô chamando, vô chamando, vô chamando... Mas daqui aos poucos, eu, devagarinho... eu vou deixar de chamar o fulano. Mas por quê?! Porque ele já passou o serviço todo. Indiretamente, o fulano já passou o serviço todo. Já não está prestando mais? Isso..., isso. Ai o cara já começa, ele já não precisa mais do fulano. Aí já tem a idade... ‘Pô...fulano...cheguei aí já tava dando umas cochiladas... já tá cansado’. [É uma certa cultura do descartável?] É... o descartável. Mas, até que ponto o cara é descartável? Depende. [Depende da moral do cara?] Isso. Isso. Aí é os anos deles de trabalho... Ele ser amigo da galera. Fulano era muito bom no trabalho dele, mas ele não falava com ninguém (falava no sentido de ter uma rede de influências).*

---

<sup>6</sup> Paradas programadas para manutenção das instalações técnicas da empresa. Nesta ocasião aumenta-se a demanda pela contratação de terceiros.

*Fulano tinha aquela vida da família normal. Respeita. Ele era tranquilo. Falava sim, com o pessoal no trabalho, mas chegava em casa ele tinha a família pô. Tranquilo. Se trancava em casa. Fulano sempre foi sossegadão, tranqüilão... parará... (Sales)*

Quanto a isso, Arendt (2010, p. 211) explica que a interrupção do trabalho de forma súbita, sem perspectivas de encontrar atividades em curto prazo, significa uma “dramática transformação da identidade. Tal “crise” – para empregar esse termo impróprio para qualificá-la – acarreta a pulverização da solidariedade. Desta forma, em favor da demarcação de sua identidade, o aposentado que retorna ao trabalho deverá lançar mão de uma empreitada para se estabelecer novamente no quadro de referência e enfrentar as rivalidades locais:

*As rivalidades existentes podem ser interpretadas como formas de as pessoas demarcarem suas identidades particulares e distinções internas, um movimento inverso daquele manifesto na comparação das vilas com uma grande família; no entanto essa demarcação acontece de um modo específico, que é o de situar um subgrupo internamente ou externamente à hierarquia, estipulando assim quem poderá a esta se integrar. (SILVA, 1999, p.83)*

Sales, trabalhador há cerca de 25 anos da área administrativa da empresa, herdou traços de um período na vila com ares de ditadura militar, e se orgulha do sistema. Separa o que é considerado bom do ruim; “o puro do sujo” na expressão de Bauman (1997). Assim se justificam as rivalidades, pois elas acontecem no nível da competência e influência de cada um no sistema.

*Nós passamos pelo período da ditadura, e a ditadura te dá uma disciplina muito grande. Te dá uma condição: você tem que ser bom. Se não for melhor, eles te botam pra fora. Chulé, ralé eles não querem não. Querem saber de coisa boa. E outra coisa, de disciplina, como homem, como ser humano. Podem falar o que quiser, não adianta, se a gente tá tocando isso daqui, é graças aquele período da ditadura. [Quando você fala ditadura você diz...] O período militar, isso aqui foi tudo no regime militar. Tudo. Tudo isso aqui foi no regime militar. [Militar você diz como uma expressão...] Não, militar mesmo. A gente chamava de coronel porque o cara era fantástico...O respeito que a gente tinha com os caras. Os caras se impunham respeito. (...) E a ditadura... eu cresci muito: como homem, como ser humano, como chefe de família como profissional. Principalmente como profissional ao período do militarismo mesmo. Muito curso, muito investimento em cima de você... Os caras exigem mesmo de você. (Sales)*

A disciplina e a ordem neste caso não deixam de lado a exclusão. Em uma corrente culturalista, onde, de acordo Deschamps e Moliner (2007, p.21) há o acento na influência da



cultura sobre a personalidade, Sales deixa registrada certa insatisfação pela entrada de estranhos na vila:

*Hoje... mas aí você tem a tal da coisa da democracia. A democracia. Hoje você pode falar. (...) Eu duvido, duvido, se hoje... eu to falando daqui, especificadamente daqui, se a gente ainda tivesse aqui no regime militar, pô a gente tava numa boa aqui. Muito, mais muito melhor. Não ia ter gracinha mais nem, nem a pau. Como é que o cara fora quer ter os mesmos direitos que você que tá morando aqui. Você estudou, você fez concurso, você se preparou, você veio pra cá, entendeu. Então já começa com o pessoal da... eles não, infelizmente. Vai num conjunto do Antônio Ermírio de Moraes ali em Paraty pra ver se tu entra. Vai no condomínio do Frade. Vai no Bracuhy, pra ver se você entra, vai, vai lá. Vai. Ah, eu vou ali na sorveteria, vou ver aqueles barquinhos ali, vai. Vai lá ver o que vai te acontecer. Não entra. Ninguém entra. Mas aqui todo mundo entra. Mas porque?! Por causa dessa empresa. Devido a empresa e devido a inserção regional. Ou seja: a responsabilidade social. Tudo agora gira em torno da responsabilidade social. Tudo, tudo. Tudo aqui é responsabilidade social. E o que que eles entendem que é responsabilidade social? Acolher a população daqui? É responsabilidade da empresa. A partir do momento que você entra aqui é responsabilidade da empresa ter você aqui dentro. Você vê, ela não proíbe de você entrar. Ela proibiu o que, ela proibiu, carro. Ali tem uma placa ali que diz – exclusivo para morador – o cara sabe ler... interprete da maneira que ele quiser. Eu não tô impedindo você de entrar mas eu tô dizendo pra você que esse trecho aqui é exclusivo de morador da vila cara. Mas se ele colocasse um guarda ali, em pé ali: pois não! Ah... aqui é só exclusivo de morador. (Sales)*

Na fala acima, Sales está se referindo aos cidadãos da redondeza e visitantes. Essa segregação poderia se estender aos aposentados, já que eles também se configuram como forasteiros? Perceber-se-ia ele, repentinamente, como um anônimo? O crachá era seu distintivo de entrada no *locus* social e habitacional. E agora? O que ele tem senão a perda? O próprio Sales, em seus vários anos de vila, afirma:

*Você não convive mais aqui. Você perdeu isso daqui, então você perde os amigos. Então... você toma uma pancada. Da noite pro dia você perdeu o crachá. Pronto. (Sales)*

Prosseguindo, Sales é categórico:

*Perdeu o crachá, você não entra mais na empresa. Você não convive mais aqui. Você perdeu isso daqui. Então você perde os amigos. Você perde amigos. E você vai morar onde? Quer dizer, se você voltar praquela tua terrinha lá, então você vai ser mais um ali, do teu bairro ali. Ele não é mais o engenheiro da casa A, da casa B... Nãããoooo, nãããoooo. Ele perdeu todo aquele status. Pra onde ele vai, acabou. (Sales)*

Neste sentido, Arendt (2012), em referência às origens do totalitarismo, afirma que “os sujeitos são despojados da vida pública e oficial (...); são excluídos da participação na gerência dos negócios públicos entre os cidadãos, bem como a conexão com seus semelhantes” (ARENDR, 2012, p.210).

Conhecer a razão científica é compreender o que torna possível a exclusão, a perseguição, o preconceito. A cultura fundada no princípio de identidade tem por aliado o de origem. Havendo sempre algo de primeiro e uno, cada grupo se vê como o verdadeiro herdeiro da origem, tão identitária quanto sedentária. Não se pode, porém, reencontrar em um homem as características gerais que permitam assimilá-lo a outros e dizer: “sou grego, sou alemão” (MATOS, 1998, p.95).

Assim, constata-se o acento colocado na diferença. Desta forma, conforme Deschamps e Moliner (2009, p.43), tem-se, conforme afirmado anteriormente, a “ameaça à identidade” que decorre da inferioridade intrínseca de certa situação.

A trajetória reversa compreende um processo de reconquista de espaço e significação social, levando em conta as normas de higienização da nova localidade: a higienização espacial aos moldes da ordem, constatada pela manifestação da necessidade de projetar a dinâmica cartesiana da vila; e a higienização social, aos moldes da dinâmica do ser no local.

O caso de Machado se refere ao retorno à cidade natal. A preocupação se dá pela mudança na dinâmica local: o lugar não é mais o mesmo. Sales corrobora a problemática da volta ao lugar de origem, classificando como “um problema muito grande” o retorno e o estranhamento:

*(...) você tem um problema muito grande, porque você tem uma série de pessoas com formações diferentes. Independente ou não, a grande maioria da época ou veio de Minas ou veio do Rio. (Sales)*

Assim corrobora Mendonça:

*Eu já pensava em me aposentar e primeiro ficar aqui na região... Porque a gente perde muito a identidade... Não sei como é que o Machado se ambientou depois que voltou pra cidade dele... Eu sou de Vassouras... Eu nasci em Vassouras... Quer dizer, na verdade eu estudei em Vassouras, mas eu morava na roça... Meu pai tinha um sítio lá perto de Vassouras – vinte quilômetros de Vassouras... Ai fiz vestibular no Rio, passei no Rio, morei com meu avós, pais da minha mãe que moravam no Rio. E nessa época ficava entre estudar engenharia e morar na empresa... Eu morei dez anos no Rio... Então eu morei em Vassouras até os 17 anos, depois eu morei no Rio mais uns dez anos... até os vinte e sete que foi quando eu vim pra cá... E... tô*

*morando aqui, desde 77 até hoje... trinta e seis anos... Então o local que eu vivi mais tempo na minha vida foi aqui... Hoje eu volto a Vassouras mas... eu não conheço mais ninguém, não tenho mais contato com ninguém... No Rio foram dez anos de vida também... tenho alguns amigos lá, mas não tenho identidade com Rio, não tenho identidade com Vassouras... (Mendonça)*

Lopes também não quis voltar para a cidade de origem pelo mesmo motivo de Mendonça: o estranhamento e a perda de identidade com o local de origem, e resolveu morar no bairro periférico:

*Não quisemos ir para Valença porque lá não tem vínculo com nada, aqui tem raiz. A gente vai em Valença, tem amigos lá, mais a amizade maior está por aqui... (Lopes)*

Uma das razões se refere ao vínculo que muitos fizeram com o local. No final da década de 90, houve uma explosão demográfica na região de periferia, destacada no início da pesquisa. Com os preços dos terrenos relativamente baixos, uma leva de aposentados que teve de deixar repentinamente a empresa<sup>7</sup> no final da década de 1990 fez expandir significativamente o número de moradores da região. A atual composição demográfica desta periferia é uma mescla de habitantes do interior do Sul Fluminense (principalmente dos municípios de Volta Redonda, Barra Mansa e Resende) à procura de casas de veraneio; trabalhadores nordestinos que vieram a trabalho na empresa através das empreiteiras, técnicos que vieram para a construção da terceira unidade da mesma e, evidentemente, os aposentados.

Realizar essa travessia é uma preocupação implícita, detectada em algumas falas. Isso é especialmente notável quando o assunto é transferir-se para uma região antagônica à realidade da vila, onde prevalecem a ordem cartesiana, a impecabilidade das ruas e a beleza da praia, uma espécie de luxo. Lá fora, o impacto das ruas esburacadas, dos carros de som, dos chamados “gatos” e “gambiarras” nos cabos de energia elétrica e nas linhas de esgoto, da possibilidade de enchentes, do latrocínio, entre outros, configura-se numa realidade um tanto quanto assustadora para aquele que estabeleceu uma relação filial com a vila.

---

<sup>7</sup> No final da década de 1990, o presidente Fernando Henrique Cardoso lançou uma política de enxugamento de custos das estatais. Aqueles juridicamente aposentados mas que ainda exerciam atividade na empresa foram convocados em uma reunião num cinema em uma das vilas operárias e comunicados de súbito do desligamento compulsório. Dos entrevistados nesta pesquisa, Machado e Lopes fazem parte deste grupo. O processo de ruptura com o *locus* nestes casos foi mais traumático que nos dos demais entrevistados.

Castilho, funcionário aposentado prestes a sair da empresa pelo Plano de Demissão Incentivada (PDI), morador de uma vila da operação, manifesta sua apreensão quanto ao aspecto de ordem local da periferia:

*Adoro este bairro porque eu vivo ali nele. Acordo de manhã, dia de domingo, que eu tô de plantão, que tem que ficar perto da empresa, vou caminhar lá. Conheço todo mundo ali... Todo mundo... Com quem eu não conheço sempre começo a conversar... Não tenho nenhum problema. Adoro... Mas, por exemplo... se eu sair hoje da vila, um exemplo assim, bem prático. Eu saio da vila, aí, vou morar neste bairro. Moro ali, na beira da praia em uma casa maravilhosa, três quartos, bonita, arrumadinha, minha mulher é sempre caprichosa com a casa, e a gente também zela, tá sempre pintadinha, troca piso, troca não sei o que... A área é maravilhosa... Eu gosto mais de ficar na área que dentro de casa... muito legal... A gente sai e vai morar lá neste bairro... A casinha não chega a cinquenta por cento do que eu tô: vou ser feliz? Num vô. Num dá pra ser feliz. Eu tô dizendo... eu sentiria dificuldade. (Castilho)*

A fala de Castilho remonta a questão identitária proposta por James (1890/1952), no que se refere a um dos componentes do Me material, o corpo, e a proteção do mesmo contra as condições perniciosas advindas do ambiente. Castilho remonta a identidade, identificada à condição de proteção do corpo, à higienização espacial, mas fala também de felicidade, interpondo duas condições: a do ego puro e a do Eu empírico, em que o sujeito reconhece a si mesmo em todas as diferentes formas de seus Mes (material, social e espiritual) conforme afirma James (1890/1952). Ao afirmar que a “casinha não chega a cinquenta por cento do que eu tô: vou ser feliz? Num vô. Num dá pra ser feliz”, Castilho faz coincidir as condições de proteção e beleza do Me material, reconhecendo no entanto uma contradição: a infelicidade, que iria compor seu ego puro, um elemento da identidade. Esta segunda análise é feita, conforme James (1890/1952), sob o ponto de vista da filosofia. Neste caso, o sujeito em questão, em sua identidade, tornar-se-ia “o infeliz”, mediante o reflexo do eu empírico (no caso, do componente Me material) no ego puro.

Lopes, neste ponto, se refere a este bairro periférico, reconhecendo que muitos ex-funcionários encontraram no mesmo um ponto de referência para viver:

*A maioria não está indo embora não... está ficando tudo por aqui... Você vê que este bairro cresceu. Se você ficar uma semana aqui você vai ver... Totalmente diferente. (Lopes)*

Corroborar Castilho:

*Cê vê este bairro... Virou uma cidade! (Castilho)*

Neste caso, há uma necessidade premente de estabelecer um vínculo com um local que lhe faça sentido; um lugar consonante com a própria história do sujeito e que dialogue com ele. Para o ex-morador da vila, essa busca é um imperativo de sobrevivência. Esta última palavra, o sobreviver, está relacionada a capacidade de estar em uníssono com a nova comunidade, de estar ligado e encontrar raízes de si mesmo neste novo local. Do contrário, a ausência de ligação o levaria para uma região de nostalgia e angústia, tal qual afirma Vincent (2009, p.215):

A angústia identitária provoca diversas reações. Tentemos indicar algumas no plano cultural. A evolução das ciências e dos costumes gera inquietude: não podendo prever para onde vamos, já é tranquilizador saber de onde viemos. Em sua necessidade de estar ligada a alguma coisa, o homem busca suas raízes. Não podendo viver o torrão natal, ele precisa de uma terra de origem e de uma história, quando menos para se alimentar sua nostalgia.

Esta angústia e deslocamento da identidade são justificados pelo isolamento de uma vida talhada no paternalismo organizacional. Quanto a isso, Silva (1999) afirma que os funcionários e moradores das vilas sentem-se isolados da sociedade brasileira como um todo. O que corrobora Machado em sua fala, descrevendo através da palavra “prisão” a expressão íntima do sentir no local. O isolamento advém da ligação estreita existente entre as funções da organização e as funções da vila como um anexo à organização:

*Lá a gente vivia preso 24 horas... Era um desgaste físico e psicológico... Porque a qualquer momento, você pode ser chamado para retornar lá, os caras sabiam que cê tava lá, tinha telefone seu. Do 'setor empresa' você não saía. Você não era praticamente liiiiivre assim sabe?! Deu sexta feira e pronto! Não, cê chegava em casa ...e se precisasse de você, tinha que retornar pra lá de novo, entendeu?! Com relação ao tempo livre... tem a questão do desgaste... porque você só encontra a mesma cara, a mesma piadinha, a mesma conversinha. Aquilo lá dava um desgaste físico e psicológico grande só que o pessoal não percebe... uns percebem mais outros menos.... (Machado)*

Constata-se, desta forma, na fala de Machado, a intensidade e complexidade do transitar livremente entre as questões da vida pública e privada. No caso de Machado, observa-se ainda os impactos desta intersecção por ocasião de sua saída: em sua fala existe um paradoxo. Em

fala anterior, ele descreveu a saída da empresa como “estar fora do rebanho” e na fala corrente afirma que “a gente vivia preso”. Tal contraste fornece pistas sobre a capacidade de inferência do isolamento como substância que fragiliza o sujeito. Assim, a caracterização do universo vila-empresa como mundo à parte ou prisão e o distanciamento em um sentimento de unidade em códigos de privilégio formam um paradoxo e uma tensão: o sentir-se privilegiado e ao mesmo tempo prisioneiro. Nas questões de privilégio, os vilenses eram considerados uma comunidade seleta conforme mencionado anteriormente por Torres (“é um privilegiado”). E ao mesmo tempo, consideravam a comunidade externa como estranhos, o que também justifica a fragilidade do sujeito. Quanto a isso, Bauman (1997, p.19) elucida:

É isso o que ‘as pessoas do lugar’, efetivamente, só podiam pensar em si próprias como tal, e arvorar-se nisso, na medida em que se opusessem a ‘estranhos’ – isto é, a algumas outras pessoas que não fossem ‘pessoas do lugar’.

De acordo com Silva (1999, p.56), os moradores das vilas são resguardados e afirma que “se isto acontece internamente, na relação com os próprios vizinhos e colegas, acentua-se ainda mais no contato com estranhos”. Essa grande família se define em suas relações cotidianas, quando não há situações delicadas ou dramáticas, como um tecido fragmentado (SILVA, 1999). Evitar o convívio e circunscrever as relações de amizade a poucas pessoas denomina-se, nas entrevistas, individualismo. Essa é uma fórmula generalizada para convivência, mas se torna ao mesmo tempo crítica (SILVA, 1999). Nesse sentido, o isolamento também é constatado por Mendonça, que descreve o melindre das relações na vila, temperadas com elementos do cotidiano da empresa:

*[Quem mora nas vilas nunca sai da esfera organizacional?] Nunca, nunca, nunca. Você vai de noite no clube você encontra alguém, você vai na praia você encontra alguém. Tu fala, tem que falar de trabalho... vai falar que o cachorro da vizinha fez cocô na casa dele. [Há uma mistura do espaço público e privado?] Sem dúvida, sem dúvida. [Chegava problema da vila na empresa?] Chegava. Primeiro quando eu não tinha nada a ver com isso, depois teve uma época que eu trabalhei com isso... Até antes porque antes era do escritório de obra... Teve uma parte muito grande da minha vida eu trabalhava com administração de vila... administração de condomínio... cortar grama e resolver briga de vizinho... quem quer casa... quem vai ganhar casa, quem não vai ganhar casa... Eu trabalhava na administração e isso realmente foi a parte ruim da minha experiência... Quer dizer... profissional... Porque é muito difícil lidar com a pessoa... O ser humano, tecnicamente, profissionalmente não... Todas as pessoas com quem eu trabalhei... tanto subordinados a mim, quanto profissionalmente, o trabalho*

*da empresa para o qual eu fui... não sei porque eu fiz engenharia... porque agora eu tava cuidando... do cachorro da vizinha que “cagou” na garagem dela, não sei o que, entendeu?! (risos) (Mendonça)*

Mendonça coloca em questão a problemática deste isolamento e a mistura das relações de trabalho com o cotidiano da vila. Fica claro em sua fala o antagonismo existente entre engenharia e intimidade doméstica. Pessoas, subjetividade, máquinas e processos formam um conjunto peculiar onde incompatibilidades entram constantemente em choque. Esses elementos são composições do isolamento que acentuam a dificuldade no processo de ruptura, tal como o estranhamento com o mundo externo. Souza e Torres corroboram a problemática da empresa e absorção pelo sujeito:

*A empresa ficava no coração de cada um, esposa filho... entendeu?! (Souza)*

*Nós nunca tínhamos hora. A empresa precisa de você, shhhp, tô indo! Dou vinte minutos pra você, que o motorista já tá chegando aí. Aí quando era para o serviço da empresa (risos) eles mandavam um motorista do transporte para te pegar. Aí não ia de ônibus não, eles mandavam uma Kombi para te pegar. Aí passava na minha casa, passava a casa do Machado, sentava ali quatro, cinco pra ir pro turno que tava precisando, ali levava. Agora, relacionamento, não. Eu nunca tive porque eu num gosto mesmo. Gosto do meu grupinho assim. O pessoal tinha o futebol deles que era em dias diferentes, o pessoal tinha as reuniões deles que eram em dias diferentes. [E como fazia pra desligar a cabeça da empresa?] Ahh, não tinha como, não tinha como. [Nem quando viajava?] Viajar você avisava: ‘Oooh eu vou... viajar, vou ficar uns dias fora’. (Torres)*

O sentimento, portanto, é de vínculo e Lopes confirma a formalidade e diplomacia no trato com os colegas para lidar com a mistura público privado e o isolamento:

*[Qual era a sensação de viver com os colegas de trabalho?] Para mim, cê sabe que a gente tinha a obrigação de tratar todo mundo bem, né?! Na amizade mermo tinha era o Machado, o pessoal ali mais próximo, que a gente selecionava na amizade, pessoal que tava mais com convívio naquela quadra. Dali não tinha convívio com mais ninguém... Era da vila pra casa, da casa para o serviço... Agora.... eu sempre procurei tratar todo mundo bem, entendeu?! Porque... justamente pra você não entrar em depressão, se tá entendendo?! Senão você começa a buscar muita coisa de fora às vezes. Você buscava um problema de uma pessoa que você não tinha nada a ver com aquilo ali. [Você diz de uma pessoa do serviço?] Um problema particular entendeu?! Cara farrista, cara bebia, cara num dava aquela atenção à família, ficava mais na rua. (Lopes)*

A vida, ainda que cercada do *status*, da segurança e da beleza da paisagem, da formação de uma “família”, representa por vezes o paradoxo, como mencionado. “Essa rotina, descrita como massacrante por um entrevistado, estreita tanto os laços desta família que quase a asfixia” (SILVA, 1999, p.56).

*[A empresa entrava no ambiente familiar?] A empresa conseguia entrar no ambiente familiar. (...) Também já passei por isso... Quando eu trabalhava na empresa, eu sentava na porta da sala, pra esperar a Kombi passar... Preciso do cara aqui de novo... ia lá pra por uma bomba no sistema... Se você não fosse dava um problemaço no dia seguinte... Problema sério, porque eles iriam falar: você ganhou uma casa pra você ficar próximo do serviço e você não está atendendo a empresa porquê? (Lopes)*

Corroborando Sales:

*Mas a cabeça do empresário... É fantástico. Os caras são muito inteligentes. Os caras são... Pô... Isso aqui é um ‘cala a boca’. Isso é um ‘cala a boca’ entendeu?! ‘Você vai morar aqui, mas cala a boca rapá. Tô te dando uma casa rapá’. Toca o telefone, ‘vem pra cá’. ‘Num vo não’. ‘Como não?! Cê tá numa casa aí rapá’. Na hora que você assinou o contrato, você assina mas você não lê o que você assinou. Tem cláusula lá que diz: você tá morando aqui, mas você tem que atender lá. E nego jura de pé junto: liga pra mim pra ver se eu vou. Não vai não. Descumpriu procedimento, cê tá na rua. ‘Você leu, você leu seu contrato? Então lê’. Então depois de vinte anos, nego começou a ler o contrato de trabalho e começou a colocar a mão na cabeça assim oh: ‘Ahh! Meu Deus do Céu.... Podia perder isso tudo da noite pro dia’. (Sales)*

Sales expõe a casa como um “cala a boca”, um imperativo, e não refúgio como deveria ser, pois a casa cerca os limites da vida privada e estabelece a divisa entre o particular e o público, entre o oculto e o conhecido, entre o íntimo e o que é exposto. Ela preserva marcas da expressividade do sujeito, ou seja, sua atitude e sua forma de ser, que procura percorrer espaços de liberdade.

“A vida privada deve ser cercada de muros e não permite esquadrinhar e revelar o que se passa na residência de um particular. (...). A casa, portanto, é o endereço dos segredos, da frenesi, ocultada por vezes no ambiente público em virtude das normas sociais vigentes” (PERROT, 2012, p.284).

Edelman (1984), a respeito da casa e sua grandiosa metafísica, transcreve Kant, em uma reflexão que expõe a casa como domicílio e a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura: ela encerra em suas paredes tudo que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos; opõe-se a evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem



interna, sua civilidade, sua paixão. Sua liberdade desabrocha no estável, no contido, e não no aberto ou no infinito. Estar em casa é reconhecer a lentidão da vida e o prazer da meditação imóvel (EDELMAN, 1984). Nas vilas operárias, esse lugar de descanso escondia também um campo de tensão.

Martins reafirma o distanciamento necessário entre morador e a casa, atestando não a preocupação com a identidade do sujeito, mas sim a conservação de um patrimônio da empresa. Membro do alto escalão, ecoa e personifica o axioma da empresa:

*[Isso pode ser um grande desafio para o morador... Eles têm que constantemente conscientizar e “reconscientizar” de que aquilo não é dele?] É o público... Então quer dizer, o seu você pode até dizer assim: ah, eu não quero mais... eu vou jogar fora e trato mal, mas o público, você imperiosamente... a gente tem que preservar. (Martins)*

Martins deixa clara a separação público-privado e a necessidade da preservação, ou seja, de deixar incólume o bem público, não alterando seu estado original. Neste sentido, aquilo que se deixa intacto é aquilo que não se toca, ou seja, aquilo de que não se pode se aproximar. Daí resulta o campo de tensão, pois se transita em espaços sensíveis. Daí se justifica a aproximação e o afastamento presente na fala do sujeito de pesquisa.

Perrot (2012, p.285) destaca a casa como um “elemento de fixação”. Assim observa-se a função de uma vila operária na estratégia da organização para formação da mão-de-obra que se conforme aos seus constructos normativos e que mantenha a estabilidade de suas operações conforme afirma Perrot (2012, p.285): “daí o papel das vilas operárias na estratégia patronal de formação de mão-de-obra estável, das ideologias securitárias ou referentes à família”.

Nesse sentido, a conscientização sobre a necessidade de desapegar-se dos valores da vila-empresa era sentida por alguns, que procuravam, por sua vez, repassá-la aos filhos. Outros, no pólo oposto, absorviam e viviam intensamente o que por muitos é chamado de “ilha da fantasia”. Assim, levando-se em conta que a característica da “ilha da fantasia” traz consigo o isolamento social e suas consequências, há que se questionar como os sujeitos lidaram com essa atmosfera e quais os impactos da mesma na saída. Quanto a isso, o que se percebe nos sujeitos pesquisados é a manifestação repetida da expressão “isso aqui não é nosso”, como uma espécie de mecanismo de conscientização de si mesmo e dos familiares. A palavra conscientização, em destaque, está relacionada a uma motivação para preparar-se para a ocasião da saída. Este processo, de preparação, seria a construção de uma segunda via ou o

vínculo com o mundo externo. Esse movimento é interior e decorre de uma conscientização íntima sobre o que lhe pertence e o que não lhe pertence, sobre o que é público e o que é privado; uma espécie de tensão existente na mente do funcionário que resulta em um diálogo entre o que ele precisa viver (a construção de seu espaço íntimo) e a realidade (“isto não me pertence”). Foi o que fez Mendonça, que ocupava um cargo de alto escalão, mas definiu para si um padrão que não o traumatizasse na saída da “ilha da fantasia”:

*Então... Eu sempre procurei... eu sempre vi isso aqui como a ilha da fantasia... isso aqui não me pertence... isso aqui não te pertence... isso aqui não te pertence mais... [Você fazia esse movimento interior pra se desligar?] Sempre, sempre, sempre... Com muita ajuda da minha mulher... Ela dizia: ‘isso aqui não é assim... isso aqui está assim, mas não é assim...’. Eu sempre fiz muito isso, sempre, sempre... Então eu hoje tô muito tranquilo... (Mendonça)*

Neste sentido também Elizabeth corrobora com a expressão “ilha da fantasia”, projetando-se em uma via paralela, um outro padrão de vida:

*[E no caso, dentro da casa, não podia modificar nada e tal... Como que era pra sra.?] Não, meu marido... Também nunca quis modificar não. [E isso não fez falta?] Não, de jeito nenhum. Eu até gostaria de ter... Modificar aquele tipo de varanda e tal... Mas ele dizia: não! Nós vamos investir na nossa casa em Resende. [Tinha a consciência de que aquilo não era de vocês?] Sim! Coimbra e eu sempre tivemos essa consciência... Isso aqui é uma passagem, uma ilha da fantasia. E isso que eu passava para os alunos. Vocês tem que estudar pra vocês saírem daqui. Hoje está doendo, tudo bem! Lutem contra isso. Lutar como?! Estudando! Isso aí era um trabalho que era feito e alguns professores ajudavam. (Elizabeth)*

Souza, por sua vez, se descreve como “lento” quanto às questões estruturadas da vila e da empresa. Sua lentidão tende ao desligamento, ou ao desapegar-se, como ele mesmo afirma, ao não prender-se “a essas coisas”:

*Eu sou muito lento nisso aí, eu nunca me identifiquei, nunca me prendi a essas coisas não. Não me prendo a casa, a carro, não me prendo a essas coisas não. Nunca me prendia a cargo, nunca falei pra minha família o que que eu fazia na empresa, eles nunca me perguntaram qual que é a minha função, eles não sabiam. Não sou de comentar sobre meu trabalho, nunca andei em turma. Pessoal fala vibrando com aquilo ali, com aquele trabalho. No final ficava aquela turma de engenheiros falando da faculdade, reclamando da vida... Eu que vim de uma linha de pobreza, pensava: reclamando de quê? Entendeu, mas nunca me prendi aquilo. [Você fez um vínculo com o mundo externo?] Eu nunca me afastei do meu dia-a-dia. Não*

*entrei de cabeça na empresa. Eu fiz a minha parte. [Esse vínculo que você fez com o mundo externo, fez com que você viesse para a realidade e te livrou do isolamento? O que você gostava de fazer estava aqui fora também?] Sempre, sempre. (Souza)*

Quando Souza fala “nunca me prendi” àquilo, se refere aos esquemas na mistura público-privado. Além disso, ao afirmar, “eu nunca me afastei do meu dia-a-dia. Não entrei de cabeça na empresa. Eu fiz a minha parte”, Souza revela uma opção: a de fazer um vínculo com o mundo externo, alcançando para si um distanciamento dos valores normativos da vila. Ora, “eu nunca me afastei do meu dia-a-dia”; mas, qual é o dia-a-dia senão a casa e o trabalho? O dia-a-dia a que Souza se refere significa a naturalidade de suas próprias convicções, sobrepujando os limites desenhados pelas relações de trabalho.

Souza, assim como Mendonça, criou um “ideal e ser”, ao qual se refere Sartre (1998, p.115), e o campo de tensão é estabelecido, pois, na expressão de Sartre (1998) isto qualifica uma obrigação de ser:

*Se o homem é o que é, a má-fé será definitivamente impossível, e a franqueza deixará de ser seu ideal para tornar-se seu ser. Mas o homem é o que é? E, de modo geral, como se pode ser o que se é, quando se é como consciência de ser? Se a franqueza ou sinceridade é valor universal, resulta que sua máxima “é preciso ser o que é” não serve apenas de princípio regulador de juízos e conceitos pelo qual expresse que sou. Não formula só um ideal de conhecer, mas um ideal de ser; propõe um protótipo do ser uma absoluta adequação do ser consigo mesmo. Nesse sentido é preciso que nos façamos ser o que somos. Mas, que somos, afinal, se temos a obrigação constante de nos fazermos ser o que somos? (SARTRE, 1998, p.105).*

Ao dizer “eu fiz a minha parte”, Souza procura separar suas intenções da mistura público-privado e estabelecer um protótipo do ser. O sujeito de pesquisa em questão tentou construir seu próprio espaço, apesar de ter acesso à “corte”, na expressão de Silva (1999), por possuir cargo de chefia e gozar de certo moral local:

*[Quando você trabalhava você sentia que estava em uma espécie de prisão?] Não. Eu tinha muita liberdade. Porque você... vê... [Liberdade vigiada?] Não, não era. Eu nunca tinha problemas com chefia, eu sempre fui um cara livre. Porque você vê, oh, eu viajava pela empresa... Sempre participei dos grandes eventos da empresa. Entendeu?! O meu horário eu fazia. Eu tinha permissão de dirigir os carros da empresa. Podia pegar qualquer carro pra sair no canteiro de obra... Mas nunca tive problema nenhum, graças a Deus. Sempre fui um cara que teve muita liberdade... Muita liberdade mesmo. (Souza)*

Entretanto, o que se observou mais frequentemente nas entrevistas foi a presença de sujeitos que se apropriaram da realidade local e não se prepararam para a saída. Isto é evidenciado especialmente por aquilo que os entrevistados consideram o básico na questão da preparação por ocasião da aposentadoria: adquirir a casa própria. Morando na vila há cerca de trinta anos, Sales, traça um quadro a respeito desta condição:

*A grande maioria que tá lá dentro conseguiu fazer um pezinho de meia, comprar uma casa, conseguiu ter uma casa legal, sair. Por outro lado, outras pessoas não compraram uma casa... Compraram um Volvo aí de cento e varada. Entendeu?! O cara não tem um teto, ele tem um teto ambulante: bateu, perdeu a casa. A gente costuma dizer isso aqui. (...)*  
(Sales)

Sales se refere àqueles que se apropriaram do local e da casa como seus, bem como àqueles que adotaram o hábito de investir em carros luxuosos – o que era uma prática relativamente comum no local – para manter uma imagem favorável no quadro de referência.

*Os caras só falavam de comprar um carro novo, viagem para os Estados Unidos, só falava naquilo a vida toda, não é?! Eu nunca vivi isso não.*  
(Souza)

*É Mercedes... Cê precisa ver os carros de hoje lá dentro... é um troço assim... absurdo... de outro planeta.* (Sales)

A questão do carro nas vilas é relevante porque, como todas as casas têm garagem na frente, ao se passar pelas ruas e avenidas, sobretudo numa das vilas da operação onde as casas são geminadas, é impossível não reparar na quantidade de carros novos enfileirados, como em exposição. Porém, o ocupante desta corte não é o ocupante do mais alto posto funcional, mas a própria empresa. É ela que, na Terra, como Deus no céu, e na grande família das vilas, como pai e como mãe abrangente, articula e mantém funcionários que vestem sua camisa e outras empresas parceiras em torno de seu grande projeto. E, através de sua presença segura e abrangente, dá a certeza de que ali, naquela ilha de beleza e tranquilidade, nada de errado pode acontecer (SILVA, 1999).

Corroborando Castilho, descrevendo a dificuldade que tinha em convencer as filhas de que era preciso poupar para construir a casa que seria propriedade privada, e não trocar de carro:

*Eu sempre fui muito preocupado em ter uma reserva de dinheiro. Tipo assim, minhas filhas nunca entenderam por que eu falava – ‘olha... precisa trocar de carro não... não vou trocar agora não porque eu não tenho*

*dinheiro... Pai mas todo mundo troca de carro... não precisa de dinheiro... o cara vai lá e troca... e paga a prestação... Não... eu só compro se eu tiver o dinheiro pra pagar o carro... Vou lá dou o dinheiro e pego o carro...’ – Não gosto de prestação não... Minhas casas foram todas assim... Pegava o dinheiro... ia lá e comprava... (Castilho)*

A questão da casa própria era um apelo à consciência e uma lembrança à questão da saída e do findar da carreira na empresa. Os relatos da pesquisa denotam pessoas que não construíram casas para si e foram surpreendidas posteriormente pelo aluguel, pelas contas e demais problemas que anteriormente estavam sob os cuidados da empresa. Assim relatam Castilho e Sales sobre essa problemática, indicando o sofrimento devido ao despreparo para estruturar uma nova trajetória:

*Eu acho assim... Sempre tive minha consciência... Tem que ter primeiro uma casa pra morar... Se não tiver e ainda for resolver é um sério candidato a sofrer muito... E já teve, já aconteceu muito. O cara sair... ter um carro maravilhoso na porta... mas cadê a casa pra morar... esqueceu! (Castilho)*

*E a gente sabe que o cara não comprou uma casa, não tem um terreninho... O cara tá pra viver. E você assiste isso tudo e o choque é que você convive vinte e cinco, trinta anos e você sabe que o cara não construiu nada entendeu. Ele não tá sendo punido. Além dele ele tá punindo a família dele, a esposa os filhos? [A família aposenta?] A família aposenta com você. Então você tá prejudicando a tua família, tá. Você até então só viu você. Você, você, você. Deixou de assistir a família... Isso é que choca... E choca assim... (Sales)*

Mendonça, por sua vez, relembra o fato de ter, além da estrutura segura da vila, acesso a privilégios ainda maiores, e como enxerga neles as potenciais armadilhas para sua identidade. Ele traça para si um caminho de conscientização, de desapropriação. Ausente de estruturas que não lhe pertencem, lhe incorreria o vazio, o que ele define como trauma:

*Sabe o que que acontece... eu sou uma pessoa que graças a Deus e com muito apoio da minha mulher... (porque a família depende muito da mulher)... A minha mulher é uma pessoa muito simples... me ajudou muito nesta formação e no entendimento disso tá... Eu ocupei posições aqui de chefe de departamento (...) e tudo mais... Mas eu sempre soube separar o que que é empresa, o que é o Mendonça da empresa e o que que é o Mendonça da família, do social... Sempre soube... Embora eu tivesse, porque você tem oportunidade de cargo gerencial... de você pegar e dizer assim... Pô minha mulher quer comprar um tamanco que tem São Paulo... eu podia ligar pro transporte e dizer: ‘Oh...manda o motorista de São Paulo pra trazer aqui...’ Você... quando você tem um cargo alto de gerência... Eu tô sendo bem franco com você... mas eu nunca fiz isso, eu nunca, nunca... Pra você ter uma ideia, por exemplo, eu vou muito ao Rio... Então... pelo*

*cargo que eu ocupo... tem uma determinada gama de hotéis que eu poderia utilizar pela empresa... Hotéis de quatro, cinco, estrelas, mas tem um hotelzinho em Copacabana que eu gosto muito dele quando eu vou privado... quando eu vou por minha conta eu fico nele... então quando eu vou ao Rio a trabalho, eu fico neste hotel também... eu não quero ter o trauma de depois dizer assim. Ah., você frequentou aquele hotel na orla de Copacabana na Avenida Atlântica e agora você tá frequentando esse hotel aqui na Antônio... Então eu construí pra mim um padrão... Eu nunca usei da empresa mais do que eu tenho condição de usar quando eu me aposentar... Até pela condição financeira. (Mendonça)*

Mas sua preocupação, para além da busca em construir um espaço interior independente e livre, tangencia um receio de prejudicar sua imagem social. Mendonça se preocupa com o que é – e com o que vai parecer – sua reputação.

De alguma forma está ele atento à questão do seu Me social, de não ser posteriormente classificado como “sujeira” nos termos de Bauman (1997) ou configurar-se a um estranho. O movimento de desapropriação acontece quando ele cria uma segunda via, segura, definida por ele como “um padrão” e o afastamento interior de algumas estruturas que compõem o Me social.

Souza também construiu para si um padrão, mas usa a expressão choque ao invés de trauma:

*O indivíduo tem uma namorada e deixa o namoro, tem um choque. O indivíduo tem uma casa, muda de casa, até se ajustar... No trabalho não é diferente, a pessoa sente alguma coisa. Você falar que eu não senti em sair da empresa?! Você sente alguma coisa. Só que você não tem mais aquele compromisso. Por exemplo: tem pessoas que usam o transporte da empresa, eu nunca utilizei, sempre fui com meu carro pra empresa. A não ser quando me pegavam em casa. Mas, eu nunca utilizei o transporte da empresa como transporte, nunca. Nunca fui pro banheiro tomar banho, como aquela turma e pega o carro e vai embora... A gente vê pessoas assim, dependentes. Como também tinha aqueles caras: o dia que o Flamengo jogava, você não podia andar no ônibus, né?! Entendeu?! Então tem pessoas pra tudo. Tem pessoas que levam aquilo ali... É... doença... é uma doença geral... o mundo todo é assim. (Souza)*

Quando Souza fala “tem pessoas que levam aquilo ali...”, ele se refere ao sentimento bem conhecido entre os vilenses, que é a apropriação do local como seu e a desconsideração da saída. Nesse sentido, ele manifesta a sua consciência sobre a ruptura, assim como Mendonça, e realiza esta espécie de movimento de apropriação-desapropriação, que significa estar no local, gozar dos benefícios da estrutura (apropriação), mas, ao mesmo tempo, conscientizar-se de que haverá um momento de partida (desapropriação). O movimento de

apropriação-desapropriação, representava uma espécie de exercício para sujeitos como Souza ou Castilho; este, por sua vez, decidiu iniciar a preparação para a saída há aproximadamente quarenta anos:

*Olha... Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a juntar dinheiro pra comprar uma casa... Era minha preocupação... Eu casei em 77... Comprei em uma cidade aqui perto. Eu falei: ‘e se a empresa me mandar embora? Eu tô casado e tenho uma mulher, eu vou morar debaixo da ponte?!’ Então já tinha comprado uma casa. Quando minhas filhas foram pro Rio, eu comprei um apartamento no Rio. Aí comecei essa casa que eu comprei em uma cidade próxima...*

Entretanto, apesar do relato de Castilho demonstrar preparação, através da construção de uma casa em um condomínio de elevado padrão, ele mesmo admite apropriação do local para si. Em seu tom de voz, manifesta-se o pesar:

*Eu comprei essa outra casa e comecei a transformar pra eu morar... Casa mais ou menos igual a essa, pelo menos da porta pra dentro. Um bairro igual esse aqui... Nunca mais... (Castilho)*

Machado, por sua vez, cita o caso de sua esposa que, não conseguindo realizar o movimento de desapropriação, assumiu para si aquelas condições e não conseguiu realizar um vínculo com o mundo externo, prendendo-se às estruturas de proteção:

*Cito, por exemplo, minha esposa. Não era funcionária, mas ficou cativa daquilo lá. E eu sempre conversava com ela que aquilo não era nosso, mas ela achava que era e não tinha plena consciência disso. Era um passarinho, criado na gaiola que ficou tão acostumado que não vê um outro mundo, é o caso dela. Aquilo é o paraíso... Paraíso entre aspas, não é seu, é do governo. Ela achava que era tudo lá. Não, tudo não, entre aspas, aquilo lá não era nosso. Não compramos aquilo lá. Eu sempre falava isso para ela, mas não caiu a ficha ainda. (Machado)*

O caso acima exemplifica a apropriação. Machado diz que “não caiu a ficha ainda”; o “ainda” significa longos anos. Quando questionado sobre o tempo em que está fora da vila, a resposta foi: “aproximadamente quinze anos”, o que pode representar um ser vivente e vacante, jogado do lado de fora, em um vazio identitário. Pode-se, então, afirmar que os aposentados que fizeram vínculo com o mundo externo durante sua vivência na vila tiveram maior facilidade de adaptação por ocasião da aposentadoria? Souza atesta o movimento que fez de desapropriação:

*[A vila por si só já era uma dádiva?] Olha... eu vim pra vila, não tinha comércio... Montei comércio e trabalhei em associações... É um mundo que eu não fiz parte. Tinha uma turma nossa aqui... tem coisa que a gente nem sabia que acontecia porque a gente não participava daquilo. Pra mim nunca existiu isso. (Souza)*

Como é estar em um lugar e ao mesmo tempo não estar? Estar em um dual existe e não existe? Certamente, uma forma de manter um ambiente como esse é criando outro *modus vivendi* – uma outra comunidade, a segunda via.

Torres, por sua vez, também fez um vínculo externo quando percebeu a fragilidade da estrutura em que vivia. Assim, remontando, uma segunda via ele realiza o movimento de desapropriação:

*[Você já fazia um vínculo com o bairro periférico?] Já... já... Tinha uma ligação... que não afetou muito. É minha forma de ser, não era muito ligado nas coisas assim. Não, não. Agora, tem muita gente... É o que eu tô te falando, é muito particular isso, é muito de cada um. Teve muita gente que já teve dificuldade. Já não queria sair. Quando você entrava você assinava um contrato, você tinha um contrato no qual dizia que quando você se desligasse da empresa você teria obrigação de devolver a casa da mesma forma que você recebeu. (Torres)*

Observa-se que Souza e Torres procuraram fazer vínculos com o mundo externo com antecedência à aposentadoria. Ou seja, estando ainda na vila, realizaram a travessia para uma nova esfera de vida, paralela. Se integrar a uma segunda comunidade, como fez Torres ao comprar um terreno no bairro periférico (citado acima) em 1985 foi um meio de realizar a travessia de forma gradual e não traumática. Eles estavam na vila, entretanto procuravam fazer um movimento de desligamento do lugar, conseguindo observar a vila e seus trâmites como quem olha de fora:

*Agora quanto à aposentadoria... Quando você se afasta da empresa, você automaticamente... você se obriga a devolver a casa. Quando eu me afastei eles me deram seis meses pra eu sair. (Torres)*

Souza estabeleceu sua segunda via no bairro periférico, até então considerado pelos moradores da vila, especialmente na década de 1980 e 1990, como um povoado de baixo padrão. Questionado se se sentia bem e realizado neste caminho paralelo, responde:

*Gosto até hoje. Hoje se você passar ali, você vai me ver de bota, carregando um carrinho de terra, quebrando... É isso é que é minha vida. [Você conseguiu sair daquela atmosfera?] Nunca entrei. (Souza)*



O entrar e o sair é a dinâmica que os vilenses sempre tiveram de enfrentar; como mencionado, um campo de tensão que se torna evidente na aposentadoria e no deixar a vila. No tópico que se segue, se observa o movimento de rompimento, levando-se em consideração conceitos de identidade e o olhar do sujeito.

### **3.2.2 CEGUEIRA OU VISÃO, CAMINHO OU PRISÃO, DESEJO OU DOR?**

Considerar a praia<sup>8</sup> uma dádiva é uma máxima presente no mais íntimo dos corações. Não se fala, mas está implícito; se respira um certo moral por tê-la como quintal. A vida na vila residencial da empresa em estudo é uma espécie de ser ou existir emblemático, que paralisa os visitantes, os quais são vistos pelos moradores como aqueles-que-gostariam-de-usufruir-o-que-vivemos. O viver na vila e o trabalhar na empresa são superestimados pelos seus moradores como um suprassumo. A vila, embora segregadora em sua essência, representa um lugar à parte definido por Sales como “bolha”. Inculturado, cada célula do seu corpo parece carregar no núcleo um código de existência social: o morador da vila, o funcionário da empresa. “Oh Senhor, eu te agradeço todos os dias por isso”, é a oração de Sales conforme expressado na entrevista. “Te agradeço porque tenho a vida: quem é que quer deixar isso aqui?”, afirma o mesmo.

A vida, a moral, a importância, o próprio ser. Sua significância vai além de um trabalho como outro qualquer, mas define um código do existir. No entanto, para além das distrações paradisíacas, há uma espécie de relógio, um contador ao lado, institucionalizado socialmente sobre a linha mestra da vida do sujeito. Paralelo ao soar do mar que prolonga o tempo, está a instituição que conta-o e cadencia-o até o encurtamento das temporalidades e a dispensa do sujeito. Assim, a vida, na expressão de Debert (2010) é periodizada. As etapas são claramente definidas, conforme assegura Sales, quando discorre sobre “o que é aposentar aqui”:

*Porque a empresa, ela não te incomoda, ela não avisa você. Quando ela te dá um bótom de cinco anos: parabéns você fez cinco anos. Cinco anos e o*

---

<sup>8</sup> É um dos elementos naturais que compõem as vilas operárias, em especial as vilas da operação, que se situam na orla. Daí provêm expressões tais como como “morar no paraíso”, que sintetizam a beleza natural do litoral e das montanhas, típica paisagem que circunda os vilenses.

*gerente nem te entrega, manda a secretária te entregar. Dez anos: oh, cê tem dez anos. Você tem outro bótom. Quinze anos, você tem outro. Vinte anos, você tem outro. Vinte e cinco você tem outro. Trinta, você tem outro. Quando você recebe o de vinte e cinco anos ela já começa a te olhar com outro tipo de perfil: e aí? E aí? Você tem vinte e cinco anos, você tem trinta anos. Pô, o fulano está há mais de quarenta anos aqui dentro! O cara vai morrer! (Sales)*

Percebe-se que os próprios funcionários sentem um estranhamento, não somente com os que saem, mas também com os que estão há muito tempo na empresa e não saem:

*Aqui você tem caras aqui... caras aqui, mentes brilhantes que não vão embora, nem pelo PDI. Tem uns caras aqui que... eles vão ficar por aqui... a gente costuma dizer que eles vão virar “velho do rio” aqui. (Sales)*

Neste sentido, a qualidade de “velho do rio” é retirada da telenovela brasileira “Pantanal”, escrita por Benedito Ruy Barbosa. Na telenovela, a expressão era usada pelos pantaneiros para designar um senhor de idade que curava as pessoas quando eram mordidas pela cobra boca-de-sapo, ou mesmo quando se perdiam na imensidão do Pantanal.

Uma espécie de lenda, um ser que quer imortalizar-se em seu cargo? Assim são reconhecidos aqueles que se aposentam e não querem deixar o trabalho. Neste ponto, há que se considerar que refletir o findar de uma carreira profissional, sob os moldes da modernidade, é perpassar um estudo que contemple a identidade psicossocial do sujeito: sua visão para com a aposentadoria e a visão que o social produz do aposentado. São grupos com suas correspondentes categorias, os quais impõem uma visão de mundo que colabora para a manutenção ou transformação da posição de cada um no espaço social (BOURDIEU, 1983).

Sales, em certo desabafo sobre aposentados que continuam na vila, manifesta o expurgo social e faz seu julgamento a partir do que vê – uma pessoa sentada na varanda:

*Ela não volta pra terra dela, ela não tem mais saco, não atura mais, num sei o que, todo mundo enche o saco... Ela está se tornando aquela pessoa rabugenta. Não procurou acompanhar, ir com a filha. Vai viajar cara! Pô tá com dinheiro, ganhando um bom salário... vai ficar ali sentada naquela cadeira. Sabe... Incrível cara... (Sales)*

Essas mudanças no curso da vida adulta indicam transformações na maneira como a vida, como um todo, é periodizada. Partindo do social, a sensação de envelhecimento é sentida e produzida como que automaticamente a partir de uma data em que o sujeito por si

mesmo pode se considerar retirado. Castilho sente esse expurgo social. Ao responder a pergunta sobre sua motivação de sair da empresa, evidencia tal sentimento:

*O que esta me motivando a ir embora da empresa é porque, primeiro porque o tempo não perdoa. A idade é terrível né?! Eu já estou com sessenta anos. E... a gente nota assim queeeee a vida... é... a vida da gente quando vai chegando dos sessenta aos setenta vai bem... Dos setenta aos oitenta já tá no final mesmo... Então é isso... Eu já tô com idade, já... não muito avançada né?! (Castilho)*

Neste sentido, o ciclo de vida dos produtos se transporta ao ciclo de vida do homem, tal qual explica Arendt (2010):

*A característica comum ao processo biológico no homem e ao processo de crescimento e declínio – e, portanto, infinitamente repetitivo – da natureza; todas as atividades humanas provocadas pela necessidade de fazer. Face a face esses processos estão vinculados aos ciclos recordantes da natureza, e não tem qualquer começo ou fim propriamente dito. Ao contrário da atividade da obra (ARENDR, 2010, p.122).*

Para Debert (1994), a velhice é eminentemente social. Assim como afirma Vincent (2009, p.304), apontando que a distância entre a idade da aposentadoria e a idade em que a velhice se faz biologicamente perceptível é, portanto, um fato social. Alves, ainda trabalhador da empresa, corrobora:

*Eu não posso ficar aqui até chegar setenta, oitenta anos... Sei lá se eu vou chegar a oitenta anos, não sei... E daí, cê fica aqui... cada dia que passa... Eu já passei dos cinquenta anos, estou com cinquenta e dois anos... Então... você... perá... cê chegou cinquenta pra frente... já começa já... a idade... daqui a pouquinho já esta com sessenta anos... (Alves)*

A velhice é como uma convenção social, que institui um sistema o qual revoga os direitos do indivíduo após certo número de anos. O cidadão é velho não apenas porque seu organismo está em processo de declínio biológico, mas porque assim é decretado (CALDAS, 1992). Há, portanto, datas fixadas socialmente, onde o sujeito, movido pela enculturação de valores do novo e do velho, se retira do mundo social, convencido de sua idade, desmerecido talvez da própria faculdade do viver. Seria um decreto íntimo de uma derrota?

Uma espécie de pressão em preconceitos circunda os vilenses aposentados que ainda permanecem trabalhando. É como se, de alguma forma, ficasse evidente para o inconsciente coletivo uma determinada fraqueza ou fragilidade do sujeito: a apropriação ou o apreço à

profissão? Sales novamente fala sobre a questão da problemática de aposentados que não deixam o trabalho, mas deixa transparecer um paradoxo em sua opinião. Sales critica pessoas que não se afastam de forma alguma do trabalho, mas ao mesmo tempo confessa o quanto esse trabalho é querido pelos aposentados que ainda estão na ativa:

*A hora que nego abrir a porta ai... Porque ele não consegue. Perdeu família, perdeu a primeira, montou a segunda. Entendeu? E assim vai. Os caras não conseguem desvencilhar disso daqui. Eu tô falando o trabalho. Por que o trabalho, ele é fantástico. (Sales)*

De fato, tempo e trabalho formam uma unidade indissolúvel, de forma que o sujeito se torna integrante desta conjunção. Para Chanlat (1996), se o espaço se constitui em um dos elementos do enquadre da ação humana, ele é indissociável do tempo. Todo ser humano se inscreve em uma duração, assim como toda vida coletiva. Assim, as organizações, enquanto construções humanas, não escapam a esse imperativo temporal. O tempo, assim, não é mensurável, mas subjetivo e qualitativo, isto porque há uma construção pessoal assentada à identidade. No caso do estudo em questão, a marca, a segurança, o *status* e o poder, entre outros, são componentes que participam do sujeito numa dinâmica do viver. O código define o que é a vida: a vida é o trabalho e a importância de ser talhado na moral de seu cargo na organização. Definir a vida se mistura a definir o ser, a vida enquanto ser/existir, a vida no que toca a identidade, o “quem sou eu?”. Neste sentido, a vida como trabalhador da empresa e morador de vilas pode resumir-se às esferas da aparência: o Me social. E este Me social, constituído pela aparência, não é um ser falso – necessariamente um repositório da falsidade – mas é um ser verdadeiro. Na lógica da aparência, Sartre (1998, p.15) discorre sobre a eliminação do dualismo que opõe o interior e o exterior afirmando que “não há mais um exterior do existente, se por isso entendemos uma pele superficial que dissimulasse ao olhar a verdadeira natureza do objeto”. Desta forma, Sartre (1998) afirma que a natureza que manifesta o existente não é exterior nem interior; essas dimensões são equivalentes entre si, sem privilégio de uma ou outra. Assim, o autor exemplifica o caso da força como sendo não um simples impulso de caráter metafísico e desconhecido, mas um conjunto de efeitos como acelerações, desvios, etc. Dessa forma, a força representa o conjunto desses efeitos:

(...) nenhuma dessas ações basta para revelá-la, nem indica algo atrás dela: designa a si mesma e a série total. Segue-se, evidentemente, que o dualismo do ser e do aparecer não pode encontrar situação legal (*droit de cité*) na

filosofia. A aparência remete à série total das aparências e não uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. E a aparência por sua vez não é uma manifestação inconsciente deste ser. Enquanto se buscou acreditar nas realidades numéricas, a aparência se mostrou um puro negativo. Era “aquilo que não é o ser”; não possuía outro ser; salvo o da ilusão e do erro. Mas este mesmo ser era emprestado, consistia em uma falsa aparência, e a maior dificuldade que se podia encontrar era de manter suficiente coesão e existência na aparência para que ela não se absorvesse a si mesma no seio do ser não fenomênico (SARTRE, 1998, p.15)

Essa coesão entre o que aparenta – a categoria social e os estereótipos representados nos moldes de James (1890/1952) – e o eu cognoscente já não existirá mais após a retirada do mundo do trabalho. Restaria àquele que se estabeleceu apenas o Me social (reputação, reconhecimento social) na expressão de James (1890/1952, p.179), apenas o “não ser” na expressão de Arendt (2010, p.85)? Nesse sentido, aquele que viveu inteiramente para o público corre o risco de perder-se em superficialidades, tal qual afirma Arendt (2010, p.87)?

Uma existência vivida inteiramente em público, na presença dos outros, torna-se, como se diz, superficial. Retém a visibilidade, mas perde a qualidade resultante de vir à luz a partir de um terreno mais sombrio, que deve permanecer oculto, a fim de não perder sua profundidade em um sentido muito real, não subjetivo. O único modo eficaz de garantir a escuridão do que deve ser escondido a luz da publicidade é a propriedade privada, um lugar possuído privadamente para se esconder (ARENDR, 2010, p.87).

Aqui recorda-se um episódio contado pela vilense e pedagoga Elizabeth, no qual se destaca um afrontamento entre classes em uma excursão escolar de alunos moradores das vilas e alunos moradores do bairro de periferia. Neste episódio, o aluno morador do bairro periférico deixa em evidência algo velado pelos moradores das vilas: o possível desfecho que se dará por ocasião da aposentadoria dos pais:

*Quando nós fomos fazer um passeio no Rio, na volta parou o ônibus na escadinha (a escadinha dá acesso ao bairro periférico), e aí começou aquela brincadeira (cantada em coro): au, au, au, vai descer quem mora mal! E um menino se insurgiu e disse: vou descer. Moro mal, mas moro no que é meu. Vocês, quando saírem daqui, ele usou um termo mais chulo, quando vocês saírem daqui vocês não vão ter nem pra onde ir! (Elizabeth)*

É notável a visão de futuro de uma criança fazendo uma leitura da efemeridade do morar na vila. Ela o faz sob a ótica do realismo de seu cotidiano, dando importância significativa à casa: “moro mal, mas moro no que é meu”. O direito da posse, neste caso,

reserva para si o direito da intimidade e o livra dos artificialismos de uma vida pautada sob a égide do ter e do ser. Corroborando Sales a respeito desta temática, colocando em questão a volatilização do quadro de referência por ocasião da aposentadoria e a ruptura:

*[Ele não é mais o engenheiro da casa A, da casa B...] Nããããã, nããããoo. Ele perdeu todo aquele status. Pra onde ele vai acabou. É um zé ninguém. Vamos usar este termo. Mas por quê? Isso choca. (Sales)*

Sales está se referindo ao Me social, sua reputação e capacidade de poder, aos quais não terá mais acesso. Neste sentido, retoma-se o pensamento de James (1890/1952), que indicava que o ser ignorado por outro pode reduzir um sujeito à qualidade de coisa. Isto é refletido no termo “um Zé ninguém” dito por Sales. Ele exemplifica, apresentando a situação do conforto e comodidades locais em constraste com a “poluição urbana”, em sua visão:

*Imagina: primeira semana de aposentadoria dele, o cara chega, vai pra lá... Tá dormindo... a casa começa a tremer porque o cara fica botando aquele funk ensurdecedor. Isso aí o cara vai... Dez dias, vinte dias, três meses, seis meses. Pô não aguento mais aquele vizinho... Vô matar aquele cara... Vô explodir aquela casa. Pô eu morava lá naquele lugar... A gente tem isso daqui... (aponta para a paisagem local composta de praia e o horizonte) A gente liga lá pra portaria, acabou! Ligo pro chefe dele. Pô... Como é que é?! Ou então no ônibus... nego... aquela... pô que música ruim aquela que tu toca na tua casa, hein cara? Tem que ficar ouvindo essa música... Então tá aquele constrangimento na frente de todo mundo pra ver se o cara se toca. É a única maneira de você dar na canela dele. Então, essa coisa aqui do aposentado, pra onde ele vai... Ele vai perder isso tudo. Isso tudo é perda. Eu não cheguei nem ao lado financeiro. Eu tô falando essa perda social. (Sales)*

Ao sair da vila, os códigos que regem as estruturas de higienização local são desconstruídos, o que resulta no que Sales denomina “perda social”, a qual afeta a identidade do sujeito.

Outra perda frequentemente relatada pelos entrevistados é a denominada “perda financeira”. Nesse sentido, para Vincent (2009, p.306), “a passagem para a aposentadoria aumenta as desigualdades sociais”. Sampaio é um exemplo dos que sofreram com esse tipo de perda. Trabalhou na empresa por cerca de trinta anos e, aposentado, optou por sair em um PDI. Sofreu com as perdas financeiras, que o levaram a voltar a trabalhar no comércio local. Arrependeu-se de ter parado de trabalhar, conforme relata na entrevista:

*Saíram várias pessoas, mas no meu setor saíram poucas pessoas... O ideal seria sair agora... Eu, se eu fosse sair agora eu iria sair com um dinheiro muito bom... Um valor bem alto... Uma aposentadoria bem melhor... Eu saí com uma aposentadoria boa, porém, houve uma defasagem salarial... por isso que eu tô trabalhando aqui... eu estou trabalhando e recuperando parte das perdas... Eu tô recuperando parte das perdas... [O que é que foram essas perdas?] Perdas, por quê? No primeiro governo do Fernando Henrique, quando saiu o aumento do salário mínimo... O salário mínimo teve dez por cento de aumento... Aí, os aposentados da época, da década de 90, eles recebiam o mesmo percentual de aumento do Mínimo... quando foi no segundo mandato do presidente Fernando Henrique ele fez uma política diferenciada.... ele colocou o seguinte, o aumento diferenciado, quem ganhava o mínimo tem um percentual maior, quem ganha mais que o mínimo tem um percentual menor... Então a política foi o seguinte: o aposentado que ganhava mais do que o mínimo... ele tinha, em termos de percentuais, ele ganhava cinquenta por cento... do aumento do mínimo... Até agora, quanto que o pessoal aposentado, que ganha mais do que o salário mínimo não perderam? A perda foi muito grande... A perda dá quase cem por cento (Sampaio)*

Sales corrobora, colocando a perda financeira como uma questão relevante na aposentadoria. Ele cita o custo de vida elevado e o despecho sobre a moradia, e a expressão “vai morar na cachoeira” significa ir para o interior do bairro periférico, um lugar distante e desprovido de infraestrutura urbana:

*O dinheirinho deles é muito minguado... A cada ano que passa vai diminuindo, vai diminuindo... Ele se aposenta legal, mas ao longo do tempo a inflação vai comendo, comendo... comendo... O cara que se aposentou com cinco... aí tem imposto de renda, não sei mais o que, desconto... O cara vai levar o que... dois e oitocentos... Se chegar a três mil... os descontos... Né?! Três mil não dá pra solteiro. O bairro periférico tá inflacionado. Tu não mora por menos que mil reais. Vai morar sim: lá em cima na cachoeira, onde choveu.... Tu vai morar no teto. Essa explosão demográfica... (Sales)*

Sales cita ainda outro caso, o de Miranda, um aposentado da empresa que voltou a trabalhar. Na vila, o custo de vida era reduzido devido aos benefícios dados pela empresa. Miranda, afligido pela realidade das cidades, das taxas e demais custos, resolveu retornar a empresa por meio de uma contratação terceirizada:

*Ele tá aqui de novo. Ele tá aqui de novo... voltando... É o que ele tava comentando com a gente. ‘Sales, quando eu cheguei lá eu fiz isso: carro do ano, melhor carro da rua era o meu, e num sei o que pereré, pereré, pereré... aí, quando eu botei a mão no bolso... o meu salário, complementação da empresa, num sei o que... falei assim: com esse salário aqui no Rio eu vou morrer.’ Ele falou assim: ‘eu tenho que fazer alguma coisa. Eu não posso ficar dependendo dos meus dois filhos. Eles vão tocar a*

*vida deles. Pô, tem faculdade, tem num sei o quê, tem isso, tem isso. Filho tem sempre uma coisa que a gente querendo ou não querendo a gente vai ter que ajudar, não tem como.’ E ele falou: ‘caramba, eu ainda tô com uma idade produtiva... tá aqui de volta’. (Sales)*

As perdas financeiras descritas por Sampaio e Sales perpassaram as fronteiras de uma necessidade imperiosa de sobrevivência para uma questão da sua importância social. Questionado sobre a dinâmica da alteração do seu *status* de trabalhador da empresa em pesquisa para um aposentado em dificuldades financeiras e suas relações de amizade, Sampaio traçou um cenário de desprezo. Ele próprio pode sentir o vazio ou esvaziamento de suas relações de amizade por conta das perdas financeiras que a aposentadoria provoca:

*[Enquanto ele é uma pessoa que tem um nome, tem um registro, ele é visto, reconhecido, é cumprimentado. A partir do momento em que ele sai, ele já não é mais nada pra ninguém. Isso acontece?] Acontece muito... Acontece muito... Isso acontece muito... Cê sabe que o que manda no país é o capital... Tudo é capital... Por exemplo... Ele saiu... aí parece que as pessoas esquecem dele... É... mas se ele saiu, aposentou... ele, durante o período que ele estava trabalhando, ele aproveitou o que ele ganhava, ele fez bons investimentos... quer dizer, a renda dele aumentou, o padrão de vida dele aumentou... o padrão de vida dele melhorou... porque durante o período de vida que ele estava trabalhando, ele pegou o dinheiro que ele ganhava, ele fez aplicação, ele fez investimento, ele comprou imóveis, ele montou um negócio pra ele... O padrão de vida dele aumentou, o ganho aumentou... Então... o padrão de vida... apesar de ele estar aposentado o padrão de vida dele subiu... exemplo aqui do fulano, como proprietário do estabelecimento X, ele ganha muito mais... a renda dele... ficou rico... O ciclano, era chefe de setor, tem negócios... Eles saem... aposentam... É... são situações completamente diferentes... quando a renda aumenta... o padrão de vida melhora... aí as pessoas não ficam tão distante dele... porque ele tem um estabelecimento... (Sampaio)*

Sales apresenta uma ligação entre o dinheiro e a localização social. O sujeito não tem mais o cargo, mas a situação financeira e a reputação estabelecem um novo patamar social para o aposentado que, possuidor de um rosto social, continua reconhecido pelos colegas. Desta forma, afirma Moscovicci (2011, p.467) que o dinheiro esteriliza e fragmenta, assim como tantos outros obstáculos deste tipo de apego, uma mistura de interesses e sentimentos, e “converte as relações pessoais em relações impessoais em que o homem é uma coisa para o homem”.

*O pessoal olha muito pelo... pelo... o padrão. [O status?] Ééééééé... O país gira em torno disso. Eu aposentei... e tive uma perda... ontem estive com um colega aqui... ele falou: ‘Ah... Sampaio tá mal de vida... tá trabalhando no*



*estabelecimento X...’ Eu falei... é aí que as pessoas se enganam... eu trabalho aqui... mas é o mesmo salário desta empresa... eu pago faculdade pra minha filha... eu tenho saldo no banco... (Sampaio)*

O saldo no banco é o vínculo com o social no que toca à identidade do sujeito. Sampaio faz questão de deixar claro durante a entrevista que, além de ter dinheiro, ainda o empresta, reforçando a importância do dinheiro como localizador social. Sales transparece detalhes da fala de Sampaio em seu próprio modo de pensar. Ele representa a figura de quem Sampaio fala, daquele que ainda está na ativa e que sente pena dos que saíram da empresa:

*Durante o dia, o pessoal chega às vezes pra assinar um recibo lá no ônibus. Aí que você vê que dói... Marca uma passagem aqui pra ir pra lá... aí... você... ih, caramba... Você vai no automático... O cara que vem pedir pra marcar passagem... tá quebrado. São muitos, são muitos... Aqui, na verdade a gente costuma dizer sempre: o cara se aposenta mal. Mas o quê que é mal? Puxa o quê que é mal? Por que que o cara levou 35 anos né... E chega na hora de ir embora, né... Por que que ele vai mal?! Por que que ele não quer ir embora, enquanto uns querem, outros não? Imagina o cara lá fora, cara. Imagina aqueles caras lá fora... Como é que eles não estão saindo, meu Deus? (Sales)*

Sales manifesta um pesar em tons fúnebres. Esta última palavra, “fúnebre”, se deve à escuta sensível ao entrevistado. Sales desenha um quadro de dor e morte enfatizando uma vida de miséria moral e material que sofrerá este sujeito. Isto remete a um paralelo de um príncipe que estava no palácio e que é expulso para o meio da plebe, ou um filho de rico que se torna indigente. Assim, é criado um subgrupo – o dos aposentados – que, para o grupo que pensa como Sales, tal qual afirmado por Sampaio e corroborado pelos demais entrevistados, se classifica como o dos perdedores. Dá-se, então, aos moldes de Deschamps e Moliner (2008, p.35) um estereótipo, que não só cumpre “uma função cognitiva, mas também avaliativa”. Em outras palavras, para Deschamps e Moliner (2008, p.35), os estereótipos constituem o “substrato cognitivo dos preconceitos” e são o fundamento do que é chamado de “discriminação avaliativa”. Dessa forma, manifesta-se através dos sentimentos de dó ou pena o pesar pelo vazio e perda de uma estrutura segura e moralizante.

*[E a pessoa que está aqui tem pena de quem se aposenta?] Ah... Dá um dó. Porque a gente sabe que o cara vai se arrebrantar. A gente sabe que o cara vai se arrebrantar... Sabe que ele não vai conseguir, que ele não vai sobreviver, sabe que ele vai morrer, sabe que ele vai pirar, sabe, a gente sabe... Sabe... As pessoas certinhas. Uns vão na maior paz. Por exemplo, o fulano, ele vai se aposentar e vai morrer. Ele é dessa rua. A fulana se*

*aposentou, mas continua morando aqui com o marido, eles continuam aqui. Ela vai ser outra também. Ela vai sair daqui, ninguém vai falar com ela. (Sales)*

Dessa forma, nota-se a dicotomia existente, e uma espécie de balança medidora de importâncias e importantes. O aposentado é apartado das companhias e de um existir entre outros pela “alienação do mundo” na expressão de Arendt (2010, p.309). Nesse sentido, para Arendt (2010), o processo de acúmulo de riqueza, incentivado por um processo vital que é a vida humana, é realizável unicamente se o mundo e a mundanidade do homem é sacrificada. O primeiro estágio desta alienação caracteriza-se pela miséria e pobreza material; o segundo estágio tem como sujeito a própria sociedade. O pertencer a uma classe substituiu a proteção antes ofertada pela família (ARENDR, 2010).

De fato, há duas questões na fala de Sales. Uma é proveniente de uma avaliação situacional: o reconhecimento do vazio e da morte resultante da dinâmica da apropriação-isolamento-não ser. Aponta, então, a necessidade da desapropriação e do vínculo com outras estruturas. A outra manifesta a discriminação e estereotipação de um novo grupo: o grupo dos coitados. “No plano comportamental, a categorização social leva também a uma discriminação comportamental” (DESCHAMPS e MOLINER, 2008, p.36). Sales atesta a existência de casos de insucesso, manifestando certo assistencialismo para com os “mal aposentados”, aqueles que se encontram em carência financeira:

*Se os caras estão mal é porque eles procuraram isso, procuraram isso... E ficaram muitos satisfeitos: ah vou embora mermo... Tão tá. Tchou. Deu no que deu. Tá tudo aí. Grande maioria mendigo, grande maioria batendo na porta. Ninguém vai dar. Nego bate na minha porta. Pô Sales, beleza, vô te incomodar aí... Tô com essa receita aqui... Vô lá e compro... Tem problema não... Tá... receita... pelo menos é remédio, não é besteira. [Sobre os remédios... É para aposentados que moram no bairro periférico?] Já, já... Direto, direto... direto... Pedir remédios? Direto... Porque o dinheiro não dá. Não tem como cara. (Sales)*

A fala de Sales em relação à aposentadoria e a saída da vila e da empresa remonta a um cenário sombrio, que remete ao vazio e ao fim: “Isso é que ele vai perder lá fora. Esses benefícios são todos findados”, afirma. Mas apesar de traçar, deveras, um quadro de sofrimento, Sales se coloca na condição de privilegiado, podendo auxiliar os que em sua visão são os aposentados em situação de carência:

*[Você é uma espécie de assistente social aqui?] Ah, faço uma ponte. Faço. Eles não vão à assistente social, mas batem na minha porta. Eu acabei conhecendo todo mundo. Seja do lado bom, seja do lado ruim, não tem problema. Entro e sai dessa vila aí. É... cesta básica... é arroz é num sei o que... bateu na minha porta... aí... E aqui tem acontecido muito isso... (Sales)*

Ultrapassados os limites da empresa, assinados os papéis de saída da casa e do trabalho, há um contexto no campo das perdas a ser vivido pelo sujeito, o anonimato e o estranhamento que pode abalar sua identidade e suas próprias motivações de vida. Por outro lado, para aquele funcionário que se preparou para a aposentadoria, limitando seu sentido apenas na acumulação de bens e de capital como meio de seguridade, há o risco de incorrer no vazio do viver para o consumo. A criação de uma segunda via (desapropriação e a criação de vínculo externo) demanda, para além de uma poupança financeira, uma ressignificação de si mesmo, o sentido do próprio ser/existir e o tempo consolidado em um novo *modus vivendi*.

### **3.2.3 VIDA DE APOSENTADO: QUEM É O SUJEITO QUE SE APOSENTA?**

Ouve-se falar em “vida de aposentado” como uma expressão do não fazer nada, do descompromisso, da facilidade de uma vida pendurada em ganchos de uma rede. Este fato foi constatado na fala de determinados entrevistados: uma aposentadoria como descanso e ausência de trabalho. Sampaio foi um deles. Ao ser questionado sobre o “porque saiu em um PDI” ele responde: “Ah me deu vontade... ah... vou sair... vou descansar, vou fazer outra coisa”. O mesmo afirma Alves:

*O que eu penso hoje é aposentar e descansar. Ficar quieto, não trabalhar mais não. Se eu trabalhar eu vou abrir um comércio pra mim mas... comércio também é um troço que você fica muito preso... Meus filhos já estarão formados... então é só eu e minha esposa e só pra sobreviver. Aí eu fiz o que cara... que que eu fiz... minha vida foi só trabalhar... e tudo... investir dali e daqui... Tudo o que eu tô fazendo hoje é pros meus filhos... Eu acho que eu vou ter que tirar um pouquinho pra mim aproveitar a vida, um pouquinho da vida daqui pra frente... (Alves)*

Nos relatos de entrevista, constata-se que o sujeito que sai da empresa transporta-se inicialmente para uma realidade de descanso, mas, pouco depois, se dá conta de uma realidade

onde o que dá sentido é o trabalho, e em outros casos o consumo ou a aceleração. Seu *status* passa do descansado ao enfadado por um tempo vazio. Assim confirma Sampaio:

*(...) depois de três meses você começa a sentir falta do trabalho... Mas você sente falta do contato com aqueles colegas que você trabalhou... Trabalhei vinte e cinco anos com eles... então a gente sente falta... tá... Eu trabalhei com dezenas de pessoas... (Sampaio)*

Para a sociedade do consumo e da aceleração, aquele que não trabalha pode encontrar-se perdido e entediado? Vive-se em uma sociedade de consumidores, na qual o “trabalho e o consumo são apenas dois adágios do mesmo processo, impostos ao homem pela necessidade da vida”, para afirmar que essa é uma sociedade de trabalhadores (ARENDDT, 2010, p.156). Assim, o quê se faz em um dia na contemporaneidade? Quando não se trabalha, se consome? Sales exemplifica um caso de nova vida de aposentado fundamentada pelo consumo:

*Fulano aposentou, foi morar no Rio, um padrão muito legal. O cara que montou uma casa fantástica, tinha um padrão bom, excelente... entendeu?! Quando ele chegou lá no Rio, pô... Consumo pra tudo que lado... Aqui você não tem onde consumir... que é um dos grandes problemas também... que quando o cara bota o pé lá fora, ele vê um mundo de oportunidades: R\$1,99, R\$3,99, R\$5,99, coisa que... aqui não tem essas coisas. E o cara entra no mercado e vê aquilo ali e fica desesperado... Meu Deus do Céu... Como tudo é barato... Como tudo... E ele vai se envolvendo naquele mundo de ofertas né?! Guanabara tá ruim você vai na Presidente... Entendeu?! E eles começam... passou o primeiro mês... pá... mas quando você vai lá pra fora... A gente costuma dizer, nós, homens: só sai, não entra mais nada. O cara quando tá aposentado, sóóóó saaaai. (Sales)*

A pergunta em questão apresenta, para o estudo das representações da velhice, o acompanhamento do ambiente que circunda o sujeito: a modernidade no ocidente capitalista. A mudança no panorama social e econômico tem reflexos nos estágios de vida do sujeito. Para Debert (1996), o aumento das camadas médias assalariadas representa um contingente cada vez mais jovem da população, redesenhando formas de consumo e o caráter das demandas políticas no que diz respeito à aposentadoria. Em uma instância social, o consumo é visto como uma forma de preenchimento ou subsistência, uma forma de vínculo ao que é corrente no mundo. O consumo torna-se distração, novidade e pertencimento ao grupo acelerado dos viventes.

Não é na errância que o homem sucumbe à rua; ele é submetido, ao contrário, pela faixa de asfalto, monótona e fascinante, que se desenrola

diante dele. ‘A síntese desses dois terrores, no entanto – a errância monótona – é representada pelo labirinto’, prisão em que a infinidade do espaço coincide com seu fechamento (MATOS, 2007, p.8).

Matos (2007, p.8), fala de “labirinto” ao interpretar uma poesia de Baudelaire em Flores do Mal. A infinidade de oportunidades de consumo que podem aparecer para o aposentado da empresa podem coincidir em um fechamento. “Só sai”, na expressão de Sales – sai dinheiro mas não entra experiência. O tempo limitado pelo consumo torna-se acelerado e esvaziado. Matos (2008) afirma que o presenteísmo é a aceleração do presente. Há que se pensar ainda que a ausência da construção de uma trajetória formada pela experiência poderá resultar em um vazio por ocasião da aposentadoria. Para aquele que vive o presenteísmo, pensar no fim de carreira pode representar o vazio o tédio. Neste sentido, a aposentadoria remete também ao uso do tempo. De posse da ausência do trabalho, o sujeito poderá entrar na instância da monotonia ou do tédio.

Assim, o tempo da monotonia é um tempo vazio, pois é preenchido pela ideia de matar o tempo. Ou seja, um tempo que não passa, e esse tempo-que-não-passa é um tempo patológico, pois não se entra em contato consigo mesmo. Dessa forma, se observa que o mundo perde completamente seu sentido e age-se preenchendo intensamente esse tempo com coisas vazias. Isto implica na perda da deliberação do tempo. Vive-se em estado de heteronomia, o que significa que o tempo é que determina o sujeito, resultando num sentimento de perda sobre o uso da própria vida (MATOS, 2009).

Nesse caso, onde não há contato consigo mesmo, como fica a questão identitária do sujeito? A ideia de “matar o tempo” é encontrada na fala de aposentados como Lopes:

*Hoje, de vez em quando, eu pego a Parada e estamos direto aqui no bairro periférico. Isso aí ocupa a mente. Quê que acontece. A pessoa hoje tem que estar sempre fazendo alguma coisinha. Distrair. Então, o quê que acontece... vai ser muito bom pra ele... (Lopes)*

A ideia de matar o tempo e o estado de heteronomia são identificados em Lopes quando este emprega expressões do tipo “ocupar a mente” ou “distrair”, como verbos que agem sobre o tempo, preenchendo-o. O preencher, na dinâmica do presenteísmo, é ausente de sentido, pois resume-se ao deslocamento do sujeito, afastando-o temporariamente da monotonia. Ao ser questionado sobre o receio de pensar o seu dia-a-dia após a saída da vila e do trabalho,

Castilho, às vésperas de deixar a vila, descreve a princípio uma rotina de lazer, mas ao final de sua colocação, evidencia um temor:

*[É um desafio pensar nisso?] Não... Eu penso bem nisso... Eu gosto de roça... Eu falei pra você que eu vim da roça... Então, a primeira coisa que a gente já preparou... Eu e mais quatro irmãos... compramos um sítio pra gente... é aqui perto mesmo... A gente tem um sítio... Tem lá boi, tem galinha, tem peixe... Então tem lá planta, tem pomar... Pequeninho, mas tem... de roça mesmo... Então ali... claro que vai ser um saco ir pra lá todo dia... Não vai ser possível ir pra lá todo dia... mas... éééé... eu vou lá uma vez... três vezes por semana eu vou pra lá dar comida pros bichos, deitar na rede, tocar violão... A gente vai tocar violão, a gente já faz isso hoje em dia... Só que eu vou ter mais tempo pra fazer... Num precisa ser só sábado e domingo... Isso vai ser um tempo meu que eu vou ter. Outro tempo meu que eu vou ter pra mim que vai ser bom, vai ser o seguinte: ir pro Rio. Pelo menos uma vez por final de semana... Eu quero passar uma semana no Rio... e de repente uma semana em São Paulo... acho que vai ser uma semana que São Paulo é longe. Sei que vai ser muito difícil... [Você tem consciência?] Vai ser muito difícil porque eu tenho uma rotina diferente... (Castilho)*

Castilho projeta uma espécie de pequeno paraíso, mas posteriormente transparece um quadro de temor a respeito do risco de sofrer monotonia e tédio, o que configuraria em um tempo vazio. Quanto a isso, Matos (2009) trata a questão do tempo como “a patologia do tempo”, como tempos sem experiência. É na experiência que se constrói a identidade.

Etimologicamente, para experiência, a palavra usada é *Erfahrung*. O seu radical é *fahr* que significa viajar. No antigo alemão, *fahr* significa atravessar uma região, durante uma viagem, por lugares desconhecidos. E a palavra latina para experiência tem como radical *per* (experiência): sair de um perímetro, sair da condição do já conhecido, do já vivido, para ampliar vivências, acontecimentos e repercussões desses acontecimentos novos nas nossas vidas (MATOS, 2009). Diz Benjamin (1994, p.25): “eu viajo para conhecer minha geografia”.

Dessa forma, através da experiência, se constrói a identidade em uma interrelação do social e o pessoal. A necessidade e a vida são tão intimamente aparentadas e conectadas que a própria vida é ameaçada quando se elimina totalmente a necessidade. Pois, longe de resultar automaticamente no estabelecimento da liberdade, a eliminação da necessidade apenas obscurece a linha que separa a liberdade da necessidade (ARENDDT, 2010).

*[As pessoas sofrem muito com a monotonia... tédio de ficar em casa?] Se você ficar só em casa, sem brincadeira... A gente tá acostumado a trabalhar hoje... hoje, se eu aposentar e ficar em casa, eu vou procurar o que fazer... arrumar uma atividade. Meu pai tem sítio, tem tudo lá...E ele está querendo*

*até deixar pra mim... Aí, ele já falou comigo pra eu arrumar uma atividade lá pro sítio... Tirar uma plantação por lá mesmo, na casa tem tudo plantado da melhor qualidade... Então posso, pô, taquí, ir pra lá de manhã, de tarde eu volto... Mas vai chegar uma hora que também você vai enjoar disso... mas também vai ficar aqui trabalhando até quando? (Alves)*

Corroborando Sampaio, que discorre a respeito da questão casa e melancolia:

*É muito ruim... Você perde os contatos com os colegas de trabalho. Praticamente, você... Tirando os contatos com a família, você perde o contato com os colegas... Porque quando você tá na ativa, trabalhando, os colegas te convidam pra um churrasco, pra jogar bola e etc., etc. A partir do momento que você aposenta e sai da empresa... acaba aquilo tudo... (Sampaio)*

A construção de um novo cenário de vida demanda transitar por uma região desconhecida e deveras solitária. “Acaba aquilo tudo...” afirma Sampaio. O sujeito desfaz os laços construídos, eliminando de sua estrutura identitária, conforme James (1890/1952), o Me material (a casa), o Me espiritual (o entendimento ou consciência das tarefas) e o Me social (o reconhecimento de ser entre os outros).

Torres se aposentou há aproximadamente 15 anos e projeta-se para ações comunitárias na igreja e na política. Apesar de parecer ter encontrado uma reafirmação do si-mesmo lançando-se para fora da casa, em sua fala ainda há traços da aceleração do tempo como forma de justificar o presente:

*Agora a vida de aposentado em si... Eu fico muito bobo quando uma pessoa diz: quando eu me aposentar eu morro. Não acredito nisso não... A gente ouve muita gente dizer: tenho que trabalhar porque se eu não trabalhar... Gente tem tanta coisa pra se fazer! Eu não consigo dar conta do muito que eu tenho que fazer... Eu não consigo dar conta. Eu não consigo ficar em casa dormindo o dia inteiro... Eu tenho que fazer... Fulano me liga. Fulano... Não dá tempo é um corre corre danado. Agora quando se acomoda mesmo aí cê fica na praça jogando carta... Fica nos butiquim tomando pinga... É porque a pessoa não busca o que fazer. A pessoa se entrega às vezes, não busca alguma coisa pra fazer. (Torres)*

Sales, assim como Torres, também apresenta em seu discurso um quadro bidimensional de aceleração e vazio:

*Mente! A cabeça tem que tá sempre ativa. Sempre. Sempre ativa. O cara que deixou a cabeça... aí vira assim... um cara desses... Um cara arrebitado moralmente... Você estando bem com a cabeça... cara... E tem aqueles caras*

*que quer rede e cerveja do lado... Ah...esse cara vai morrer cedo. Esse já era. Ninguém vai aturar um cara desses. Entendeu?! (Sales)*

O marido de Elizabeth adentrou um dos caminhos supracitados, sofrendo a paralização:

*[E hoje ele faz... curso? Faz alguma coisa?] Não... não faz nada não. (Elizabeth)*

A dinâmica “preencher o tempo” e “não buscar o que fazer” pode esconder uma polarização entre “matar o tempo” e “abandonar-se ao tédio”. Ambos os polos contém agentes patológicos; ambos contém o vazio e a falta de experiência. Corrobora Souza:

*Trabalho mais do trabalhava antes. Hoje eu trabalho com lojas comerciais... De elétrica não faço nada. Sigo normal. Ou eu sou o cara normal ou eu sou o doente. (Souza)*

Neste sentido, aquele condicionado pelo isolamento e que se vê impossibilitado de caminhar, pode ainda resumir o seu modo de viver limitado sob quadro paredes. A casa, definida como lugar de repouso e vida familiar, é uma nova casa a ser construída e explorada. O aposentado que sai da vila, não estando vinculado a outro trabalho, poderá depositar inicialmente na construção de sua casa todo o deleite e apreço por seu próprio imóvel, podendo ele ser ajustado nas minúcias de seu gosto pessoal. Agora, o sujeito, nos termos de Arendt (2010, p.86), abre caminhos para a posse da “propriedade privada no sentido de um lugar tangível possuído por uma pessoa no mundo”.

O domínio privado, anteriormente maculado pela presença dos interesses públicos, é agora cercado pelas dependências do próprio eu. O aposentado tem na casa um objetivo; esta, com sua arquitetura e funções, para além de um descanso, é um empreendimento pensado como a representação de um pequeno paraíso. A exemplo disso, destaca-se a observação das casas dos aposentados visitados: a projeção de uma casa consideravelmente confortável, uma reafirmação da condição econômica para aqueles que gozaram de *status* na vila e uma espécie de triunfo para aqueles que lá possuíam uma casa inferior. As novas casas são apresentadas com orgulho. Castilho quer tudo novo e demonstra satisfação. A casa é um empreendimento, uma ocupação que o distancia da monotonia e do tédio:

*Minha casa tá prontinha... Prontinha... Então só falta a gente ir pra lá... morar lá. Ela não está com móveis nem nada porque vai pintar ela... A gente desmanchou a casa toda e fez outra... Quê que tem que fazer? Piscina, ela (a esposa) gosta de praia; fazer uma churrasqueira; fazer um quiosque pra*



*mim; fazer uma área pra plantar cinco pés de laranja, não sei o que... jaboticaba... tem também lá... E a casa tá prontinha só falta só mobiliar... Eu não quero levar muita coisa também não... pra casa ficar bonitinha... (Castilho)*

A casa, lugar do *intérieur*<sup>9</sup>, é um investimento pensado em proporcionar uma atmosfera de paz e tranquilidade. Poderá, entretanto, o permanecer na casa se configurar com o tempo num devir vazio? E a casa num lugar onde se estabelece o tédio ou a monotonia? Alguns aposentados, de posse desse entendimento, se lançam para fora, estabelecendo um campo de ação, na expressão de Arendt (2010) e de busca de experiência na, expressão de Benjamin (1994). Torres atesta que o trabalho nas esferas política e eclesial o auxiliam a estabelecer esse campo de ação:

*Ajuda... Nosso trabalho está relacionado com isso aqui. Inclusive com a melhoria do lugar que a gente mora. Aí você já passa a se preocupar com a forma de ser do lugar, você quer melhorias para o lugar, você começa a interagir com pessoas que querem o mesmo que você, aí você vai formar grupos. Entende como é?! [Lá você tinha um significado social e aqui também?] É, você interage com as pessoas que tem os mesmos interesses que você, aí você entra na política (risos). Aí você entra na política, você sai da política, mas continua com os mesmos interesses, os mesmos ideais. Aí você fala com um, fala com outro...aqui em casa é cheio de gente o dia inteiro. Porque se ele ficará parado é ruim. (Torres)*

Nesse sentido, Arendt (2010) afirma que a ação corresponde à capacidade humana de desencadear o novo, e o espaço adequado à sua manifestação é o domínio público, o local adequado para a excelência humana. É o que Arendt (2010, p.31) chama de “polis”: “era a polis o espaço dos livres feitos e de palavras vivas do homem, que poderiam dotar a vida de esplendor”. Para a autora, o espaço público só pode ser construído pela ação e pelo discurso, de modo que haja recordação e memória comum aos homens e atos capazes de movimentar o mundo em novo começo. É no campo da política que o homem pode exercer a cidadania e potencialidades da vida humana e isso só é possível através da liberdade. Sem ela, a vida

---

<sup>9</sup> No arquivo – O *Intérieur*, o Rastro – são analisados os interiores burgueses sob Napoleão III, interiores saturados de enfeites, dourados, espelhos, paredes forradas de tecidos adamascados com desenhos florais, tapetes, móveis em forma de naves ou cadeiras góticas, de onde o burguês via o mundo com o ilusório sentimento de segurança no mundo do capital: o *intérieur* do século XIX. O espaço se disfarça, assumindo a roupagem dos estados de ânimo como um ser sedutor. O pequeno burguês, satisfeito consigo mesmo, deve experimentar algo da sensação de que no aposento ao lado pudesse a desordem introduzir nele o caos. O que se desenrola na interioridade – do quarto, do sujeito – é o duplo do mundo externo, cujo horror é o de um “universo morno num horizonte plúmbeo.” (MATOS, 2009).

política como tal seria destituída de significado. “A *raison d’être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação” (ARENDDT, 2010, p. 192).

Por outro lado, há aposentados que saem da empresa e se sentem ainda produtivos, com disposição para continuar trabalhando, como relatam nas entrevistas, e se lançam novamente no mercado. Entretanto, como afirma Matos (2008), terão de enfrentar um capitalismo contemporâneo dominado pelo cada um por si:

Assim corrobora Castilho:

*Outros sonharam assim, eu vou sair e vou começar a ganhar muito dinheiro lá fora. Trabalhar... não sei o quê, vou ser advogado, vou montar meu escritório. Outro... não... vou trabalhar de engenheiro... vou fazer num sei o quê.... Ele saiu daqui e foi concorrer com a garotada lá fora... com a cabecinha fresquinha... entendeu?! Aí, a realidade foi outra. Então eu não posso pensar nisso. Se eu sair daqui, pensando assim, ah, eu vou sair, eu vou arranjar um emprego, eu conheço muita gente por aqui, vou arranjar um outro emprego, aí eu não saio, eu fico quietinho aqui. Ah... eu vou sair... vou pegar esse dinheiro aqui e vou resolver todos os meus problemas... Num é verdade amanhã vai acontecer outro problema diferente, a vida é assim. (Castilho)*

“Aqui tem história de quem não aguentou e voltou”, afirma Sales. Incluem-se aí os que não superaram o tédio e a monotonia, os que se lançaram em uma exigente e acelerada empreitada no mercado de trabalho e outros que se deixaram abandonar no vazio. A patologia seria um risco, por não suplantar o tédio e a monotonia com um novo estilo de vida.

“O cara vai morrer”, dizia Sales se referindo àquele que não consegue fazer o movimento de desapropriar-se da vila. De fato, como relata Mendonça, “são muitos os casos”, muitos os casos de quem se aposenta e adocece. Mas porque adoecem?

Para Canguilhem (2011, p.89), a expressão “*patológico* implica *pathos*, sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada”. Ou seja, um esvaziamento completo de si mesmo; a ausência de algum elemento fundante que estructure as extensões do si-mesmo, nas expressões de James (1890/1952), o eu cognoscente e o Me. A doença então conduz ao não-ser, à morte, como se deu no caso de Miranda:

*O Miranda, era da empresa, parará, parará... saiu... Miranda morreu tem dois anos... Em dois anos ele começou... depressão, quadro depressivo, bebida, bebida, bebida. (Sales)*

A depressão tornou-se a manifestação mais comum das crises de identidade pessoal. Ehrenberg, depois de haver diagnosticado a generalização da figura do indivíduo incerto e a pressão normativa do culto ao desempenho, apresenta argumentos acerca da hipótese de um vínculo estreito entre essas manifestações dolorosas e a mudança de modelo cultural com o qual se confrontam as mulheres e os homens de hoje. O imperativo de ser si-mesmo, de se realizar, de construir sua identidade pessoal, de superar-se, de ser performativo, engendra essa doença identitária, às vezes crônica, tratada com frequência com psicotrópicos cada vez mais sofisticados (DUBAR, 2009).

O vínculo com a realidade de proteção de si mesmo e a ameaça dessa estrutura quase cristalizada leva os aposentados que assumem a apropriação como pilar vital à perda das forças e ao abandono.

*[Eles se largam?] Eles se largam... Porque aqui é aquela história. Não estou mais na empresa. Aí o cara chega assim: chega barbudo... lá com a gente lá... Mas você vê o aspecto do cara... você vê que esse se ferrou... É diferente dos aposentados que chegam lá com a gente: 'oh fulano!' O cara que tá legal ele só vai lá dar uma visita e (expressão com a mão)... [Ele conseguiu desligar?] Desligou. O restante... tá assim... aaaaaah (Sales)*

A fala de Sales revela a patologia nos casos de apropriação, a incapacidade de quebra dos códigos e o “sentimento de vida contrariada” na expressão de Canguilhem (2011, p.89):

*[Quem conseguiu desligar?] Ah... são poucos... é formação pessoal... [Vínculo com o mundo exterior?] Eu posso até dizer que sim, mas... nem todo mundo tem essa coisa do vínculo... Nem todos... O grande problema aqui é que o cara... sempre acha que essa água aqui não vai acabar... que a fonte não vai secar... Porque a bica aqui ela tá sempre aberta pra gente... E ela só fecha no dia que você vai embora. (Sales)*

“A água” que “nunca vai acabar” representa os benefícios, o sentimento de estar em um mundo à parte, protegido física e moralmente. “Se largam” e “morrem”. Em James (1890/1952), tem-se o corpo como conservador da identidade do sujeito. O corpo é sempre o mesmo, ao mesmo tempo em que sempre diferente na medida que se modificam tanto predisposições internas quanto as condições ou o espaço em que o sujeito vive. O corpo conserva em si a identidade do sujeito e representa também fonte de subsistência do eu. Tomados assim de enfraquecimento do corpo, resultante do sentimento de vida contrariada, na expressão de Canguilhem (2011), constata-se nesses sujeitos o descosturar de uma das

amarrações do componente identitário do sujeito: o Me, material; social; espiritual. O eu empírico ou si-mesmo poderá encontrar-se desprovido de uma de suas fontes de sustento.

A ânsia de sair de um ambiente considerado asfixiante por alguns pode levar o funcionário a uma tomada de decisão precipitada, o que pode resultar nos problemas decorrentes do “sentimento de vida contrariada”:

*Tivemos vários colegas aqui que saíram... quando chegou lá fora, nem tempo pra aposentar pelo INSS tinha... lá no início... lá no começo... teve colega nosso aqui e não foi nem um, nem dois... (Castilho)*

Outras questões recorrentes são as anomalias próprias do envelhecer e o desânimo pela carência de ofertas nos planos de saúde. Canguilhem (2011, p.89) define o primeiro ponto:

A anomalia é um fato biológico e deve ser tratada como fato que a ciência natural deverá explicar e não apreciar: a palavra anomalia, pouco diferente da palavra irregularidade, jamais deve ser tomada no sentido que deduziria literalmente a sua composição etimológica (...) A anomalia é consequência de variação individual.

A anomalia é um “fator biológico decorrente de uma variação individual” como afirma Canguilhem (2011); por essa razão, a transição entre dois universos diferentes – a vila-empresa e o chamado “mundo lá fora” – deve ser realizada com precaução, visto que, por ocasião da ruptura, há o risco da variação de ambiente de vida provocar uma variação individual nos âmbitos da saúde. Sobre Miranda, Sales aponta um cenário de variação individual, a depressão por ocasião da aposentadoria, agravada pelo descuido da saúde:

*Aí, arrumaram emprego pra ele, pesado... Aí, lá carregando um negócio lá, um vergalhão lá que teve um corte na perna... pereré, pereré... Aí não fechava... não cicatrizava, não cicatrizava... o cara tava diabético e ele nem sabia que ele tava diabético... Foi, foi, foi, foi, foi... Pô... Miranda morreu em dois anos... Podia tá vivo com a gente aí... entendeu?! Tem até esse lado também... que o cara não se cuida... tem os exames... pra ver o que ele tem... pra poder tocar direitinho... (Sales)*

Quanto ao segundo ponto, os planos de saúde, Sales aponta:

*Porque o grande problema que você vê, é o Plano de saúde cara. É o que consome a maior parte da tua verba. Plano de saúde que arrebenta com você. Por exemplo: se a gente saísse daqui, tô me aposentando amanhã, mas vou continuar com meu plano de saúde, pô, fantástico. É a nossa briga até hoje aí, mas a empresa, sabedora disso, não... E isso aí seria interessante. (Sales)*

A mudança no modelo cultural implica, sobretudo, ser si mesmo. O indivíduo ajustado, que aplica as normas de seu meio, de sua cultura, de sua classe social, como os outros, (...) foi substituído pelo indivíduo-trajetória para a conquista de sua identidade pessoal. Diante desse novo imperativo, muitos de nossos contemporâneos num momento ou outro de sua vida, de maneira mais ou menos crônica, sofrem um sentimento de insuficiência e uma consciência aguda de não estar à altura; sofrem de uma impressão de carência que se pode traduzir em sintomas conhecidos diversos, tais como: astenia e fadigas crônicas, insônia, ansiedade e angústia, ataques de pânico (DUBAR, 2009). Neste sentido, Mendonça confirma a variação individual, na expressão de Canguilhem (2011):

*[Houve casos em que a pessoa entrou em choque quando saiu?] Teeeeeve... teeeeeeve... (Mendonça)*

Sales corrobora:

*Deixou de receber tudo: ticket de alimentação, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê... Aí vem o desespero dele, porque ele não se preparou pra isso, né?! Mediante a isso vem depressão, vem isso, vem isso, vem remédio. Aí começa remédio, começa médico... Coisa que ele passou a vida inteira dele todinha, que a gente costuma dizer aqui: paguei o plano de saúde a vida inteira, quando eu mais preciso, não tenho direito. Essa é uma realidade. (Sales)*

“O estado físico e mental em que uma pessoa chega à aposentadoria depende da atividade anterior, e depois desse rito de passagem, as desvantagens se acumulam” (VINCENT, 2009, p.306). No caso em questão, o sentimento de “vida contrariada”, que leva alguns casos à depressão e à dependência química, pode ter sido desencadeado também pela melancolia. Matos (2009) explica que a melancolia é uma expressão que veio da Grécia antiga onde se usava uma palavra correlata – acídia medieval – que depois vai se chamar, no Renascimento, tédio e monotonia, conforme mencionado anteriormente, que são diferentes, mas possuem algum parentesco. Significa ainda *akedia*, que quer dizer, cadáver insepulto. Acídia medieval era o par, acídia-tristícia. Acídia era uma preguiça do coração (...) (MATOS, 2009).

A acídia, ou tristícia, ou tristeza, é representada em algumas obras de arte por um homem e uma mulher adormecidos segurando a cabeça na mão. Esse é o gesto da melancolia. A imagem descreve um sono culpado que é um sono que tem uma tristeza, e, portanto, há a

perda de alguma coisa nessa tristeza; há certo luto. No primeiro caso, da *akedia*, é o cadáver insepulto; é o luto que não foi feito. Na *tristícia* há, da mesma forma, algum sentimento de perda (MATOS, 2009). A perda pode levar, em alguns casos, ao vício, como narrado abaixo:

*[E casos de alcoolismo?] Muito grande! Muito grande. Muito. [Alcoolismo, depressão, câncer?] Pós, pós. Uma coisa vem puxando a outra. Porque aquilo que eu tava te falando. Quando você está na ativa aqui, o teu plano de saúde, ele é fantástico. Você saiu você vai ser atendido lá pelo SUS. E pelo SUS você não faz essa bateria de exame. A fisionomia do cara.... é... é uma situação... assim... é... é tão dolorido que os caras quando... Nossa Mãe do Céu... Os caras se aposentaram... Aí vem o tal do susto da galera... os caras falam assim. Pô... como é que eu vou embora... Olha só... Aí nego mede um pelo outro... Eu sei de mim... Aqui não... Fulano aposentou... Pô tá quebradinho... Aí tu fala assim: 'eu? Vou embora daqui não cara'. Então por isso ninguém quer ir embora daqui. Mas não é o querer ir embora... Mas... Quem que quer ir embora daqui? Ah! Dá uma olhada! (Sales)*

E Sales pede para que se observe a paisagem: areia, mar e horizonte. A impressão dominante é de uma diminuição ou de um desmoronamento da auto-estima, primeiro e sobretudo aos próprios olhos. A vida se torna cinzenta (DUBAR, 2009). Esse apagamento da vida, formando uma escuridão, remete ao estado melancólico. Nesse sentido, o desenho em destaque monta um quadro de solidão, onde o sujeito está só consigo mesmo e estático em seus interesses pela vida, o que poderá implicar em variações em sua saúde físico-mental:

*Agora eu tava hoje conversando com um colega meu... eu acho que eu tô com um pouco de problema... Eu tenho um pouco de problema... Eu já tô sentindo isso... Eu tenho que me preparar pra isso... É o seguinte, como eu já estou me preparando para sair... eu tô sentindo que eu tô dormindo muito pouco... Tá diminuindo... eu dormindo quatro horas, quatro horas e meia... Eu tenho que dormir mais... mas eu não consigo... Tipo assim, se seu for deitar onze horas... eu deito onze... e durmo até as quatro e meia, cinco horas... Só que agora... se eu deitar onze... três horas eu acordo... aí não durmo mais... Então eu tô... esse problema eu tenho que administrar isso daí. [Você acha que esse fato de estar dormindo pouco pode ser uma ansiedade?] Sim... não, sem dúvida. É... é... é sim... Porque eu sei que na hora de sair vai ser uma dor no coração danada... e tá chegando a hora... Tanto que eu quero sair... eu quero ser o primeiro a sair... Sair no primeiro grupo... sair no primeiro, pra não ter que esperar mais. Não posso esperar mais... eu não consigo. (Castilho)*

No entanto, há que se considerar, conforme Canguilhem (2011), que nem toda diversidade ou variação é doença. Ou seja, o anormal não necessariamente é patológico. Neste sentido, Castilho corrobora:

*A vida não é problema não, acontece coisas que a gente chama de problema... tudo aquilo que dá trabalho a gente chama de problema... (Castilho)*

O problema, neste caso, está relacionado ao *pathos* e não à anomalia. Segundo Canguilhem (2011), a anomalia, tida como anormal, não é o patológico, mas sim aquilo que resulta no sentimento direto de impotência e de vida contrariada, constatado pela apropriação. Sales faz uma leitura que tangencia as características da normalidade e anormalidade no *modus vivendi* em questão:

*Eu, graças a Deus, sempre falei pra minha filha: eu... eu... eu quero você longe desse projeto... Quero que você seja uma pessoa normal, que você tenha amigos. Quero que você seja uma pessoa normal... Porque aqui você não vai ficar normal... vai ficar nessa dependência... Quem é filho de quem... filho de não sei quem... Você vai... Você já não tem a tua identidade... Quando ela chega, todo mundo já chama ela de "Salesinha"... Ninguém chama ela pelo nome... Aqui você ainda recebe o nome... pô... É mais ou menos assim... E eu não quis... (Sales)*

O patológico é o anormal, mas no esquema vila-empresa, se configura como normal por ser ele mesmo o esquema elementar da estrutura.

Rabaud distingue anormal de doente, porque o uso corrente e incorreto fez de "anormal" o adjetivo de anomalia, e nesse sentido fala-se em anormais doentes. Há, no entanto, uma maneira de considerar o patológico como normal, definindo o normal e anormal pela frequência estatística relativa. Em certo sentido, pode-se dizer que uma saúde perfeita contínua é um fato anormal. Mas existem ainda dois sentidos para a palavra saúde. A saúde, considerada de modo absoluto, é um conceito normativo que define um tipo ideal de estrutura e de comportamento orgânico; nesse sentido é um pleonasma falar em perfeita saúde, pois a saúde é um bem orgânico (CANGUILHEM, 2009).

Outra razão para não confundir anomalia e doença é que a atenção humana não é sensibilizada por uma e por outra por meio de desvios da mesma espécie. A anomalia se manifesta na multiplicidade espacial; a doença na sucessão cronológica. O próprio da doença é vir interromper o curso de algo; é ser verdadeiramente crítica. Mesmo quando a doença torna-se crônica, depois de ter sido crítica, há sempre um passado do qual o paciente ou aqueles que o cercam guardam certa nostalgia. Portanto, a pessoa é doente não apenas em relação aos outros, mas em relação a si mesma (CANGUILHEM, 2009, p.90). Existe o alívio da nostalgia e a cura da doença? Em alguns casos sim:

*E outra coisa... você tinha falado do pai do fulano que voltou e se recuperou. Teve casos que... a pessoa sentou pra falar... Muitos, muitos, muitos... Nossa Senhora! (Sales)*

Alguns experimentados no remédio aconselham o colega de trabalho, especialmente na decisão em sair da empresa pelo PDI:

*[E você já conversou com outro aposentado... uma pessoa que já saiu?] Jáááá. Muito, muuuuuuito. [E o que ele passou pra você?] Pra não parar de trabalhar nunca: trabalhar até morrer (risos). Mas eu não quero. Eu tô consciente disso. Mas eu não quero. Quero ir embora. (Castilho)*

Muitos, entretanto, não conseguem se ver livres do vínculo e da apropriação, e acabam por transitar entre as vias do vazio:

*Ele já sai daqui num estado depressivo. Porque já vai deixar de conviver aqui dentro. Ele deixou de conviver. (Sales)*

Há que se considerar, entretanto, conforme Debert (2010) que, o curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise (DEBERT, 2010).

Neste campo de experiências abertas, na expressão de Debert (1994) e conforme Matos (2009), é necessário recepcionar no presente aquele excedente de sentido do que aconteceu e que pode ser de valia neste mesmo presente, de forma a ensinar os sujeitos a enfrentar o infortúnio e a boa sorte.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O Albatroz*

*Às vezes, por prazer, os homens da equipagem,  
 Pegam um albatroz, imensa aves dos mares,  
 Que acompanham, indolente parceiro de viagem,  
 O navio a singrar por glaucos patamares  
 Tão logo o estendem sobre as tábuas do convés,  
 O monarca do azul, canhestro e envergonhado,  
 Deixa pender, qual par de remos junto aos pés,  
 As asas em que fulge um branco imaculado  
 Antes tão belo, como é feito na desgraça.  
 Esse viajante agora flácido e acanhado!  
 Um, com cachimbo, lhe enche o bico de fumaça,  
 Outro, a coxear, imita o enfermo outrora alado!  
 O Poeta se compara ao príncipe da altura  
 Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar  
 Exilada ao chão, em meio à turba obscura,  
 As asas de gigante impedem-na de voar  
 (Baudelaire, 1975, p.9)*

O homem permanece uma parte significativa de seu tempo de vida em ambientes organizacionais. Sua subjetividade está presente em todas as atividades que realiza – mesmo nos processos mais desumanizadores.

Tomando como referência a simbologia mística de Baudelaire (1975, p.9) nos tempos hodiernos e levando-se em conta o estudo em questão, o navio que singra<sup>10</sup> é a própria organização do trabalho: orgânica, mecanicista e veloz. Mas também é parceira de viagem no que se refere ao trabalhar: das “coisas tangíveis, as menos duráveis são aquelas necessárias ao processo de vida”, diz Arendt (2010, p.118) a respeito do trabalho.

---

<sup>10</sup> N. do A.: optei por não empregar aspas nos termos de Baudelaire (1975, p.9) para evitar sobrecarregar o texto com grifos.

Pensar o homem, o trabalho e a aposentadoria, é refletir sobre a liberdade do sujeito dentro desta esfera laboral, e no trânsito para uma nova etapa da vida. Seu voo, neste caso, representa a capacidade que tem de aproximar-se e distanciar-se. De estar junto às realidades ordinárias, mas não deixar-se prender a elas. Em sua realidade identitária, estará o sujeito na tábua de um convés? Vê-se tão logo que pode estar feito na desgraça.

Reprodutora do ambiente organizacional, a vida em uma vila operária pode reproduzir os mesmos condicionantes do trabalho, e representar assim o risco de prender-se à tábua.

Pensando na ave, no navio, nos homens da tripulação e seu destino, priorizou-se neste trabalho, conforme Bosi (2004, p.15), a memória oral como instrumento precioso para construir a crônica do cotidiano. Desta forma, investiu-se no par teoria e oralidade priorizando a ocasião da aposentadoria, que é composta pelo conteúdo, passado, e a extensão das asas do sujeito. Sem priorizar o passado ou o futuro, utiliza-se deles como elemento para observar a transição e suas resultantes. Pontualmente, o olhar foca-se no momento, como local de investigação. O ser/existir atravessa a pesquisa por meio da memória, da teoria e da fala dos sujeitos. Desta forma, buscou-se detectar o invisível aos manuais, pois conforme BOSI (2004, p.15) “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais escondidas atrás dos episódios”. Assim, através da escuta do entrevistado, foram captadas as vicissitudes da dinâmica de viver duplamente a esfera da organização do trabalho, suas expectativas e conclusivas no trajeto posterior a esse período. Para além da unilateralidade, buscou-se pontos enriquecedores nas entrevistas, como afirma Bosi (2004, p.15): “a memória oral, longe da unilateralidade, tendente em certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza”.

E ainda, “(...) do vínculo com o passado se extrai força para a formação da identidade” (BOSI, 2004, p.16). Neste sentido, não eliminando o passado, procurou-se notar suas coerências e incoerências, na mistura do público com o privado, e os impactos no sujeito.

Através do movimento apropriação-desapropriação e dos conceitos em identidade, buscou-se verificar estruturas no *savoir être*, que permitem ao sujeito saber viver em liberdade (afastamento), tendo em vista que voa ao lado do navio (aproximação); e ser dotado de vida própria, com suas leis, costumes e metas. De posse destes desafios, acompanha-se o sujeito com o olhar e respeito pelas suas decisões. Cada qual dá pistas de caminhos identitários: uns condutores para o nada (o não ser, a patologia), que são os casos daqueles

aposentados que apresentaram dificuldades em se estabelecer em outra comunidade, apresentando em sua fala o sentimento de “vida contrariada”, conforme Canguilhem (2011, p.89). Sem incorrer na dualidade, outros, apesar de sentir as diferentes tonalidades sociais promovidas pela noção de mundo-lá-fora e mundo-aqui-dentro, procuraram construir outra via de existência (o ser, a continuação de uma trajetória). Seria o vínculo com o mundo externo uma das ferramentas para desviar-se do cachimbo: o sufocamento normatizado pelos organismos do navio? São desdobramentos para novas pesquisas.

Seguindo assim, pela “captação da atmosfera do grupo (...) e pela descrição diferenciada e viva” (BOSI, 2004, p.17) em um caminho conduzido pelos protagonistas da história, identifica-se as perdas de quem se deixou prender, e a inauguração de uma nova etapa para aquelas aves que apontaram o olhar para outros encantos.

Para o primeiro grupo, as perdas são referentes àquelas que compõem o si-mesmo, na expressão de James (1890/1952): os componentes do Me material, que figuram a perda da posse do aparelho habitacional; o Me social, representado em um sem fim de significações e do reconhecimento ao *status* da função; e do Me espiritual, o sentimento de pertença a uma espécie de paraíso reservado a um público seletivo e a consciência da própria capacidade enquanto profissional – *homo faber*, na expressão de Arendt (2010), aquele que pode construir e alterar o curso do dia-a-dia em uma organização. De posse da perda, alargado demasiadamente em suas asas e desprovido de uma segunda via identitária, o sujeito vê-se como ser vacante, que transita vazio entre as sendas. Sem sentido, poderá ele acelerar-se, embriagando-se do cachimbo e largando-se na tontura do ser jogado pelos movimentos dos homens da tripulação, em meio à turba obscura. Desta forma, poderá ele preencher o tempo na ideia de matar o tempo, como expressa Matos (2009), no que incorrerá no risco de viver sob a égide do tédio ou da monotonia. Lançando-se novamente para fora, poderá encontrar no consumo o conteúdo para insuflar o vazio, acordante com o dito popular que afirma que “saco vazio não para em pé”. O que se refere à sabedoria popular diz respeito a saciar a fome. E acaso não estão famintos de sentido estes aposentados que transitam o vazio?

De outro lado, sem usar de um estereótipo do sujeito que alcançou a redenção, questiona-se se a criação de novas vias identitárias, o vínculo com mundo externo e a realização do movimento de apropriação-desapropriação, que podem conduzir os sujeitos a um sentir-se localizado no mundo dos viventes, um buscador de novos sentidos. O ser/existir

se estabeleceria em uma nova realidade, tão dignificante quanto à anterior e, repousado – no que se refere ao alívio de ter ultrapassado as zonas da morte no trânsito para o chamado mundo externo – se inauguraria uma nova etapa? Neste ponto é possível pensar sobre o impacto do novo *status* do existir em novos componentes de tempo, pessoas e lugares, o impacto na estrutura identitária em seu caráter de complementariedade e a personificação de um novo ser.

O distanciamento entre o sujeito aposentado e o navio não lhe resulta em esquecimento do anterior, mas em um rico material compositor da estrutura do ser, tal como apresentado na fala de entrevistados como Torres e Souza. O passado não é eliminado, mas é um fundamento. Assim, levando em conta o pensamento de BOSI (2004, p.20): “o mago que transmuta o passado em futuro deve ter mão rápida para capturar o Tempo no átimo de sua cognoscibilidade porque ele fulgura um instante e desvanece”. Desta forma, em se tratando de aposentadoria e identidade, aponta-se a necessidade da percepção artesanal de um passado enquanto componente e contributo para o presente. Ou seja, colhe-se rapidamente aquilo que a natureza tem a oferecer, mas na esperteza de um camponês que distingue o fruto entre as ervas. Destaca-se que a morada em um passado pode representar a cristalização de um estado psíquico que, na expressão de Sartre (1998), não é idêntico ao presente.

Se o olhar demora e fixa, retém o estereótipo, não uma coisa viva como a imagem que sobe do passado com todo o seu frescor. Chamada de novo, trabalhada na percepção do agora, arrisca-se a fugir da captura de um presente que não se reconhece nela (BOSI, 2004, p.20).

Alterando os estados entre o ser que foi e o não ser que é, incorre-se em decretar para si mesmo o fim da linha. Mas do contrário, sem receio de polarizar os eventos, mistura-se os componentes do passado ao presente em uma adição complementar, não resumida em uma unidade coerente, nem tão pouco fragmentada, como afirma Hall (2011), mas ciente do que foi e do que se constitui no presente, ainda que envolta em uma estrutura pessimista do ser/existir para o velho na contemporaneidade, pois como afirma Bosi (2007, p.19):

“Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar, de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega a medida que a memória vai tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro e o outro é um opressor” (BOSI, p.19, 2007).

No entanto, aquele que lançou mão dos propósitos da apropriação-desapropriação, o ligar-se e desligar-se, na expressão de Arendt (2010), pode novamente aproximar-se e distanciar-se da mundaneidade, o navio, que ao mesmo tempo o encanta, e tão logo o prende. A pesquisa em pauta aponta a necessidade de ampliar o estudo das questões que envolvam os impactos do *locus* no sujeito e, em especial, o aprofundamento a respeito do movimento de aproximação e distanciamento feito pelos moradores das vilas operárias em pesquisa. Além disso, a apresentação de uma atmosfera pessimista a respeito do fim da carreira dado o choque de realidades, bem como o estereótipo paraíso e mundo-lá-fora, frequentemente usado pelos entrevistados, também merece aprofundamento em outros estudos. A pesquisa em questão aponta a fragilidade das estruturas identitárias, dada a separação do complexo habitacional ou vivencial caracterizado na figura de uma mãe pelos entrevistados. Desta forma, abre-se caminho para mais uma faceta de pesquisa, o dual filiação-orfandade presente na fala de sujeitos que depositaram de si-mesmo em uma mistura do público e do privado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. V.1. 235 p.
- ALVARENGA, L.; KIYAN, L.; BITENCOURT, B.; WANDERLEY, K. Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, n.43 v.4, p.796-802, 2009.
- ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N; SÉRIO, T. M. P. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1999.
- ARENDDT, H. **A condição humana**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2012.
- BAUDELAIRE, C. **Oeuvres complètes, volume 1**. Paris: Gallimard, 1975.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BLAY, E. A. Dormitórios e vilas operárias: o trabalhador no espaço urbano brasileiro. In: VALLADARES, L. (Org.). **Habitação em questão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.143-154.
- \_\_\_\_\_. **Eu não tenho onde morar. Vilas operárias do estado de São Paulo**. São Paulo. Editora Nobel, 1985.
- BOBBIO, N. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. 14ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2007.
- BOMFIM, S. S. **A moradia do operário no Brasil: o caso da vila Santa Cruz, Estância, SE**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2007.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 14ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A pesquisa em Memória Social**. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 1993. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a12v4n12.pdf>> Acesso em 15 out 2014.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CALDAS, C. P. A produção social da velhice. **Revista do Instituto de Medicina Social da UERJ, Série Estudos em Saúde Coletiva**, n.29, 1992.

- CAMPOS, M. **Cultura democrática e processos participativos em Angra dos Reis (1989 – 2000)**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CHANLAT, J. (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas, volume I**. 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 1996.
- CORREIA, T. **Pedra: Plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas – SP. Papirus, 1998.
- DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. **Antropologia e Velhice, Textos Didáticos**, n.13, p.7-27, 1994.
- \_\_\_\_\_. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.12, p.39-56, 1996.
- \_\_\_\_\_. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.16, p.49-70, 2010.
- DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- DOMINGUES, B. H. **Reinventar a roda: a política nuclear no Brasil entre 1964 e 1978**. Juiz de Fora: Coppe/UFRJ e EDUFJF, 1997.
- DUBAR, C. **A crise de identidade: as interpretações de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- EDELMAN, B. **La maison de Kant: conte moral**. Paris: Payot, 1984.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes, volume 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FARAH, F.; FARAH, M. **Vilas de mineração e de barragens no Brasil: retrato de uma época**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas – Sociedade Anônima Mineração de Amianto, 1993.
- FORTES, M. **Age, generation and social structure**. In: KERTZER, D.; KEITH, J. (Org.). **Age and anthropological theory**. New York: Cornell University, p.137-184, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. (Orgs.). **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix/USP, 1956/1973.
- JAMES, W. **The principles of psychology**. London: McMillan e Co. Ltd., 1890. Britannica Great Books, University of Chicago, 1952.
- KINOUCHI, R. R. Tão perto, tão distante: William James e a psicologia contemporânea. **Scientiae Studia**, v.7, n.2, p.309-315, 2009.
- KOHLI, M.; MEYER, J. Social structure and social construction of life stages. **Human Development**, v.29, n.3, p.145-149, 1986.

- LIPORONE, F. **Da hierarquização funcional à segregação do espaço urbano: uma análise da Vila Operadora de Estreito, SP**. 2007. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- MATOS, O. Sociedade: tolerância, confiança, amizade. **Revista USP (Dossiê Direitos Humanos no Limiar do Século XXI)**, n.37, p.92-100, 1998.
- \_\_\_\_\_. Baudelaire: antíteses e revolução. **Alea: Estudos Neolatinos**, vol.9, n.1, p.88-101, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo**. Revista do Serviço Público, v.59, n.4, p.455-468, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Tempo sem experiência**. 2009. Palestra gravada em vídeo. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/integra-tempo-sem-experiencia-olgaria-matos>>. Acesso em: 5 fev. 2014.
- MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Traducción Florial Mazia. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 1973.
- MEIHY, J. C. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOSCOVICCI, S. A invenção da sociedade. Sociologia e Psicologia. Editota Vozes, Petrópolis, RJ, 2011.
- OLIVEIRA, R. S. **Aproximações entre experiências de moradia popular no bairro Belenzinho (SP): Mutirão do Casarão e Vila Maria Zélia – Memória e Segregação**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PERROT, M. **História da vida privada 4 - da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2012.
- PIQUET, R. **Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- REDONDO, N. **La construcción de una imagen social de la vejez**. Em Congreso Español de Sociología, 4. Madri: Sociología de las Edades, 1992.
- REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo, Pioneira Thompson Learning, 2005.
- ROLNIK, R. **A cidade e a lei**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- SALGADO, M.; FRANCISCATTI, V. S. A análise dos dados da História Oral: fundamentos para uma Psicologia Crítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.14, n.1, p.304-319, 2014.
- SANTOS, C. F.; ARIENTE, M.; DINIZ, M. V. C.; DOVIGO, A. A. O processo evolutivo entre as gerações X, Y e *Baby Boomers*. In: SEMEAD – SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO, 14, 2011, São Paulo. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2013.



SANTOS, M. F. S. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1990.

SARTRE, J. **O Ser e o nada**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SILVA, G. O. **Angra I e a melancolia de uma era - um estudo social sobre a construção social do risco**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

VALDERRAMA, B. B.; OLIVEIRA, M. R. S. Novos usos e significados das vilas operárias da antiga fábrica Brasital. São Paulo: **Revista CPC**, n.5, p.53-75, 2008.

VIANNA, M. P. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: < [http://www.eesc.sc.usp.br/nomads/SAP5846/mono\\_Monica.pdf](http://www.eesc.sc.usp.br/nomads/SAP5846/mono_Monica.pdf) >. Acesso em: 12 dez 2013.

VINCENT, G. **História da vida privada 5 - da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

## ANEXO – DOCUMENTO DE SIGILO DE INFORMAÇÕES – ENTREVISTAS

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

#### E

### COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,

RG: \_\_\_\_\_ emitido pelo(a): \_\_\_\_\_,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

\_\_\_\_\_  
CPF: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_, emitido pelo(a): \_\_\_\_\_,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de \_\_\_\_\_, Estado \_\_\_\_\_, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá . O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. O(a) pesquisador(a) se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade.

Local e Data:

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(assinatura do entrevistado/depoente)